

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

**QUALIDADE NO JORNALISMO INFANTIL: ESTUDO  
DO PROGRAMA TV PIÁ DA TV BRASIL**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Laíssa Grabinski Saldanha Brocker Sardiglia**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**



# **QUALIDADE NO JORNALISMO INFANTIL: ESTUDO DO PROGRAMA TV PIÁ DA TV BRASIL**

**Laíssa Grabinski Saldanha Brocker Sardiglia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social –  
Jornalismo, Área de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria  
(UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de  
**bacharel em Comunicação Social – Jornalismo**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Aline Roes Dalmolin**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**



**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o  
Trabalho de Conclusão de Curso

**QUALIDADE NO JORNALISMO INFANTIL: ESTUDO DO  
PROGRAMA TV PIÁ DA TV BRASIL**

elaborada por  
**Laíssa Grabinski Saldanha Brocker Sardiglia**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**bacharel em Comunicação Social – Jornalismo**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**Profª Drª Aline Roes Dalmolin  
(Orientadora)**

**Profª Drª Laura Strelow Storch**

**Profª Ma Jonária França da Silva**

**Santa Maria, 1 de julho de 2015**



## RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
Universidade Federal de Santa Maria

### **QUALIDADE NO JORNALISMO INFANTIL: ESTUDO DO PROGRAMA TV PIÁ DA TV BRASIL**

**AUTORA: LAÍSSA GRABINSKI SANDANHA BROCKER SARDIGLIA  
ORIENTADORA: ALINE ROES DALMOLIN**

Data e local de defesa: Santa Maria, 1 de julho de 2015

O presente projeto realiza uma análise acerca da qualidade no conteúdo do programa jornalístico infantil *TV Piá*, o qual é desenvolvido pela emissora pública *TV Brasil*. A investigação desenvolveu um quadro de padrões para a análise da qualidade do jornalismo infantil, elaborado a partir da compilação de princípios defendidos por diferentes autores, entidades e organismos internacionais. Tais valores são selecionados por suas contribuições à informação e expressão das crianças, com efeitos no seu desenvolvimento pessoal e na sua atuação em sociedade. Sendo eles organizados dentro três categorias: a participação, a informação e a linguagem. Esses princípios são utilizados como referência para um estudo de caso das matérias do quadro *Piá Repórter*, buscando-se ao fim avaliar a qualidade do conteúdo no programa.

**Palavras-chaves:** Jornalismo Infantil. Qualidade no Jornalismo. Programas Infantis.





## ABSTRACT

This present project accomplish a quality analysis on the children's journalistic program *TV Piá* for, who is developed for the public broadcasting station *TV Brazil*. The investigation developed a board with standards for a quality analysis about the journalism for children, created with a compilation of different authors', polities' and international organizations' principles. Such principles are selected for children's information and expression contribution, with effects on their personal developed and social action. They are organized in three categories: Participation, Information and Language. These principles are used like references to a case study about stories from segment *Piá Repórter*, reaching for evaluate the quality of the program content.

**Keywords:** Journalism for Children. Journalism Quality. Programs for Children.



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Edição da revista <i>O Tico-Tico</i> de 1948.....	23
Imagem 2 – Publicidade da <i>Folha de São Paulo</i> .....	25
Imagem 3 – <i>Site</i> da agência Headliners.....	26
Imagem 4 – Reportagem do programa Newsround.....	27
Imagem 5 – Princípios de qualidade para o jornalismo infantil.....	49
Imagem 6 – Abertura do programa <i>TV Piá</i> .....	52
Imagem 7 – Abertura do quadro <i>Piá Repórter</i> .....	54
Imagem 8 – Menino entrevistando adulto no episódio 28.....	55
Imagem 9 – Menino falando sobre sua colega com síndrome de Down no episódio 18.....	58
Imagem 10 – Reportagem sobre Manaus no episódio 12.....	64
Imagem 11 – Presença de personagens da mídia no episódio 23.....	67
Imagem 12 – Animação representando explicação no episódio 12.....	70
Imagem 13 – Imagem e CG junto à explicação no episódio 2.....	71



## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Lista das reportagens por episódio.....	82
Apêndice B – Descrição das reportagens do quadro <i>Piá Repórter</i> .....	86



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1 CONTEXTUAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
1.1 Desenvolvimento de um jornalismo para crianças.....	20
1.2 Jornalismo como produto infantil.....	28
<b>2 QUALIDADE NO JORNALISMO INFANTIL.....</b>	<b>32</b>
2.1 Razões para responsabilizar a mídia infantil.....	33
2.2 Estudo de qualidade.....	36
2.3 Princípios de Qualidade no Jornalismo Infantil.....	38
2.3.1 Participação.....	39
2.3.2 Informação.....	41
2.3.3 Linguagem.....	47
<b>3 ANÁLISE DE QUALIDADE.....</b>	<b>50</b>
3.1 TV Brasil e a televisão pública no país.....	50
3.2 TV Piá.....	52
3.3 Análise da qualidade no programa.....	53
3.3.1 Participação.....	54
3.3.2 Informação.....	60
3.3.3 Linguagem.....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>87</b>





## INTRODUÇÃO

A grande difusão de conteúdos para crianças é uma realidade. Ela exerce uma segmentação de público, resultado da definição de infância como fase diferenciada do processo humano e que gerou o surgimento dos mais variados produtos em diversas mídias. Alguns deles adotando o jornalismo como linguagem, a partir da transmissão de informações às crianças. Porém, mesmo que muitas dessas iniciativas tenham sido criadas seguindo perspectivas pedagógicas e inclusivas, a mídia infantil acabou por se desenvolver conforme os interesses capitalistas. A rentabilidade desejada pelas empresas de comunicação representou, em muitos casos, uma adaptação desses produtos jornalísticos. O valor informativo foi substituído por conteúdos de consumo mais fácil, como entretenimento e cultura da mídia, o que gerou uma reação de alguns setores da sociedade. A qualidade desses produtos midiáticos foi questionada por pedagogos e entidades públicas, em razão de não contribuir para o desenvolvimento pessoal e participativo das crianças.

Por esta razão há um grande histórico de pesquisas da Pedagogia voltadas a entender a relação “criança e mídia” e que levantam questões muito relevantes. Porém, do ponto de vista jornalístico, a produção de informações às crianças ainda é pouco pesquisada. Mesmo que tenhamos ampliado nossas perspectivas sobre infância, principalmente envolvendo educação para a mídia e estudos de representação, ela ainda não é claramente percebida como uma segmentação de público dentro do jornalismo. Dessa forma, entendo esse projeto como uma iniciativa de ampliar tais questões. Numa perspectiva mais abrangente, o objetivo do projeto é ampliar a compreensão sobre os diversos produtos informativos que são produzidos para crianças; trazendo-os mais para perto dos estudos jornalísticos e comunicacionais. Como também, aproximar mais a informação dentro do jornalismo infantil das necessidades e interesses das crianças. Ou seja, incentivar a criação de produtos que ampliem a participação das crianças da mídia como também as represente dignamente, tratando-as como sujeitos inteligentes e socialmente ativos. Dessa forma, fugir as recorrentes lógicas comerciais e de entretenimento presentes em alguns desses produtos, contribuindo para uma maior qualificação do jornalismo infantil.

Assim, despontou como principal problema de pesquisa compreender que fatores conferiam qualidade ao jornalismo infantil. Ou seja, os elementos que fortaleciam o desenvolvimento da criança, atendendo e respeitando suas necessidades e interesses, como também estavam em consonância com os valores éticos esperados do jornalismo. Tal questão,

e indagações relacionadas, norteou o desenvolvimento dessa pesquisa, que em sua proposta inicial visava ser um projeto experimental. Por causa de interesses pessoais como o audiovisual, intencionava-se uma aplicação prática dos princípios qualificadores do jornalismo infantil. Porém, em decorrência da falta de bibliografias específicas sobre as características da informação para crianças, a proposta experimental foi abandonada. Mas não à toa, visto que um entendimento acerca das qualidades do jornalismo infantil era mais essencial para a melhoria e o desenvolvimento desses produtos. Além de conferir uma base teórica à futuros projetos experimentais.

Assim, para fins de contextualização, o primeiro capítulo buscou responder questões sobre a origem do jornalismo infantil. Para esclarecer sobre a segmentação de público e desenvolvimento de produtos informativos pra crianças, foram utilizados autores como Ariès. Tal historiador é fundamental para entender como se desenvolveu uma consciência social sobre infância, ou seja, a percepção dessa fase uma experiência específica no processo de vida humano. Além disso, Ariès também é necessário para compreender a segmentação de produtos as crianças, como também a segmentação no jornalismo. Suas teorias são acompanhadas pela contextualização histórica desenvolvida por Arroyo a respeito do surgimento da imprensa infantil nacional e internacional. Como também, da teoria sobre a origem cultural dos brinquedos e brincadeiras defendida por Vygotsky. Nessa primeira parte também são incluídos alguns autores que relacionam o desenvolvimento da infância e da imprensa infantil com o desenvolvimento do jornalismo para crianças, como as autoras Varão e Bemfica. Por fim ainda são citados alguns dispositivos legais estabelecendo direitos e medidas de proteção às crianças. Sendo o principal caso a Convenção dos Direitos das Crianças de 1989, visto sua iniciativa em promover os direitos a informação e a opinião às crianças.

Dessa forma, o presente projeto se direcionou ao aprofundamento das características esperadas de um jornal infantil, organizando-as por meio de pesquisas bibliográficas em autores, entidades e documentos legais. Tais questões são desenvolvidas no segundo capítulo, que está estruturado em três diferentes perspectivas para se perceber a qualidade no conteúdo: participação infantil, informação e linguagem. Na primeira parte, me baseei na noção de Cohn da criança como produtora cultura a fim de defender a sua participação na construção do conteúdo. Junto a isso, trouxe problemáticas apontadas por autores como Block e Steinberg e Kincheloe, os quais criticam a pouca diversidade de participação e representação nas mídias direcionadas as crianças. Ainda se inclui uma pequena explicação, baseada em autores como

Mielniczuk, sobre a interação entre público e mídia, destacando suas contribuições para se pensar um jornalismo infantil.

Por outro lado, no segundo tópico analisado, me enfoquei em perceber o que seria qualificador para se pensar a informação tanto do ponto de vista jornalístico quanto infantil. Para isso me baseei nos estudos de crítica da mídia de Guerra, nos quais ele aponta princípios como objetividade, pluralidade e relevância como fundamentais a um jornalismo de qualidade. Acrescenta-se a isso fatores surgidos por meio das críticas de diversos autores. É o caso da falta de problemáticas apontada por autores como Block e Bonin e Vargas, a falta de cultura local citada por Jempson, a valorização ao consumismo criticada por Steinberg e Kincheloe e descontextualização das informações jornalísticas indicada por Becker.

Já na terceira e última parte desse segundo capítulo, procurei pesquisar quais as características de uma linguagem que favoreceria e compreenderia as especificidades de informar crianças. Para isso, me relatei análises de teóricos como Piaget e Vygotsky, os quais esclareciam questões a respeito da construção do conhecimento humano, ludicidade, e a carga simbólica das brincadeiras. Tais questões surgiram como essenciais para se compreender as características de uma linguagem direcionada as crianças, a fim de contribuir para o desenvolvimento do seu conhecimento e da sua participação social. Ainda se incluem nesse tópico o entendimento sobre o caráter qualificador de princípios como entretenimento e didatismo, com os quais relaciono os autores acima já citados. Nesse caso, busco pensar no valor que uma linguagem divertida e que promova a aprendizagem pode contribuir também para uma qualificação da informação.

Junto a esse aprofundamento acerca da qualidade no jornalismo infantil, decidiu-se aplicar os princípios apurados numa análise de qualidade de um produto nacional. Esses fatores de qualidade foram utilizados como quadro de observação, norteando a aplicação da metodologia assim como posteriormente a crítica. O caso escolhido para a pesquisa foi o programa de não ficção *TV Piá*, elaborado pela emissora pública *TV Brasil*. O programa surgiu em 2010, e até hoje possui ao todo três temporadas.

Além disso, foi escolhida uma metodologia de estudo de caso, por se direcionar a compreensões de realidades que se mostram complexas. Tal método me parece propício para uma pesquisa sobre jornalismo infantil, visto que se trata de um fenômeno ainda pouco estudado. Conforme Duarte, ele “reúne [...] informações numerosas e detalhadas para apreender a totalidade de uma situação”, como também é por meio do estudo de caso que “buscam-se regularidades ou padrões de associação que não são idiossincráticos aos fatos

examinados, mas comuns à toda categoria de fatos semelhantes” (2011, p. 216). Além disso, o estudo de caso também permite uma maior contextualização dos dados apurados na análise, permitindo um entendimento sobre diversos fatores envolvidos uma realidade. Ou seja, contribui para esclarecer como tais princípios de qualidade se apresentam e se relacionam no programa. Essas potencialidades no grupo focal são esclarecidas por Yin (apud DUARTE, 2011, p.216)

o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.

Assim, para o estudo de caso decidiu-se reduzir o corpus para apenas episódios da terceira e última temporada do programa. Também seriam analisadas apenas matérias do quadro *Piá Repórter*, visto que o tal se propõe a incluir a criança na função de repórter. Uma proposta de mais participação da criança na função de jornalista do que temática, como em outros quadros do programa.

Já a pesquisa foi desenvolvida por meio de uma descrição de cada matéria assistida, apontando elementos que se relacionados com os princípios de qualidade estudados. Com isso, buscou-se saber “COMO” e “PORQUE” os elementos de qualidade estão presentes nas matérias, visto que se tratam de “ligações operacionais que necessitam ser traçadas ao longo do tempo, em vez de serem encaradas como meras repetições ou incidências” (YIN apud DUARTE 2011, p. 219). Tais apontamentos foram seguidos por uma análise descritiva presente no terceiro capítulo, na qual são trazidos os resultados sobre o programa. Isso, estruturado segundo cada princípio de qualidade elencado no capítulo anterior. Além disso, esta parte do trabalho conta de um breve relato a respeito à *TV Brasil*, emissora pública produtora do programa analisado, abrangido para um histórico de sua criação e para a compreensão a respeito da presença de televisões de caráter público no país. Seguido por um também breve esclarecimento a respeito do próprio programa *TV Piá*; informando desde dados, características, quadros e até a proposta do programa.

Os apontamentos gerais a respeito das aproximações do programa com os princípios de qualidade são apresentados nas Considerações Finais. Junto a indicações de melhorias que poderiam ser seguidas por esse programa e por futuras produções jornalísticas infantis.

# 1 CONTEXTUAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 Desenvolvimento de um jornalismo para crianças

Diferentemente do que se possa supor, o jornalismo direcionado a crianças não se trata de um acontecimento recente, ou seja, de um reconhecimento empresarial desse segmento como público consumidor ansioso por produtos informativos. Pelo contrário, mesmo que corresponda a uma segmentação editorial, seu surgimento tem uma origem muito mais antiga. Esse jornalismo é resultado de uma consciência social, que percebe na infância uma experiência diferenciada na vida humana e detentora de necessidades específicas a serem respeitadas.

Conforme o historiador Ariès (1981), na sociedade tradicional o reconhecimento da infância durava apenas o período de maior fragilidade e dependência das crianças, quando, enquanto bebê, ela se mostrava incapaz de se alimentar e sobreviver sozinha. Bastava a criança adquirir “algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos” (ARIÈS, 1981, p. 10). Ou seja, nessa época não havia muita distinção entre o que era infância, adolescência e juventude; muito menos uma noção de transição entre essas fases. Depois que, de certa forma, se tornava “independente”, a criança ingressava diretamente na idade adulta, tendo que conviver com as obrigações e o estilo de vida dos adultos.

Por volta do século XVII, a presença da criança na sociedade começa a mudar. Inicialmente em meio às famílias nobres, nas quais as crianças passam a centralizar a atenção, principalmente pela associação a características como inocência, alma e cuidado. Conforme Ariès (1981), resultado, em parte, da presença de representações como do Jesus criança, anjos e de Maria mãe. Assim, a partir de tais questões, a “família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato” (ARIÈS, 1981, p.12). Junto a isso, e extremamente mais influente, está uma reação por parte de moralistas, como religiosos e legisladores, buscando afastar as crianças do meio adulto, considerado impuro e corrupto. Tal reação se baseava em perceber a criança como um futuro adulto, que deveria ser preparada para alcançar uma maturidade digna e correta. Porém, mesmo que houvesse maior cuidado em relação às crianças, elas ainda não eram consideradas

por suas especificidades; mas vistas como seres primitivos e irracionais, a ter o lado adulto desenvolvido.

Atribuía-se a ela modos de pensar e sentimentos anteriores à lógica e aos bons costumes. Era preciso educá-la para desenvolver nela o caráter e a razão – traços que estavam fora dela, nos adultos. Na realidade, não podendo compreender as pequenas criaturas naquilo que as caracterizava, instituía-se um padrão adulto para estabelecer julgamentos. No lugar de procurar entender e aceitar as diferenças e semelhanças das crianças, a originalidade de seu pensamento, pensava-se nelas como páginas em branco a serem preenchidas, preparadas para a vida adulta (BRASIL apud VARÃO; BEMFICA, 2009, p.3)

Para permitir esse desenvolvimento, conforme Ariès (1981, p.11), a “criança foi separada dos adultos e mantida à distância, numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio”. Isso se mostra como uma grande mudança para o desenvolvimento da infância, pois retira as crianças de uma aprendizagem compartilhada com os adultos para uma educação escolarizada. Também são reforçados os laços familiares em torno da criança, visto que a família se tornou um espaço de afeição e cuidados necessários para contribuir com a sua educação. Porém, tais mudanças não foram tão rápidas. A escola surgiu como espaço de hierarquia e disciplina, baseado em castigos e vigilâncias como meios para educar para o “bem”. (ARIÈS, 1981). O mestre poderia utilizar as medidas necessárias, do seu ponto de vista, para instruir e moralizar as crianças, visto que na opinião vigente na época, tratavam-se de seres fracos e primitivos. Além disso, o espaço escolar não incluía todas as crianças igualmente, como meninas e crianças pobres; pelo contrário, os que ingressavam eram, em sua imensa maioria, advindos de classes privilegiadas (ARIÈS, 1981). Quando a criança passou ser percebida como um adulto em formação, que necessitava de cuidados para alcançar uma maturidade digna, as iniciativas escolares deixaram de ser tão humilhantes (ARIÈS, 1981).

Essa atenção delegada às crianças influenciou, conforme o Ariès (1981), uma reorganização da vida social. As relações sociais perderam o seu enfoque comunitário, para se desenvolverem no espaço privado, polarizando a vida em sociedade na família e no trabalho. Por outro lado, e que parece mais relevante ao trabalho, a diferenciação da infância resultou no surgimento de produtos específicos e direcionados crianças. É o que aborda Lajolo (apud VARÃO; BEMFICA, 2009, p. 3), visto que “com o passar do tempo, outras segmentações se foram tornando necessárias ao no interior desse primeiro grande segmento dos não-adultos”. Entre essas segmentações podemos incluir o já citado surgimento da escola; porém, mais essencial para se pensar o jornalismo infantil, desponta, nessa mesma época, uma imprensa

direcionada às crianças. Conforme Tassi (apud VARÃO; BEMFICA, 2009, p.5), os “primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professores, com intenções de sentido educativo”, sendo que podemos incluir livros pedagógicos e o advento de uma literatura infantil.

o conceito de infância é bastante difundido, bem como a ideia de que o ser humano passa por fases distintas e bem marcadas de desenvolvimento, que devem ter suas particularidades levadas em consideração quando da produção de materiais destinados a essas fases, incluindo aí o jornalismo (VARÃO; BEMFICA, 2009, p.2)

Voltada a essas mesmas perspectivas, incluindo contos de fantasia e conteúdos educativos, surgem os primeiros semanários direcionados a crianças. Entre os primeiros, podemos citar as publicações francesas *Le Megasin d'Education et Récréation*, que data de 1751, e *Magasin des Enfants*, de 1758. Na mesma época, em 1752, surge também a revista inglesa *The Lilliputian Magazine*, considerada por alguns autores a primeira manifestação da imprensa para crianças no mundo. Mas, além de semanários, o jornalismo infantil também começa a se desenvolver dentro das próprias escolas como método pedagógico; o qual, criado pelo pedagogo *Freinet*, consistia em ensinar a leitura e a escrita pelo contato com a prática jornalística (VARGAS, 2010). Tal método se torna comum em muitas escolas, principalmente entre as brasileiras onde surgem, por exemplo, publicações como *O Juvenil*, em 1835 no Rio de Janeiro, e o *Kaleidoscopio*, em 1860, em São Paulo (ARROYO, 1990). Porém, essas publicações escolares acabavam durando pouco tempo. Isso porque, conforme relembra Arroyo (1990, p. 142), devemos levar em conta “as naturais dificuldades que haveria para esses mesmos jornais e revistas ultrapassarem a fase do primeiro ou até do quarto número, num meio social pobre, econômica, técnica e pedagogicamente”. Mas a autora também não ignora que essa imprensa infantil escolar foi muito importante para o desenvolvimento de uma literatura nacional, visto que eram “veículos que recebiam e faziam circular as primeiras manifestações literárias de intelectuais, escritores e poetas, que mais tarde, muitas vezes se salientariam no país das letras” (ARROYO, 1990, p. 140).

Porém, é só no início do século XX que surge o primeiro grande referencial de jornalismo infantil no Brasil, a revista *O Tico-Tico*. Lançada em 1905, ela desponta como a primeira publicação técnica e racionalmente estruturada para o viés infantil, representando uma renovação entre as publicações já existentes. É o que comenta Arroyo (1990, p. 152) ao tratar da revista:

Mas já então *O Tico-Tico*, como que galvanizando toda a necessidade de leitura das crianças brasileiras, se impunha pioneiramente como publicação tecnicamente concebida. Fora a revista organizada em bases racionais, com motivos e temas de interesse nacional. O grande número de pequenos jornais e revistas que antecederam com dificuldades a importante publicação de Luís Bartolomeu de Sousa e Silva havia criado condições excepcionais para o triunfo de *O Tico-Tico*, que haveria, por mais de meio século, de se tornar leitura obrigatória das crianças brasileiras.

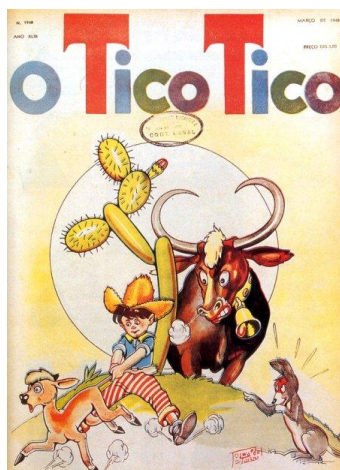


Imagem 1 – Edição da revista *O Tico-Tico* de 1948  
Fonte: Blog da Biblioteca Nacional <sup>1</sup>

Um dos grandes diferenciais da *O Tico-Tico* era que ela seguia o referencial de muitas publicações internacionais já reconhecidas, de certa forma “imitando os processos estrangeiros de apresentação gráfica e de redação” (ARROYO, 1990, p. 154). Com o tempo a revista passou a incluir também temáticas nacionais, assim como personagens tipicamente brasileiros, sendo, alguns, adaptações não autorizadas de personagens de revistas estrangeiras. Esse foi o caso do famoso personagem Chiquinho, que teve origem no personagem americano *Bruster Brown*, criado por Richard Outcault (MERLO, 2004).

Além disso, a experiência como jornalista de Luís Bartolomeu de Sousa e Silva, o fundador da *O Tico-Tico*, foi decisiva para a criação de uma publicação jornalística para crianças. Conforme Arroyo (1990, p.153), Luís Bartolomeu demonstrava interesse em contribuir com a “educação brasileira através de um instrumento – a imprensa – que mais facilmente poderia levar mensagens de educação política e social às massas e às elites”. A revista foi uma das iniciativas do gênero com mais longa duração do país, sendo publicada até

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://blogdabn.wordpress.com/2012/01/10/desenhar-para-sonhar-mostra-de-quadrinhos-na-biblioteca-nacional/>> . Acesso em: 23 de jun de 2015.



o ano de 1962, tendo servido de referência a outras publicações que surgiriam. Para Merlo (2004, p. 9), *O Tico-Tico* foi “a primeira a estabelecer, de norte a sul do país, um importante vínculo com seu público leitor, naquela época, ávido por novidades e mensagens positivas e de intensa brasilidade, fazendo ao mesmo tempo papel educacional e de entretenimento leve”. Já Arroyo percebe que essa e outras revistas infantis da época “não só despertavam o interesse do pequeno leitor, através do instrumento de cultura que representavam, como também se constituíam em veículos galvanizadores de vocação e de discussão de problemas e questões relativas ao aprendizado escolar”. (1990, p. 131)

Por outro lado, Arroyo também defende que essas primeiras publicações infantis apenas serviram de intermédio para a popularização da literatura infantil no país, ao estimularem o hábito da leitura. Conforme ele, os “livros para crianças [...] produzidos em escala industrial e praticamente econômica, substituiu amplamente, como leitura, o jornal infantil” (ARROYO, 1990, p.160). Porém, tal noção do autor me parece obsoleta nos dias de hoje. Conforme Steinberg e Kincheloe (2004, p.13) “A mudança na realidade econômica, associada ao acesso das crianças a informações sobre o mundo adulto, transformou drasticamente a infância”. Percebe-se que as crianças se tornaram um público alvo dentro do jornalismo e de muitos outros produtos, uma segmentação que segue tanto perspectivas econômicas quanto educacionais. Revistas para crianças, assim como outras formas de jornalismo infantil, se adaptaram aos interesses corporativos e se tornaram recorrentes na nossa realidade. O livro não suplantou os jornais para crianças, pelo contrário, ambos se diferenciaram cada vez mais a fim de seguir uma demanda específica. Segundo argumentam Varão e Bemfica (2009, p. 13), a

inclusão de matérias com informações atuais e culturais de interesse dos leitores, a busca por informações novas e explicações com fonte e seções destinadas à participação dos leitores, conferiram aos semanários mais características do jornalismo.

Seguindo o exemplo da revista *O Tico-Tico*, surgiram diversas outras publicações no país. É o caso da revista *Recreio*, criada em 1969 pela *Editores Abril*, que teve sua primeira fase de publicação até o ano de 1981. A publicação tornou-se muito popular entre as crianças, principalmente pela inclusão de um brinquedo a cada edição. O que segue ocorrendo a partir da sua republicação nos anos 2000, mesmo que a revista tenha se readaptado editorialmente e esteticamente (DORETO, 2010). Já mais voltados à linguagem jornalística, surgem, a partir da metade do século, cadernos infantis em diversos jornais brasileiros. É o caso do

suplemento *Folhinha*, criado pelo jornal *A Folha de São Paulo*, em 1963, no formato tablóide. Em seu histórico, o caderno passou por diversas mudanças, como a adoção do nome atual *Folhinha*, em 1987, e a transposição para um site a partir de abril deste ano. Por sinal, tal adoção da mídia *online* se tornou recorrente em muitos cadernos, chegando algumas vezes a substituir a própria versão impressa. É o que esclarece Doretto (2014, p.69):

A importância crescente do formato digital ecoa o discurso, incorporado no senso comum, de que as crianças da contemporaneidade são “nativos digitais” e, portanto, numa espécie de determinismo tecnológico, sabem manipular com maestria aparatos de última geração e se sentem atraídas por telas e teclas, em aparelhos móveis e interativos, mas se interessam pouco por papéis e tevês.



Imagem 2 – Publicidade da *Folha de São Paulo*  
Fonte: Publicidade Folha<sup>2</sup>

Já em nível internacional, o jornalismo infantil desenvolveu-se ainda mais; sendo algumas iniciativas muito inovadoras. Nesse sentido, podemos incluir o projeto *Children's Express*<sup>3</sup>, criado em 1994 no Reino Unido, que se trata de um programa que ensina por meio da prática jornalística crianças de idades entre 8 e 18 anos. Conforme comenta Jempson (2002, p.132):

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/folhinha/>>. Acesso em: 23 de jun de 2015

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.headliners.org/NR/exeres/9F661611-05DF-4391-9F62-A9643053F4BD>>. Acesso em: 19 de jun de 2015.

O projeto do *Children's Express*, que opera na Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido e EUA, capacita os jovens a adquirir habilidades de produção de mídia, produzir seu próprio jornalismo e os ajuda a buscar saídas para os seu trabalho. O exemplar é pesquisado produzido por crianças e jovens de 9-18 anos, depois da escola, nos finais de semana e durante as férias, sob a supervisão profissional. Os grupos mais jovens são treinados como repórteres; os mais velhos, como editores. Eles trabalham em equipes para investigar histórias que lhes dizem respeito, ou tratam de assuntos abordados pela imprensa e televisão. Todo o material é registrado, transcrito e discutido, antes que a versão final seja produzida.

O projeto foi responsável pela realização do seminário *Kids These Days*, em 1998, que apresentou resultados sobre pesquisa de estereótipos jovens na mídia britânica. Partindo da sua iniciativa, também surgiu a *Headliners*<sup>4</sup>, agência de notícias onde crianças e jovens produzem matérias a serem divulgadas em diferentes jornais ingleses. A agência dedica-se a tratar dos mais variados temas envolvendo crianças e jovens, a fim de torná-los mais presentes e melhor abordados na imprensa. Além desses projetos, também pode ser citado o *Voices of Youth*<sup>5</sup> fundado pela UNICEF, em 1995, que é um *site* que publica opiniões, textos e vídeos de crianças de todas as partes do mundo.

Sign Up Sign In Viewing Options

Search this site

S > MAKING NEWS CHANGING LIVES > MAKING NEWS CHANGING LIVES > MAKING NEWS CHANGING LIVES > MAKING NEWS CHANGING LIVES > MAKING NEWS CHANGING LIVES > MAKING NEWS CHANGING LIVES

Home  
About us  
Projects and Services  
Story library  
Contact us

Print this page  
Email to a friend  
Comment on this page  
Link to this page  
Save as PDF

**HEADLINERS**

**Care Leaders**

In both London and the North East we have been supporting young people in or leaving care to speak up about the issues they face, and prepare for life beyond the care system. Discover their stories on our [blog](#).

**Follow Us...**

Keep up to date by connecting with us on [Facebook](#), [Twitter](#) and [Tumblr](#).

**Recent stories**

Hidden Homelessness in Newcastle Upon Tyne

Imagem 3 – Site da agência *Headliners*  
Fonte: Reprodução

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://www.headliners.org/>>. Acesso em: 19 de jun de 2015.

<sup>5</sup> Disponível em: < <http://www.voicesofyouth.org/>>. Acesso em: 19 de jun de 2015.

Em outras mídias podemos também citar o projeto *Radiojojo* criado na Alemanha. Trata-se de um portal de rádio produzido por crianças de mais de 100 países participantes, que enviam conteúdo sobre os mais variados temas. A rádio é direcionada ao público infantil, e recebe a contribuição de qualquer criança interessada desde que nas línguas inglês, espanhol e francês. Utilizando a linguagem audiovisual, podemos citar o *Newsround* desenvolvido pela *BBC*. O programa surgiu em 1972, sendo um dos primeiros exemplos de telejornalismo infantil no mundo, e produz matérias com temas desde *hardnews* até educacionais. Em 2012, o *Newsround* saiu do *BBC One*, principal canal da emissora, e passou a ser transmitido no *CBBC*, específico para crianças.



Imagem 4 – Reportagem do programa Newsround  
Fonte: *CBBC*<sup>6</sup>

Além da *BBC* outros grandes canais europeus investem em telejornal para crianças, é o caso da italiana *RAI*, com o programa *Tiggì Gulp*, e a portuguesa *RTP*, com o *Diário XS*. Na América Latina, envolvendo o audiovisual, podemos incluir propostas como do equatoriano *Red NNACE* desenvolvido pela *Agencia de Comunicación de Niñas, Niños y Adolescentes* (*ACNNA*). O projeto promove a expressão de diferentes crianças e adolescentes por meio da criação de reportagens, que são transmitidas em telejornais do país, como o *Televistazo* do canal *Ecuavisa*.

<sup>6</sup> Disponível em: < [www.news.bbc.co.uk/cbbcnews/hi/newsid\\_8870000/newsid\\_8875900/8875967.stm](http://www.news.bbc.co.uk/cbbcnews/hi/newsid_8870000/newsid_8875900/8875967.stm) >. Acesso em: 24 de jun de 2015

Já no Brasil os telejornais infantis foram muito mais escassos. Conforme Silva (2011), um dos primeiros exemplos foi o *Repórter Caçula* veiculado em 1960 pela *TV Excelsior*, que contava com apresentadores mirins. Um século depois, em 1972, foi criado o Telejornal Globinho da TV Globo, sendo uma das grandes referências de telejornalismo infantil no país. Ele era apresentado por adultos, que “noticiava fatos e assuntos do universo adulto, entretanto se utilizando de uma linguagem acessível a crianças e adolescentes” (SILVA, 2011, p.133). O Globinho, no seu início, tinha a duração de 15 minutos e era transmitido todos os dias de segunda à sexta. Seu caráter noticioso adquiriu reputação com o público, principalmente, com o formato adotado em 1977. O programa continha uma ampla abordagem de temas, além uma estética visual colorida e atraente. Porém, até o seu encerramento em 1982, passou por uma série de reformulações envolvendo horários e dias de transmissão, que o fizeram perder espaço e público.

Já um exemplo mais atual, pode-se citar o programa *Cartãozinho Verde* da *TV Cultura*, que promovia um telejornalismo infantil voltado ao esporte. O programa foi criado em 2012 seguindo o estilo de “mesa redonda” desenvolvido por outro programa da emissora, o *Cartão Verde*. Conforme apresentado no site, a “proposta é falar de tudo que gira em torno do futebol, dos campeonatos nacionais, da Copa do Mundo no Brasil e das Olimpíadas.”<sup>7</sup> Por outro lado, algumas iniciativas envolvendo jornalismo e audiovisual para crianças estão surgindo em meio a internet. Este é o caso da página Recontando, que traz a proposta de criar animações breves explicando acontecimentos em pauta na mídia. A ideia, promovida pela jornalista Simone Rozani, é orientar as crianças em meio ao “turbilhão” de informações diárias. Para isso, conforme divulgado pelo recontando, todos “os episódios que vão ao ar no site passam, necessariamente, pelo crivo do Conselho Editorial Mirim”.<sup>8</sup>

## 1.2 Jornalismo como produto infantil

Inicialmente, apresentei as razões para o surgimento de produtos direcionados a crianças, entre os quais se inclui o jornalismo infantil. Parece-me, porém, também necessário

---

<sup>7</sup> Disponível em: < <http://tvcultura.cmais.com.br/cartaozinho/sobre-o-cartaozinho>>. Acesso em: 25 de jun de 2015.

<sup>8</sup> Disponível em: < <http://www.recontando.com/v2/nossa-historia>>. Acesso em 25 de jun de 2015.

abordar as causas para especificamente essa área do conhecimento se tornar um produto infantil, ou seja, o porquê de produzir jornalismo para crianças.

Como já citado neste capítulo, os primeiros jornais e revistas infantis foram desenvolvidos devido às capacidades educativas associadas a essas mídias. Uma lógica de aprendizagem complementar à escola, que ainda hoje se difunde por muitas mídias. Porém, outras causas parecem-me tão influentes quanto. Primeiramente, seguindo o que defende Ariès (1981), percebo os produtos infantis como um “repositório dos costumes abandonados pelos adultos”. Ou seja, de que muitas das brincadeiras associadas às crianças já eram praticadas pelos adultos, como é o caso das danças de roda (ARIÈS, 1981). Claro que, ao associar com o jornalismo, não podemos ignorar que não se trata de uma brincadeira, e muito menos de um costume adulto abandonado. Mas, a visão do autor contribui para percebermos que muitos dos produtos infantis são também, ou já foram, produtos direcionados aos ‘mais velhos’. Para ele, essa herança seria uma necessidade de imitar os adultos, ou, como melhor esclarecido, alguns “deles nasceram do espírito de emulação das crianças, que as levam a imitar as atitudes dos adultos, reduzindo-as à sua escala: foi o caso do cavalo de pau” (ARIÈS, 1981, p. 88).

Tal visão carrega os mesmos pressupostos defendidos por Vygotsky ao abordar a origem cultural dos brinquedos e das brincadeiras. Conforme é definido pelo autor, a “brincadeira [...] se reveste de caráter cultural, a partir da interação da criança com seus semelhantes ou com os objetos culturais, configurando-se, por meio da fantasia e da imaginação, o controle da ação pela ideia (signo) e não mais pelo objeto” (VYGOTSKY apud VITÓRIA, 2003, p. 31). Ou seja, o brinquedo e a brincadeira seriam signos culturais que, de certa forma, imitam o comportamento adulto e preparam a criança para viver essa maturidade. Vitória (2003, p. 32) esclarece esse aspecto em seu comentário:

É nesse ato de representar a vida cotidiana, por meio do brinquedo, que a criança expressa seus entendimentos do universo adulto, exteriorizando-os de forma natural, espontânea e inequívoca, mas também, desvelando a cultura de uma época, os valores que a sustentam, os costumes que a caracterizam e as manifestações artístico-religiosas de que se revestem.

Dessa forma, tais práticas infantis estão culturalmente revestidas de significados, carregando valores de uma sociedade, de um povo. Elas podem ser percebidas, por exemplo, pela diferenciação existente entre brinquedos femininos e masculinos. Podemos citar o “brincar de casinha”, incentivado às meninas, que carrega os mesmos valores da vida

doméstica delegados culturalmente ao gênero feminino. Isso é abordado por Brujes (apud VITÓRIA, 2003, p. 42), ao falar que as brincadeiras “acabam por se constituir em estratégias através das quais os diferentes grupos sociais usam a representação para fixar a sua identidade e a dos outros”. Dessa forma, podemos perceber o jornalismo infantil como uma adaptação de um produto adulto às crianças, o qual, ao mesmo tempo em que visa informá-las, também atua para incluí-las e prepará-las para o “mundo adulto”. O mesmo tema é tratado por Block quando comenta sobre as publicações impressas. Para ele “compramos essas revistas para nossos filhos porque nós mesmos lemos revistas – e pensamos que nossos filhos desejarão lê-las também. Revistas Infantis representam a cultura dos adultos organizada para crianças” (BLOCK, 2004, p. 239).

Percebo também uma segunda razão para o desenvolvimento do jornalismo infantil: a compreensão das necessidades informativas das crianças por meio da ampliação dos seus direitos. Ou seja, com a construção social da infância citada anteriormente, a sociedade passou a perceber as crianças como uma fase biológica específica e que demandava cuidados para uma maturidade saudável. Tal visão influenciou que, além de produtos, também surgissem nas décadas seguintes uma série de legislações por todo o mundo. Todas elas visando assegurar maior proteção e liberdade às crianças, como a *Declaração de Genebra*, de 1923, a *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*, de 1959, e a *Convenção dos Direitos das Crianças*, em 1989 (ANDRADE, 2010). Porém, devemos ter consciência de que tais dispositivos legais são historicamente construídos, ou conforme esclarece Fullgraf (apud ANDRADE; 2010; p.80):

Os direitos do homem, por mais fundamentais que possam ser, são direitos históricos, que nascem em certas circunstâncias, e que na verdade se caracterizam por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes. A luta por novos direitos surge de modo gradual e não todos ao mesmo tempo. O conjunto de direitos do homem modificam-se e continuam a se modificar com a mudança das condições históricas. Assim pode-se afirmar que não existem direitos fundamentais, ou seja, o que parece fundamental num certo contexto histórico e numa determinada civilização não é fundamental em outros momentos ou em outras culturas.

Dessa forma, esses documentos legais foram evoluindo ao longo dos tempos; desde outorgar às crianças a condição de sujeito de direitos, até, recentemente, a uma aquisição mais ampla de liberdades. E é nesse sentido que a Convenção dos Direitos das Crianças se destaca, indo além dos direitos fundamentais civis e políticos ao também incluir direitos econômicos, sociais e culturais. É nela que estão explicitamente enunciados os direitos informativos das crianças e que regulamentam sua relação com a mídia. Segundo David (2002, p. 39), nela “é



reconhecido que a criança tem direito de participação no acesso à informação, à proteção contra informações prejudiciais e à produção e difusão de informações”. Artigos que defendem a necessidade de um jornalismo de e para crianças, como também qualidade desse tipo de produtos.

De certa forma, a Convenção é bastante posterior ao surgimento de produtos informativos para crianças, sendo que, na época de sua formulação, o jornalismo infantil já havia se ampliado para a mídia televisiva. Porém, ela é precursora por defender a presença e a participação de crianças nos meios de comunicação, considerando esses fatores como essenciais para sua atuação em sociedade. Assim, levando em consideração que o jornalismo, conforme Traquina (2005, p. 35), tem “uma competência específica que é identificada em primeiro lugar com o fornecimento de informação à sociedade”; tal área é fundamental para atender as demandas informativas das crianças.

Por outro lado, a Convenção também prevê uma perspectiva diferente daquela difundida por muitas mídias infantis, que seria a proteção das crianças a informações que lhes possam ser prejudiciais. De certa forma, o advento da televisão, e atualmente da Internet, tornou informações, que antes eram alijadas das crianças, muito mais acessíveis. Conforme Steinberg e Kincheloe (2004, p.34), “A informação adulta é incontrolável; agora, a criança vê o mundo como ele é (ou pelo menos como é descrito pelos produtores de informação corporativos)”. Com isso, em meio a esse turbilhão de informações, a criança acaba por ter acesso ao que não lhe estava destinado e que, muitas vezes, pode ser prejudicial. Além desse fator, muitos dos produtos jornalísticos são produzidos visando a rentabilidade e, segundo Steinberg e Kincheloe (2004, p. 24), “a margem do lucro é muito importante para que se importem com o que concerne ao bem-estar das crianças”. Dessa forma, percebe-se uma explosão de *marketing* voltado às crianças, promovendo mais uma perspectiva consumista do que informação sobre a realidade. Todavia, a iniciativa da Convenção de defender informações saudáveis às crianças, mostra-se como uma fundamentação para o que venha a ser o jornalismo infantil.



## 2 QUALIDADE NO JORNALISMO INFANTIL

Conforme apresentado no primeiro capítulo, com o reconhecimento da infância como uma experiência social diferente a do adulto, a criança passou a ser percebida como alguém dotado de certas particularidades. Tal segmentação da criança como fase humana levou também a uma segmentação dela como público. Isso acarretou no surgimento de produtos culturais exclusivos, que inicialmente se caracterizavam pelo viés pedagógico, mas que seguindo as mudanças econômicas foram assumindo também um perfil comercial. E é acompanhando essa demanda que passam a ser criados os primeiros produtos midiáticos destinados à criança, que, em alguns casos, utilizam o jornalismo como linguagem.

Porém, ao nos focarmos na existência de uma linguagem jornalística direcionada a um público tão específico como a infância, percebemos a repetição de lugares comuns nos produtos de diversas mídias. Ou seja, a utilização do jornalismo como uma “carcaça”, onde são apresentadas informações de entretenimento por meio de uma linguagem simplista. Como relembra a Agência de Notícias dos Direitos da Infância,

escrever para crianças não é uma missão fácil. Não é satisfatório simplificar a linguagem, o discurso, apelar para diminutivos, abordar os assuntos de forma superficial. Redigir para elas em suplementos infantis publicados periodicamente é uma tarefa complexa, difícil de enfrentar sem cometer equívocos conceituais, de forma ou de linguagem (ANDI, 2002, P. 26).

O que se constata nesses meios de informação é a negligência às reais especificidades de uma mídia para crianças, prevalecendo uma lógica capitalista que prioriza a rentabilidade em detrimento da qualidade. São muitos os produtos que se baseiam apenas no entretenimento e na publicidade; um currículo que, para Ferreira (2007, p. 654), “não fornece elementos para estimular a leitura crítica das crianças e não atua na construção da sua visão crítica de mundo”.

Diante de tais problemas, faz-se necessário expandir a noção de Bertrand sobre sistemas de responsabilização às mídias infantis, visto que se trata de uma regulação participativa da mídia envolvendo a sociedade civil na melhoria dos conteúdos (apud PAULINO, 2010). Conforme defendem Steinberg e Kincheloe (2004, p.16), “temos de nos assegurar que as empresas prestem conta sobre as características pedagógicas das atividades

que produzem para a cultura infantil”. Partindo disso, inicio uma formulação teórica do que é defendido como jornalismo infantil de qualidade.

## 2.1 Razões para responsabilizar a mídia infantil

Como já citado, as práticas da mídia infantil ainda são insuficientes diante das especificidades de informar crianças. Na função de jornalistas não podemos ignorar que tratamos de um público detentor de direitos, conforme a Convenção sobre os Direitos das Crianças, os quais deveriam ser consultados para todas as informações que lhes digam respeito. Assumir isso é o que defende Jempson (2002, p. 128), ao lembrar que

os jornalistas precisam saber o que está por trás das experiências sobre as quais estão escrevendo. Isso inclui avaliar os direitos das crianças envolvidas – seu direito à segurança e até mesmo anonimato, conhecer as leis e convenções que existem para protegê-las e ter liberdade para investigar qualquer violação desses direitos.

Especificamente em seus artigos 12<sup>9</sup>, 13<sup>10</sup>, 16<sup>11</sup> e 17<sup>12</sup> a Convenção prevê diretrizes que definem a relação mídia e crianças, reconhecendo seus direitos à opinião, à expressão, à proteção à vida privada e ao acesso a informação apropriada. Isso, numa perspectiva equilibrada, defendendo tanto a necessidade de uma regulamentação da mídia para esses fins, como dos direitos fundamentais à liberdade de expressão, imprensa, associação e empreendimento (DAVID, 2002). Compreensões avançadas ao tratar sobre criança, pois a

---

<sup>9</sup> Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com sua idade e maturidade (ONU, 1989, p. 10).

<sup>10</sup> A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança (ONU, 1989, p. 11).

<sup>11</sup> Nenhuma criança pode ser sujeita a intromissões arbitrárias ou ilegais na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou correspondência, nem a ofensas ilegais à sua honra e reputação (ONU, 1989, p. 12).

<sup>12</sup> Os Estados Partes reconhecem a importância da função exercida pelos órgãos de comunicação social e asseguram o acesso da criança à informação e a documentos provenientes de fontes nacionais e internacionais diversas, nomeadamente aqueles que visem promover o seu bem-estar social, espiritual e moral, assim como a sua saúde física e mental. Para esse efeito, os Estados Partes devem: a) encorajar os órgãos de comunicação social a difundir informação e documentos que revistam utilidade social e cultural para a criança [...]; b) Encorajar a cooperação internacional tendente a produzir, trocar e difundir informação e documentos dessa natureza, provenientes de diferentes fontes culturais, nacionais e internacionais; [...] d) Encorajar os órgãos de comunicação social a ter particularmente em conta as necessidades linguísticas das crianças indígenas ou que pertençam a um grupo minoritário; e) Favorecer a elaboração de princípios orientadores adequados à proteção da criança contra a informação e documentos prejudiciais ao seu bem-estar (ONU, 1989, p. 12).

definem como um indivíduo com particularidades a serem consideradas e respeitadas, mas também ator da sua própria realidade.

Porém, o que se percebe amplamente ao analisar os meios de informação que se dirigem ou que tratam sobre a infância é um afastamento dessas compreensões. Tem se tornado cada vez mais escassa – partindo do Brasil – a presença de produtos que utilizam a linguagem jornalística para informar crianças, independente de que elas “geralmente solicitam acesso à informação apropriada em resposta a suas dúvidas” (DAVID, 2002). Casos de transposições mal pensadas para a Internet, de históricos cadernos infantis – exemplo do *Estadinho* –, têm se tornado uma realidade. Comprovam a opinião de Doretto (2014, p. 69), de que “são iniciativas que envolvem altos custos e que, acredita-se, dificilmente atraem a audiência necessária para sustentar o investimento”.

Por outro lado, nos produtos que ainda utilizam a linguagem jornalística, a qualidade do conteúdo também é criticada. Há a predominância de uma linguagem simplista, descontextualizada e usada para retratar em sua maioria temas da cultura da mídia sem qualquer reflexo nas experiências diárias. Um mundo retratado que, conforme Block (2004, p.243), “não tem a intenção de ferir ninguém; ele vende [...], mas não é o nosso mundo”. Sendo assim, tal cultura midiática corresponde a “uma forma comercial de cultura, produzida por lucro e divulgada à maneira de mercadoria” (KELLNER, 2001, p. 27). Seus produtos, dentre os quais se inclui o jornalismo infantil, visam ser populares e comercializáveis, ignorando qualquer problemática que não “atraia um máximo de compradores” (KELLNER, 2001, p.27).

Em meio a isso, cabe lembrar que a mídia, compreendida como espaço público de discussão, é transpassada pela cultura de uma sociedade. As representações, valores e práticas sociais em voga estão também presentes nela e em seus produtos. Ter tal noção em mente é fundamental para esclarecer o quão restritos são os espaços de participação e de expressão das crianças na mídia. Segundo autores como Feilitzen (2002) e Jempson (2002), a infância é percebida como um subgrupo na sociedade e, por isso, incapaz de participar das discussões políticas e sociais. Tal relação se estende à mídia; onde se mantém uma condição de violência simbólica, na medida em que a criança é excluída de todos os temas públicos que refletem na sua vida. É a respeito disso que Feilitzen (2002, p. 23) desenvolve:

O fato de que as crianças (bem como as mulheres, os idosos, pessoas em ocupações de baixa remuneração, minorias étnicas) aparecem e são retratadas com menos frequência na mídia do que os homens em ocupações de classe média pode, assim, ser visto como uma indicação de que a esses grupos menos frequentemente

representados é atribuído, em muitos aspectos, menor valor, e que a mídia, desse modo, expressa e pratica uma forma de violência simbólica ou opressão cultural.

A manutenção de tal sub-representação se deve a uma visão protecionista da infância, que, baseada na ideia de que a criança é ingênua e influenciável, busca mantê-la afastada das informações “prejudiciais” difundidas pela mídia (JEMPSON, 2002; DAVID, 2002). Claro que não podemos ignorar que existem péssimos exemplos, em que a informação é inadequada e desnecessária aos seus interesses e a sua construção crítica. Porém, não podemos utilizar tais desculpas como subterfúgio para excluir a criança da mídia. Pelo contrário, devemos buscar a criação de produtos informativos de qualidade e que reconheçam a participação da criança como produtora cultural. Ou seja, como alguém que reutiliza, reconstrói e ressignifica, na sua experiência, o sistema simbólico que é a cultura (COHN, 2005). Uma visão que se opõe à noção de criança como um receptáculo vazio a ser preparado para a vida adulta, já que, conforme Cohn (2005, p. 35), elas “não são apenas produzidas pelas culturas mas também produtoras de cultura”.

Além disso, como comunicadores, devemos lembrar que pressupostos funcionalistas, nos quais os meios exercem ampla influência sobre seus receptores, foram superados. A mensagem difundida pela mídia não é unilateral, como também a criança não é um receptor passivo. Conforme Martín-Barbero (apud VARGAS, 2006, p.52), sua vida é repleta de mediações, na qual entram em contato com os “materiais informativos mais diversos, com diferentes origens, interesses e incidência”. Assim, a “criança contemporânea não pode ser vista apenas como um receptor dominado, mas como um sujeito com importância histórica, que é capaz de articular as mudanças do mundo e retrabalhar a questão do poder social” (VARGAS, 2010, p.20-21).

Dessa forma, ao elencar as complexidades da relação infância e mídia, procuro mostrar que suas características e atitudes não são desprezíveis. Diversos interesses convergem quando tratamos da produção jornalística infantil, muitas vezes se sobrepondo a sua qualidade. É em reação a isso que atua a crítica da mídia, seu papel é fazer “um comparativo entre a expectativa da sociedade em relação ao noticiário com o resultado efetivo do trabalho produzido pelos jornais, a fim de estabelecer a lacuna existente entre o que é prometido e o que é entregue ao cidadão” (GUERRA, 2010a, p.69). Uma intenção que, conforme Guerra (2010), visa responsabilizar a mídia, mas também levantar novas problemáticas e alternativas de qualificação partindo de um debate aberto entre as instituições

envolvidas. Isso, porque uma real qualificação dos produtos infantil só pode partir da própria mídia, como comenta Feilitzen (2002, p. 34):

A mídia precisa se esforçar para fornecer programas infantis e outros conteúdos de alta qualidade. Precisa se esforçar para fazer contato direto com as crianças e, na verdade, permitir a elas que falem por si mesmas, em seus próprios termos, de forma que as imagens infantis na mídia transmitam respeito e dignidade. A mídia também tem que usar diferentes formas de autorregulamentação e os políticos devem facilitá-las e encorajá-las.

Em meio à comunicação, convencionamos chamar de “observatórios de imprensa” as organizações que realizam a crítica da mídia. Segundo autores como Motta (2008, p.21), elas exercem “uma resistência ao excessivo centralismo e impermeabilidade da indústria cultural e informativa”; cujos interesses nem sempre coincidem com os coletivos. Dessa forma, o interesse desses observatórios é ser capaz de influenciar os processos produtivos da mídia ao “revelar os desvios, a parcialidade, a superficialidade, a descontextualização” (MOTTA, 2008, p. 22). Isso enfocando o desenvolvimento humano como parâmetro para crítica, já que “significa partir sempre de um referencial universal concreto para julgar a qualidade” (MOTTA, 2008, p. 32). Segundo Motta (2008, p.32), tal princípio seria uma “referência ética e moral a partir do qual podemos nos posicionar diante da cobertura jornalística”.

Exercendo esse papel de observatório da mídia, e atuando especificamente com a relação infância e meios de comunicação, está o exemplo da Agência de Notícias dos Direitos da Infância<sup>13</sup>. Surgida no Brasil, mas presente em diferentes países da América Latina, a *ANDI* é uma das principais agências de observação midiática no que diz respeito ao cumprimento dos Direitos das Crianças. Ela trabalha desde 1993 analisando e avaliando a representação das crianças no jornalismo, bem como a qualidade dos produtos a elas direcionados.

## **2.2 Estudo de qualidade**

Segundo autores como Guerra (2010), os estudos sobre a qualidade surgiram em meio a teóricos da administração que seguiam uma perspectiva organizacional desta. Ou seja, de que “bens e serviços de alta qualidade podem dar a uma organização uma considerável

---

<sup>13</sup> Disponível em: <[www.andi.org.br/portal-andi/page/historia](http://www.andi.org.br/portal-andi/page/historia)>. Acesso em 24 de jun de 2015.

vantagem competitiva” tanto na redução de custos como na satisfação de consumidores. (SLACK; CHAMBERS; JOHNSTON apud GUERRA, 2010b, p.1) Assim, a qualificação seria um recurso que, ao atingir os processos de produção e os produtos, buscaria corresponder ao esperado pelos consumidores.

Porém, em meio às literaturas do campo, a análise da qualidade pode ser segmentada a duas esferas. Uma intra-organizacional, voltada a uma adequação aos princípios da própria organização, e outra extra-organizacional, enfocando a percepção dos consumidores e a adequação a suas expectativas (GUERRA, 2010b). Percepção que não exclui o fato de que, conforme Chivenato (apud GUERRA, 2010b, p.5), “sem a qualidade interna não se pode construir e manter a imagem da qualidade externa”.

Partindo disso, podemos começar a relacionar os meios de comunicação a essas teorias, primeiro considerando a existência de uma organização jornalística. Conforme Guerra (2010a, p.73), tal organização corresponde a “uma coletividade de profissionais de diversas áreas, mas, predominantemente, de jornalismo, que se dedica à confecção de produtos jornalísticos e serviços de notícias”. Seu trabalho se direciona a um grupo específico de pessoas dentro da população, que chamamos de audiência; mas, por outro lado, também assume princípios e obrigações que o jornalismo ‘instituição social’ tem com a sociedade. Dessa forma, os produtos jornalísticos dessa organização veiculam tanto demandas de seus grupos de consumidores, quanto os compromissos com os interesses de toda a sociedade. É isso que esclarece Guerra (2010a, p. 75):

A instituição corporifica um conjunto de diretrizes normativas do dever-ser da atividade jornalística. A organização é a manifestação concreta, que se pretende implementadora daquele “dever-ser”, mas que operacionalmente enfrenta todas as dificuldades práticas e cotidianas de sua realização [...].

Seguindo essas noções, devemos ter claro que qualquer organização, durante seu ciclo de produção até a confecção do produto, não está isenta de cometer erros. Problemas de qualidade, seja intencional ou casualmente, sempre estarão presentes. Em meio a isso é que se envolve a crítica da mídia; sua atuação, conforme Guerra (2010a, p.83), é “mostrar como, em várias situações, o produto final não atende às especificações definidas pelas próprias organizações” e pela sociedade. Ou seja, além de responsabilizar as mídias, sua função seria também avaliar os padrões de qualidade; partindo de COMO e PORQUE eles não são alcançados.

Por outro lado, segundo Guerra (2010b), há uma tendência entre os observatórios de mídia de esquematizar sua análise em três etapas o ciclo de confecção de um produto. Costumam dividir o estudo da qualidade entre os compromissos e estruturas organizacionais (1), os processos de produção (2) e os produtos finalizados (3). Na primeira etapa, o estudo é direcionado à existência nas organizações de intenções e projetos que se direcionam à qualificação. Na segunda, se de fato as intenções elencadas na primeira fase são executadas. Por fim, em relação ao produto, a proposta é “aferir se o resultado produzido pelas organizações está em conformidade com as expectativas da sociedade e da audiência” (GUERRA, 2010b, p. 12).

Sobre essa terceira etapa, especificamente a que nos interessa nessa pesquisa, a percepção da qualidade pode também se dividir em dois aspectos do produto: Material, a respeito de suas características físicas, e Conteúdo, envolvendo suas informações (GUERRA, 2010). Considerar esses dois lados se torna relevante partindo do fato de que ambos carregam significados, sendo influentes em nosso processo de compreensão das informações (DORETTO, 2014). Porém, advirto que, em relação a esse estudo da qualidade no jornalismo infantil, o enfoque será o conteúdo que é veiculado pelos meios de comunicação. Dessa forma, inicio a compreensão sobre os elementos de qualificação no conteúdo desses produtos.

### **2.3 Princípios de Qualidade no Jornalismo Infantil**

Logo no início deste texto elenquei algumas problemáticas envolvendo a relação infância e mídia e que, conforme uma gama de autores, contrariam o que preconiza uma boa informação às crianças. Embora seja relativo à definição da qualidade, segundo a *ANDI* (2013, p. 48) “percebem-se parâmetros que ajudam no desenvolvimento do conceito e que levam em conta aspectos técnicos, estéticos, éticos e pedagógicos dos conteúdos de mídia”. Assim, baseando-se nessas noções e seguindo fatores levantados em minhas leituras, procuro definir padrões para analisar a qualidade; esquematizando três áreas que me parecem relevantes para pensar os produtos do jornalismo infantil. Ou seja, percebendo que o conteúdo para crianças pode ser qualificado pelo viés da participação, da informação e da linguagem.

### 2.3.1 Participação

A participação corresponde à inclusão e à expressão das crianças na mídia; um espaço assegurado pela Convenção sobre os Direitos das Crianças, mas inexpressível nos meios de comunicação. Ainda prevalece uma visão de inferioridade sobre a expressividade e a produção infantil em relação à adulta, o que “contribui para calá-las e destituí-las do papel de criadoras” (LEITE apud FERREIRA, 2007, p.648). Como já citado, as crianças são percebidas como receptoras passivas tanto de informações midiáticas quanto dos valores culturais na sociedade. Porém, conforme Cohn (2005, p.25), as crianças não são “seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais”; mas têm “um papel ativo na definição de sua própria condição”. Assim, promover a participação das crianças significa um investimento na qualidade dos produtos jornalísticos; porque as reconhece como atores sociais capazes de elaborar sentidos pela reconstrução da sua cultura (COHN, 2005). Além de também contribuir para o desenvolvimento de sua cidadania, já que, conforme Feilitzen (2002, p. 33), “fortalece a capacidade e a curiosidade da criança, dá-lhe uma visão crítica da mídia, aumenta seu conhecimento da comunidade local e inspira ação social”.

Por outro lado, a participação dessas crianças não pode ser alegórica, como uma marionete a fim de entreter e atrair as audiências infantis. Ela tem que exercer a função de produtora dessas informações, superando a configuração tradicional do adulto que fala para a criança. No caso, do jornalista que “se reveste de uma fantasia infantil, para narrar, em linguagem que ele acredita ser próxima daquela da criança, o que ele entende ser temas [...] lidos” por elas (DORETTO, 2014 p.63). Assim, segundo fala Cohn (2005, p.35), a distinção está no fato de que os significados elaborados pelas crianças “não se confundem e nem podem ser reproduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural”. As informações por elas produzidas não são inferiores ou erradas, mas simplesmente diferentes.

Mas além de participarem de um processo de produção, também devemos pensar que a criança exerce um papel muito importante como fonte das informações. Partindo do fato de que elas reconstróem sentidos em suas experiências (COHN, 2005), podemos também percebê-las como produtoras de opinião a respeito de diferentes temas. Compreender isso foge à convencional participação das crianças nas matérias jornalísticas, onde sua voz é aproveitada como uma mera ilustração. Uma “incapacidade de se comunicar com as crianças,



de vê-las como sujeitos sociais” (COHN, 2005, p.45). Dessa forma, mesmo que a criança não seja uma especialista, sua expressão é fundamental para o entendimento de muitas questões. Principalmente, porque, como parte de uma sociedade, a criança também está envolvida pelos fatos e problemática que a compõem.

Junto a isso, cabe a necessidade de respeitar a *Autonomia* das crianças durante a produção, ou seja, a sua liberdade para se expressar sobre os temas. O que muitas vezes acaba acontecendo é um controle, pela mídia, da fala das crianças; seja por preocupações com a clareza da informação; seja por interesses editoriais. Porém, segundo o que defende Feilitzen (2002, p.34), devemos “permitir a elas que falem por si mesmas, em seus próprios termos”; principalmente se enfocamos uma informação de qualidade. Ao invés da mídia controlar a expressão da criança, o ideal seria que elas fossem previamente informadas sobre “como a mídia opera e qual o papel [...] em suas vidas.” (JEMPSON, 2006, p.133) Com isso, elas estariam cientes sobre o que se espera no processo de produção, podendo também expressar sua autonomia.

Porém, tratando de participação infantil, a cultura reproduzida pela mídia “ignora experiências de desigualdade econômica e vivências da opressão sofrida por muitas crianças” (Steinberg; Kincheloe, 2004, p. 43). Ou seja, em meio a essa inexpressiva participação, a presença de crianças pobres e de minorias é muito mais inexpressiva, mesmo que elas precisem “tanto quanto as outras de informação, diversão e subsídios para não apenas terem opinião, mas para terem oportunidades diante das diferentes dificuldades que enfrentam” (VARGAS, 2010, p. 33). Culturas cujos valores diverjam da nossa sociedade branca ocidental também estão ausentes na mídia; tendo, nos escassos casos de representação, suas diversidades niveladas. Conforme fala Block (2004, 245), trata-se de uma representação “monocultural e sem falhas, embora algumas vezes as práticas entre culturas difiram”. Partindo disso, promover uma diversidade de participação nos produtos jornalísticos infantis tem seus efeitos qualificadores, já que torna as representações midiáticas mais realistas e acessíveis a essa diversidade de atores sociais. É o que reforça Dorneles (apud BRANCHER, 2007, p.7) ao comentar que não devemos “continuar a falar-se de infância, mas de infâncias, assumindo-se que ela varia de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, e mesmo dentro de grupos aparentemente uniformes”.

Por fim, tratando-se da participação infantil nos meios de comunicação, é válido abordarmos a qualidade pela interação. Conforme autores como Vittadini (apud MIELNICZUK, 2000 p. 2), tal conceito envolve um campo de ação onde sujeitos podem

entrar em contato entre si, sendo capazes de “influir no sucessivo desenvolvimento da interação determinando-o com sua atuação”. Ou seja, partindo dos meios de comunicação, ela seria resultado de premissas, que adotadas, permitiriam certa participação e influência do receptor sobre os conteúdos. Porém, devemos ter claro que a noção de interação não corresponde ao que é normalmente difundido pelas mídias, na qual a participação é restrita a um número determinado de opções. Mas sim que se trata de um *feedback*<sup>1</sup> do receptor, capaz de influenciar no processo de produção. Além disso, a interação é processo que se desenvolve em maior ou menor grau dependendo da mídia, podendo atingir o que se conceituou chamar de Interatividade: uma capacidade de influência e ação igualitária, melhor percebida no meio digital, onde emissor e receptor atuam na construção dos conteúdos (MIELNICZUK, 2004). Dessa forma, a noção de Interação, pensada para o jornalismo infantil em diversos suportes, pode favorecer a qualidade nesses produtos a partir da possibilidade de participação do seu público.

### 2.3.2 Informação

Encerrada a reflexão sobre a participação de crianças no jornalismo infantil, percebo como necessário, ao tratarmos da qualidade desses conteúdos, enfocarmos também a informação. Principalmente porque, como abordamos o campo jornalístico, devemos lembrar que ele tem “uma competência específica que é identificada em primeiro lugar com o fornecimento de informação à sociedade” (TRAQUINA, 2005, p.35). Porém, tal competência informativa tem uma função muito maior do que simplesmente elaborar um produto comercializável, ou seja, notícias para seus consumidores. Segundo Silva (2010, p. 12), o jornalismo seria “a própria cognição do mundo”. A produção de informação/notícia teria um “proveito dialógico e dialético, insumo para a partilha e para o cotejo das informações; possivelmente, combustível para o debate, para a polêmica e até o para o conflito” (SILVA, 2010, p.13). Assim, relacionando ao jornalismo infantil, devemos promover informações de qualidade com caráter construtivo para a cidadania desse público. Que sigam, dessa forma, os ideais de “equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações” (TRAQUINA, 2004, p.129).

Mas além de ter uma utilidade pública, segundo autores como Park (apud BONIN; VARGAS, 2010), o jornalismo também é uma forma de conhecimento sobre o presente, sendo a notícia um meio de orientar as pessoas no mundo real e atual. Tal característica parte da ideia, defendida por Sousa (apud VARGAS, 2010), de que esses profissionais não narram objetivamente os acontecimentos, em vista de não serem capazes de captar todas as esferas da realidade. Ao invés disso, eles os reconstróem discursivamente por meio de sua subjetividade, criando assim conhecimento. Dessa forma, podemos dizer que “esta informação, de certa forma, ensina algo, embora não esteja associada à aprendizagem” (VARGAS, 2010, p. 13).

Esclarecido isso, sigo as definições de Guerra (2010a), ao perceber, como primeiro padrão de qualidade em meio à informação, a objetividade. Ou seja, o acordo de que a “instituição jornalística deve pautar os relatos noticiosos sempre a partir de um dado da realidade” (GUERRA, 2010a, p. 75). Ou seja, é expectativa da sociedade que o apresentado como notícia pelo jornalismo esteja baseado em fatos e acontecimentos reais, como também, de que tais informações não sejam manipuladas por interesses individuais. Porém, mesmo que a objetividade seja um dos principais ideais da intuição jornalística, não podemos concordar que informação seja um reflexo da realidade. Pelo contrário, como abordado anteriormente, o jornalista não traz os fatos como eles realmente aconteceram, mas os reconstrói discursivamente em vista de não ser capaz de compreendê-los em sua amplitude (SOUSA apud VARGAS, 2010). Além disso, ele está incluído nessa mesma realidade, sendo o seu discurso também resultado de uma série de outros presentes na sociedade.

Dessa forma, conforme esclarece Traquina (2004, p.135), “o conceito de objetividade no jornalismo não surgiu como negação da subjetividade, mas como reconhecimento da sua inevitabilidade”. Porém, mesmo tendo consciência de que se trata de um princípio complexo, não devemos desmerecê-lo. A objetividade se trata de uma falsa consciência – um ideal inalcançável -, mas priorizar a difusão de informações sobre fatos e acontecimentos reais é fundamental para o jornalismo manter seu caráter social de uma atividade que “jamais se renderá inteiramente ao comando dos poderes espoliadores das massas” (SILVA, 2010, p. 7). Com isso, seria mais um valor para nos orientarmos durante o processo de produção, enfocando sempre nas necessidades e interesses públicos. O que é válido também ao pensarmos a qualidade no jornalismo infantil, onde, segundo autores, a objetividade se torna ainda mais fundamental pelo fato das crianças ainda não serem capazes de entenderem sua complexidade. É o que esclarecem Bonin e Vargas (2010, p. 6):

A criança interpreta, mas pode não ter subsídios suficientes para compreender que uma notícia não é objetiva e imparcial e que pode estar a favor de crenças e interesses daqueles grupos hegemônicos detentores da publicação.

Assim, junto à objetividade também é trazido por Guerra o aspecto da pluralidade como critério para uma organização jornalística de qualidade. Conforme ele, “para que o trabalho da instituição possa estar a serviço de todos e não de grupos específicos”, é esperado que o jornalismo tenha o compromisso de “abrir-se aos diferentes pontos de vista” (GUERRA, 2010a, p.75). Porém, o que se reproduz na mídia muitas vezes é o oposto, ou seja, conteúdos que transmitem as agendas e as perspectivas de grupos hegemônicos, tratando-os como valores do senso comum. O que, segundo Becker (2009, p. 104), gera efeitos sobre a sociedade, já que as “visões de mundo e os estilos de vida representados na comunicação massiva tendem a influenciar valores e práticas essenciais na vida social”. Isso também é percebido na mídia infantil, aonde “mensagens vêm sendo enviadas às nossas crianças com a intenção de trazer à tona pontos de vista particulares e ações que são de maior interesse daqueles que os produzem” (STEINBERG; KINCHELOE, 2004, p.24). Ou seja, muitas das vozes presentes no jornalismo infantil não atendem à diversidade étnica, econômica e cultural da sociedade, como também difundem, em sua maioria, visões consumistas e tradicionais. Dessa forma, a pluralidade se destaca como fator qualificador da informação jornalística infantil, já que promove a visibilidade de discursos que normalmente são excluídos dessa mídia. É um incentivo a debates públicos mais democráticos e a uma gama maior de opiniões acessíveis a esses cidadãos em formação.

Como último princípio de qualidade no jornalismo elencado por Guerra (2010, p. 75) está a relevância de uma informação, ou seja, a expectativa de que, “ante a impossibilidade de todos os fatos serem registrados [...] haja uma triagem sobre o que efetivamente merece tornar-se de conhecimento público”. Segundo Traquina (2005, p.61), a triagem dessas informações está relacionada aos valores-notícias, ou seja, critérios “que os profissionais do campo jornalístico utilizam na seleção dos acontecimentos do mundo real e na construção de ‘estórias’ que contam sobre a realidade”. Tais critérios definem se uma notícia tem “aptidão de merecer um tratamento jornalístico” e, mesmo não sendo explícitos, são semelhantes em vários veículos de informação (TRAQUINA, 2005, p.63). Porém, ao trabalhar a qualidade pela relevância, Guerra (2010) sintetiza os valores-notícias em duas maneiras: Valor-Notícia de Referência – baseado em interesses particulares da audiência – e Valor-Notícia de Referência Universal – referentes aos interesses públicos. Em outro texto ele chega a citar também um terceiro, o Valor-Notícia Potencial, onde o enfoque é as expectativas ainda não

exploradas. Assim, ao redefinir os valores-notícias, Guerra não ignora critérios como notoriedade e proximidade, abordados por Traquina, mas demonstra a escolha do que é relevante, parte da relação entre os produtores de informação e o seu público. Ou seja, de que tanto os interesses da audiência, como os interesses públicos influenciam as escolhas dos jornalistas. Dessa forma, ao pensar a qualidade dos produtos do jornalismo, também é preciso perceber se o que é definido como relevante para a mídia atende aos interesses do público e da sociedade.

Segundo autores como Ferreira (2010, p.10), “o interesse infantil reside, em sua maioria, no que promove o entretenimento”. E é esse o interesse particular que muitas mídias reproduzem, com publicações repletas de passatempos e jogos. Além disso, a relevância nessas publicações sofre influência dos vieses mercantilistas, a partir do momento em que muitos dos temas abordados se relacionam com a própria cultura da mídia. Uma situação onde o consumo e a diversão ganham destaque nas informações. Porém, mesmo reconhecendo o entretenimento como expectativa das crianças, devemos também incentivar informações que ampliem essa relação, enfocando que a relevância se envolve com os interesses sociais e os ainda não explorados. É o que aborda Silin (apud BLOCK, 2004, p. 243) ao esclarecer que “muito do currículo contemporâneo [...] não fala quase nada sobre as coisas que realmente importam nas vidas das crianças ou nas vidas daqueles que se preocupam com elas”. Ou seja, acontecimentos que envolvam as crianças – seja por abordarem a infância, seja por dizerem respeito a todos os cidadãos – são tratados pela mídia como irrelevantes ao público. Independente do que defende Sampaio (apud FERREIRA, 2010, p. 3):

É uma fase em que ela está interessada no porquê das coisas e faz experiências para testar suas hipóteses. A criança amplia, nessa fase, o horizonte de seus interesses, antes focalizado no âmbito da família, e desloca sua atenção para descoberta do mundo, que se constitui para ela num grande mistério e onde ela pretende vivenciar inúmeras aventuras.

Com isso, partindo da relevância nesses produtos, percebo que três âmbitos deveriam ser considerados ao se selecionar os temas no jornalismo infantil: as problemáticas, a cultura local e a abrangência. Relacionado ao primeiro, percebe-se que o jornalismo infantil não trata da realidade e de problemáticas sociais, sejam elas comuns à infância como desigualdade, educação e gênero. Pelo contrário, tais produtos apresentam um mundo idealizado, onde, segundo Block (2004, p.245), “problemas sociais são normalmente atribuídos a indivíduos” e “questionamentos ou críticas em relação ao sistema [...] são raridade”. Ou seja, reproduzem a visão de que as crianças só podem ser informadas sobre “tópicos leves, divertidos [...], mas

não precisam se preocupar com temas das esferas de decisão ou de participação adulta” (DORETTO, 2014, p. 65) Porém, conforme Bonin e Vargas (2010, p. 6) não há necessidade de exclusão desses temas, pois o jornalismo infantil pode abordar “temáticas mais profundas, mais do mundo adulto, mas de uma forma lúdica, trazendo-as para dentro do universo da criança para que esta possa compreender e ampliar sua visão sobre aquele assunto”. Dessa forma, admitir as problemáticas no jornalismo infantil pode ser promissor ao público, já que contribui para uma visão mais realista do mundo, possibilitando que as crianças desenvolvam melhor sua criticidade, estando aptas a atuarem como cidadãos participantes nos espaços de decisão. Ou seja, além de reconhecer o direito de opinião da criança, devemos também incluí-las nos temas que a envolvam como membros de uma sociedade, para que sejam capazes de formular sua própria opinião.

Já o segundo tópico corresponderia a dar maior destaque a temas que digam respeito à realidade local das crianças, ou seja, que fujam à lógica de exportação cultural comum em produtos infantis e valorizem também temas regionais. Isso sem apelar a visões protecionistas da cultura, principalmente porque se trata de processos simbólicos em constante formação e transformação. Porém, mesmo que o contato com outras culturas não seja prejudicial, na atualidade nos deparamos com um processo de mundialização da cultura, investido pela globalização, onde o trânsito cultural se torna muito mais amplo (ORTIZ, 2000). Assim, tendo os meios de comunicação como um dos principais promotores, traços culturais passam a ser comum a diferentes sociedades, sendo as identidades fragmentadas e homogêneas (CANCLINI, 1998). Dessa forma, valorizar a cultura local nas mídias infantis não é fugir ao processo de globalização, mas possibilitar espaço de articulação entre esses dois âmbitos, sem cair em uma total apropriação ou proteção. É o que aborda Jempson (2002, p. 125), ao considerar como fundamental para as “crianças crescerem apreciando sua própria herança cultural, então a mídia tem a responsabilidade de reconhecer, respeitar e nutrir as culturas com as quais as crianças estão familiarizadas”.

Por último, o terceiro tópico corresponderia a uma abrangência da relevância a fim de diversificar os assuntos abordados no jornalismo infantil. Ou seja, fugindo dos interesses hegemônicos das corporações ou das audiências ao adotar o que também possa ser importante à coletividade. Principalmente porque, conforme Doretto (2014, p.68), o discurso do jornalismo infantil é direcionado às “crianças com condições de cumprir os papéis sociais que lhe são esperados: a criança aluna, a criança brincante, a criança filha e neta”. Dessa forma, não haveria uma primazia de temas da cultura da mídia ou direcionados a uma classe média

infantil, mas uma cobertura mais ampla que dialogasse com a diversidade de infâncias, partindo da perspectiva do que é interesse de todos. Sendo assim, segundo Becker (2009, p.107), informar fatos relevantes à sociedade “é ponto central da atividade jornalística e pressupõem um respeito ao interesse público, um compromisso com a divulgação do que sirva de benefício comum, ou do que se imponha como necessidade coletiva”. Com isso, pensar a relevância de um produto, partindo de uma cobertura com mais problemáticas, temas locais ou interesses coletivos é, a meu ver, um fator de qualificação no jornalismo infantil, baseando-se na compreensão de Mikos (apud ANDI, 2013, p.40) de que a qualidade “não depende apenas do estilo de produção de um programa, mas também tem a ver com a sua utilidade e o seu valor para as crianças”. Dessa forma, promover a ampliação dos temas abordados nessas mídias pode, por meio de uma cobertura mais realista e mais abrangente aos interesses coletivos, contribuir para o desenvolvimento da cidadania e da participação social a uma diversidade de crianças.

As pautas que preenchem a programação infantil nos meios de comunicação variam, geralmente, entre comportamento e entretenimento, mas pautas relevantes do ponto de vista social são pouco exploradas. (VARGAS, 2010, p.10)

Ao concluir as definições de qualidade de Guerra, percebo mais dois âmbitos essenciais ao se tratar a informação nesses produtos infantis. Primeiramente, a contextualização, ou seja, uma cobertura mais aprofundada sobre os acontecimentos por meio da identificação de suas “causas, consequências, interesses e atores” (CASTILHO, 2005, p.248). Isso, porque conforme Becker, atualmente as lógicas da instantaneidade e do mercado modificaram o tempo para a publicação dos relatos jornalísticos, e tal “demanda do imediatismo e da inovação que marca a superabundância de notícias gera relatos cada vez mais enxutos e descartáveis” (2009, p. 106). Dessa forma, se percebe um esvaziamento dos conteúdos, cada vez mais direcionados aos fatos, independente da complexidade que os envolve. Uma descontextualização também evidente no jornalismo infantil, pois, como já citado, o mundo abordado nessas publicações é idealizado, sem problemáticas e complexidades. Assim, contextualização dos eventos se torna mais um fator qualificador que, junto a outros já citados, amplia a compreensão da realidade por parte da criança, sendo capaz de influir na sua criticidade e participação social.

Já o segundo e último aspecto que percebo como relevante é a desmercantilização, ou seja, a desvinculação entre propaganda e informação. Como citado no início do capítulo, muitos produtos jornalísticos infantis são baseados no que é comercializável, repletos de

conteúdos da cultura da mídia, jogos e brinquedos. Segundo Steinberg e Kincheloe (2004, p. 24), as corporações direcionadas às crianças “promovem uma ‘teologia de consumo’ que efetivamente promete redenção e felicidade através do ato de consumo”. Tal lógica também se difunde nos meios de comunicação “adulto”, onde temas de maior comercialização – tanto para o jornal quanto para os patrocinadores – dividem espaço com a informação de interesse público. Com isso, mesmo que o prazer e o entretenimento sejam importantes nos produtos infantis, não podemos promovê-los seguindo fins comerciais. O jornalismo para crianças não tem a função de vender revistas, brinquedos ou qualquer outro produto divulgado, mas informar crianças sobre uma diversidade de assuntos que lhes sejam úteis para a sua construção e atuação em sociedade. Dessa forma, se torna essencial defender, como nos princípios acima abordados, a separação comercial para a produção de um jornalismo infantil de qualidade.

### 2.3.3 Linguagem

Por fim, ingresso no terceiro viés para se pensar o conteúdo no jornalismo, a linguagem. Conforme definido por Lage (1986, p.5), compreender a linguagem dentro do jornalismo não se refere “apenas a uma língua, mas a grande variedade delas” abrangendo “a totalidade dos sistemas simbólicos”. Tal questão também se aplica para entender o jornalismo infantil, visto que a linguagem utilizada nesses produtos envolve desde sistemas simbólicos até as especificidades da linguagem infantil.

Partindo disso, percebo a ludicidade como primeiro fator de qualificação desses produtos, já que se trata de uma adequação da mídia ao processo natural de aprendizagem. Ela está intrinsecamente relacionada à teoria de Piaget sobre o desenvolvimento humano, que defende o conhecimento como uma construção advinda da relação entre o sujeito conhecedor e o objeto a conhecer. Ou como esclarecido por Terra (s/d, p.3), “a gênese do conhecimento está no próprio sujeito, [...] o pensamento lógico não é inato ou tampouco externo ao organismo, mas é fundamentalmente construído na interação homem-objeto”. Dessa forma, o lúdico não se trata, conforme lembrado por Almeida (apud COLUSSI, 2011. p.9), de uma “concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial”. Para ele “é uma ação inerente na criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma



forma transacional em direção a algum conhecimento” (ALMEIRA apud COLUSSI, 2011, p.9). Isso, lembrando que se trata de um processo diferente em cada pessoa, sendo constantemente adaptado e reformulado nessa experiência individual. Assim, incluir o lúdico na linguagem jornalística infantil proporciona à criança a capacidade de estruturar o seu próprio conhecimento em contato com esses produtos. O que para Colussi (2011, p.6) gera para as crianças “condições de ser sujeito atuante do processo de construção do conhecimento, deixando de ser receptor ou mero expectador”. Por outro lado, ao pensar o lúdico como uma aprendizagem natural a partir de brincadeiras, devemos ter claro que isso só é possibilitado, segundo autores, pela capacidade da criança de atribuir significados nessa experiência. Ou, como esclarecido por Vygotsky (apud VITÓRIA, 2003, p.31), pelo fato de que a

brincadeira (...) se reveste de caráter cultural, a partir da interação da criança com seus semelhantes ou com os objetos culturais, configurando-se, por meio da fantasia e da imaginação, o controle da ação pela ideia (signo) e não mais pelo objeto

Dessa forma, o brincar está revestido de um caráter cultural, por meio do qual a criança interioriza “a cultura de uma época, os valores que a sustentam, os costumes que a caracterizam e as manifestações artístico-religiosas de que se revestem” (VITÓRIA, 2003, p. 32). Sendo assim, pensar em produtos informativos infantis significa configura-los como brinquedos capazes de promover conhecimentos sobre o ‘mundo adulto’ e preparar as crianças para sua atuação em sociedade. O que, a meu ver, a linguagem jornalística só tende a contribuir, já que, como anteriormente citado, entre suas principais funções está servir aos interesses sociais e promover conhecimento sobre o mundo.

O lúdico proporciona um desenvolvimento sadio e harmonioso, sendo uma tendência instintiva da criança. Ao brincar, a criança aumenta a independência, estimula sua sensibilidade visual e auditiva, valoriza a cultura popular, desenvolve habilidades motoras, diminui a agressividade, exercita a imaginação e a criatividade, aprimora a inteligência emocional, aumenta a integração, promovendo assim, o desenvolvimento sadio, o crescimento mental e a adaptação social (DALLABONA e MENDES apud COLUSSI, 2011, p.9).

Por outro lado, sabendo que o lúdico se tratará de uma brincadeira construtiva, devemos respeitar esse lado da aprendizagem. O que significa não definirmos os produtos midiáticos como mera diversão, mas compreender o entretenimento como parte desse processo. Porém, devemos estar cientes de que se trata de princípio de qualificação a mais no

jornalismo infantil, e não de um elemento principal. O entretenimento que defendo é aquele vinculado à transmissão de conhecimento, que se torna um promotor para a aprendizagem e não um subsídio para o consumismo. Assim, devemos estar cientes, como aborda Pacheco (apud COLUSSI, 2011, p. 14), de que o ensinado pela mídia “pode ser discutível, mas, inegavelmente, ela veicula mensagens e a audiência é também a grande e prazerosa aula”.

Mas além de abordarmos a ludicidade, também é necessário pensar se a linguagem adotada nas informações é clara para as crianças; ou seja, se os produtos infantis são acessíveis ao vocabulário e aos conhecimentos das crianças. Conforme Lage (1986, p.40), a “situação corrente em jornalismo é a de um emissor falando a grande número de emissores. Tais receptores formam um conjunto disperso e não identificado, cujo conhecimento só é possível por amostragem estatística”. Uma premissa básica ao jornalismo, onde a compreensão é mais importante que temas rebuscados. Dessa forma, no jornalismo infantil é mais sensato utilizarmos uma linguagem direta e, por vezes, coloquial para falarmos com as crianças, buscando sempre esclarecer termos complexos e científicos quando necessários à informação. O que não significa, por outro lado, simplificar completamente a linguagem apelando para um vocabulário infantilizado, com usos de diminutivos, mas que lembrar que estamos informando um público, cujas experiências e saberes são limitados.

<b>Princípios de Qualidade para Jornalismo Infantil<sup>1</sup></b>		
<b>Participação</b>	<b>Informação</b>	<b>Linguagem</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crianças como Produtoras</li> <li>• Crianças como Fontes</li> <li>• Diversidade de Participação</li> <li>• Autonomia</li> <li>• Interação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetividade</li> <li>• Pluralidade</li> <li>• Relevância</li> <li>-Problemáticas</li> <li>-Cultura Local</li> <li>-Abrangência</li> <li>• Contextualização</li> <li>• Desmercantilização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ludicidade</li> <li>• Didatismo</li> <li>• Entretenimento</li> </ul>
<p><sup>1</sup> A construção deste quadro é uma esquematização baseada em diferentes autores.</p>		

Imagem 5 – Princípios de qualidade para o jornalismo infantil  
 Fonte: próprio do trabalho

### 3 ANÁLISE DE QUALIDADE

#### 3.1 TV Brasil e a televisão pública no país

A *TV Brasil* foi criada em dezembro 2007, após a implantação, no mesmo, ano da Empresa Brasil de Comunicação. Tal empresa nasceu a partir de uma Medida Provisória, resultado de uma série de discussões sobre a implantação de uma televisão pública no país, sendo por fim convertida pelo Congresso na Lei 11 652/2008. Essa legislação é responsável por unificar e gerir emissoras federais já existentes e novas de caráter público, como a *TV Brasil*. Conforme seu site<sup>14</sup>, a EBC se caracterizaria por uma independência editorial do governo e diferenciação do setor privado, uma iniciativa nova no país visto que:

nunca houve um sistema público de comunicação que buscasse complementar o sistema privado, dando-lhe mais pluralidade, assegurando espaços para os que não têm acesso às grandes redes, seja para exprimir opiniões ou para veicular suas produções.

Já em seu surgimento, a televisão brasileira seguiu um perspectiva diferente ao que estava sendo criado no exterior. Segundo Filho (2003, p. 153), diferentemente “dos Estados Unidos, onde a inspiração estava no cinema, ou da Europa, onde o teatro era referência importante, aqui o rádio foi a matriz da televisa”. Esse exemplo levou às emissoras a, desde o início, tornarem-se um empreendimento comercial com grande presença de anunciantes. O modelo nacional tinha por referência as rádios norte-americanas, que nada tinham de próximo ao caráter de serviço público adotado na Europa. Apenas no final da década de 60, quando “começam a surgir críticas duras ao que é mostrado pela televisão comercial”, é criada a primeira televisão alternativa ao padrão vigente (FILHO, 2003, p.158). Implantadas em 1969, a Rádio e a TV Cultura de São Paulo, emissoras da Fundação Anchieta, reproduzem o modelo de gestão da BBC de Londres, adotando “como poder máximo um Conselho Curador formado por representantes de instituições públicas e privadas da sociedade paulista” (FILHO, 2003, p.159). Porém, mesmo com uma estrutura e uma programação diferenciada, a TV Cultura não se configura como televisão pública. Conforme esclarecido por Filho (2003, p. 160), “a

---

<sup>14</sup> Disponível em: < <http://memoria.ebc.com.br/empresa>>. Acesso em: 25 de jun de 2015.

independência de uma emissora pública não se apoia apenas na sua estrutura jurídico-institucional. Ela é importante, mas só surte pleno efeito se completada por uma total independência financeira”. Isso acaba se tornando um grande problema para muitas emissoras, já que no final não passam de serviços oficiais de informação. Um exemplo seria o episódio envolvendo uma entrevista com João Pedro Stedile, do Movimento Sem-Terra (MST), à TV Cultura, cuja veiculação foi impedida em TVs educativas do Rio de Janeiro e na Nacional de Brasília (TORRES, 2009).

Tais questões influenciaram uma série de críticas por parte de setores da sociedade civil acerca da falta de emissoras públicas no país. Um exemplo foi o *Fórum da TV Pública* realizado em 2007, que contou com a participação de “acadêmicos, comunicadores, cineastas, jornalistas, dirigentes de emissoras de rádio e televisão não comerciais”.<sup>15</sup> A iniciativa de mudança dessa relação veio com a criação da *TV Brasil*, que também adotou um Conselho Curador semelhante, exceto pela composição de “pessoas representativas da sociedade” (TORRES, 2009). Em seu site, o canal se denomina como “uma televisão pública nacional, independente e democrática” que visa ampliar a oferta de conteúdos por meio de “uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania”<sup>16</sup>. Por outro lado, em questão de financiamento, praticamente metade da verba da EBC é oriunda da União. Tal questão está presente em sua Lei 11 652/2008 de criação, que prevê que a empresa deve se organizar “sob forma de sociedade anônima de capital fechado e terá seu capital representado por ações ordinárias normativas, das quais pelo menos 51% serão de titularidade da União” (apud TORRES, 2009). Conforme Bucci (2010), tal relação não significa que “ela seja cotidianamente instrumentalizada pelo poder, mas sua estrutura confere à presidência da República os meios para constrangê-la, pressioná-la e enquadrá-la em finalidades de propaganda”.

---

<sup>15</sup> Disponível em: < [www.etc.com.br/sobre-a-etc/o-que-e-a-etc](http://www.etc.com.br/sobre-a-etc/o-que-e-a-etc) >. Acesso em: 25 de jun de 2015.

<sup>16</sup> Disponível em: < <http://tvbrasil.etc.com.br/sobreatv> > Acesso em: 25 de jun de 2015.

### 3.2 TV Piá

A *TV Piá* é um programa televisivo criado em 2010 pela jornalista Diléa Frate, por meio das produtoras Piá Comunicações e Serpentes Filmes, e em coprodução com a *TV Brasil*. O programa recentemente foi retirado da grade de programas infantis da emissora, tendo até esse momento apenas três temporadas. A primeira no ano de 2010, a segunda em 2011 e a terceira em 2012. O programa fazia parte da programação de domingo, sendo cada temporada transmitida em diferentes horários do início da tarde, sendo direcionado para uma audiência de crianças entre 6 e 12 anos de idade. Conforme o texto de divulgação na página da *TV Piá*, a intenção é promover:

um programa feito por crianças e para crianças, que tem como objetivo mostrar a diversidade cultural dessa turma pequena pelo país, como elas pensam, brincam e se divertem. Com o microfone na mão, meninos e meninas com idades variadas assumem o controle do programa, sem intermediários.



Imagem 6 – Abertura do programa *TV Piá*

Fonte: Reprodução

Esse é o principal diferencial do programa, que busca valorizar a fala das crianças sem intermediários dos adultos, dando a elas a posse do microfone durante entrevistas e depoimentos. A *TV Piá* também tem por objetivo promover a diversidade na televisão,

incluindo crianças de várias etnias, classes sociais e culturais. Além disso, o programa realizou filmagens em diferentes países, mostrando lugares como França, Uruguai, Portugal e Itália em alguns dos quadros<sup>17</sup>.

Em 2013, o *TV Piá* foi um dos três ganhadores no festival *ComKids Prix Jeunesse Iberoamericano*, escolhido pelo júri infantil para a categoria de não ficção para crianças de 7 a 11 anos de idade. A premiação promove a visibilidade de produções audiovisuais, digitais e interativas iberoamericanas direcionadas ao público infantojuvenil. No caso, foi escolhido o quinto episódio da terceira temporada do programa, que abordava temas como ecologia, meio ambiente e preservação das espécies.

O programa não se define como jornalismo infantil, mas segue um formato informativo semelhante aos de telejornal, revistas eletrônicas e documentários. Esse caráter também é apontado na pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa da Relação Mídia e Infância da Universidade Federal do Ceará (2011). Conforme o trabalho, feito a partir do monitoramento da programação infantil da Empresa Brasileira de Comunicação, a *TV Piá* se caracterizaria como programa de não ficção e de “viés jornalístico” (VITORINO, 2011, p. 42). Ele é estruturado em diferentes quadros com temáticas distintas, sendo eles: *Piá Repórter Piáventura*, *Fala Piá*, *Atravessando Mundos*, *Eu Quero Ser*, *Como se Faz?*, *Brincadeira*, *Em que Lugar do Mundo?*, *Cuca Piá*, *Piá Rock* e *Perfil*. A apresentação dos quadros varia em cada programa, mas alguns são mais frequentes que outros. A *TV Piá* contou em sua primeira temporada com um quadro que envolvia a participação de adultos, o *Adultos Hoje*, *Crianças Ontem*, retirado por falta de aceitação do público.

### 3.3 Análise da qualidade no programa

Como já citado no capítulo anterior, este trabalho trata de um estudo sobre a qualidade do jornalismo infantil. Ou, mais diretamente, sobre a qualidade do programa infantil *TV Piá* da emissora pública *TV Brasil*. Foram analisados os blocos *Piá Repórter* em 28 episódios da terceira e última temporada do programa. Pela recorrente aparição do quadro, alcancei o total de 41 matérias e 21 matérias/continuações - sequências de uma primeira -.

---

<sup>17</sup> Disponível em: < <http://comkids.com.br/tv-pia-e-o-protagonismo-das-criancas/>>. Acesso em 25 de jun de 2015.

Para este capítulo de análise, me basearei nos princípios de qualidade estruturados no capítulo anterior organizados em três perspectivas: participação, informação e linguagem.

### 3.3.1 Participação

Tal fator foi relevante para a escolha do programa e do quadro analisado. A *TV Piá* não é o único programa com características jornalísticas direcionado às crianças no país, existem diversos outros cadernos, revistas ou blogs infantis. Mas, a primeira vista, ele é o único que traz a criança para dentro do seu processo de produção, fugindo à perspectiva de um jornalismo infantil feito unicamente por adultos. Além disso, o quadro *Piá Repórter*, pelo nome e por algumas matérias, faz da criança a produtora dessa informação. Alguém que, conforme esclarece uma menina (Episódio16, Matéria1.2, 09'33) em um dos programas, “faz perguntas para as pessoas assistirem o telejornal e aprenderem mais”.



IMAGEM 7 – Abertura do quadro *Piá Repórter*

Fonte: reprodução

Porém, como já explicado, não podemos nos contentar com a presença de crianças em um programa. A qualificação dentro do jornalismo infantil está na atuação dessas crianças em meio à produção de conteúdo, e não como artifícios para divulgar um trabalho desenvolvido



por adultos. Assim, enfocando a participação das crianças como produtoras, pode-se dizer que há uma produção de informações por parte das crianças, mas que esta não é tão frequente quanto se desejaria. Numa visão superficial, em praticamente metade das matérias as informações intencionalmente não são produzidas por crianças. E o que defino aqui como informação são conteúdos que tenham utilidade para crianças, que a façam ampliar sua visão e compreensão do mundo. O que me parece exemplificado pela fala de Vitória (E12, M1.1, 03'36):

Olá, meu nome é Vitória, tenho doze anos. E sou de Manaus e hoje vou mostrar um pouco da minha cidade. Estamos aqui, no centro de Manaus, na frente do teatro Amazonas. Um dos pontos turísticos mais conhecidos do país. Ele foi construído em 1896. Ele é muito antigo e ele foi construído no tempo da borracha.

Analisando essa produção feita pelas crianças, mesmo que presente em alguma quantidade de matérias, esta aparece através de poucas falas. Ou seja, a maioria das falas das crianças não é informativa, e sim opinativa ou descritiva. Não aprofundarei agora sobre as características dessas falas, mas pode-se dizer que ao invés das crianças, quem assume a função de informar são os adultos entrevistados e os narradores. E essas entrevistas com adultos são visivelmente mais frequentes e mais informativas que as entrevistas que as crianças realizam com outras crianças. Está presente em 30 das matérias, em comparação a 20 que entrevistam crianças.



Imagem 8 – Menino entrevistando adulto no episódio 28

Fonte: reprodução



Porém, nesse aspecto não podemos cometer o erro de diminuir a relevância das falas das crianças comparando-as com as dos adultos, principalmente porque esses normalmente são estudiosos e especialistas no assunto abordado. Mas também não podemos ignorar que há crianças com as mais variadas experiências, capazes de passar ótimas e contextualizadas informações sobre sua realidade. Principalmente porque a fala delas é, às vezes, bem mais acessível a outras crianças que a fala dos adultos. É o que, a meu ver, acontece com Mona (E17, M1.1, 05'03), uma menina que participa do trabalho dos pais no barco do *Greenpeace*. Conforme sua fala no episódio, “a tinta do navio é atóxica. Então ela não é tóxica para não agredir os organismos marinhos”.

Dessa forma, já abordando também o princípio das crianças como fonte, não há razão para priorizar entrevistas e informações com adultos, mas melhor selecionar as fontes infantis a serem entrevistadas. Deixando a fala dos adultos para aprofundamentos necessários, o que é um ótimo artifício para contextualizações. Isso também seria ideal para pensar as narrações, que, por outro lado, em muitas matérias não são realizadas pelos ditos “repórteres”. Assim, enfocando a informação nos narradores e nas entrevistas com adultos, o programa impossibilita que as crianças sejam produtora do seu conteúdo. Em diversos momentos ela atua como artifício para o programa se aproximar do público e um ‘suporte de microfone’ para a fala de terceiros. Como exemplo, em 16 matérias a criança aparece como intermédio para as informações dadas pelos adultos, e em apenas uma a repórter atua também como narradora (E30, M1.1, 11'16).

Por outro lado, outro fator se impõe à produção infantil, sendo tão frequente quanto a participação de adultos. Em 28 matérias a criança é visivelmente fonte para os adultos que produzem a matéria, ou seja, mesmo que tenha um microfone em sua mão, ela não é a repórter da matéria. Nessas matérias percebe-se que elas respondem a perguntas da produção do programa, e não de um entrevistador criança. Claro que é ótimo ter o ponto de vista da criança como fonte, o que de certa forma compensa a frequência de falas dos adultos; mas, pensando em um quadro que se propõe a incluir a criança na função de repórter, isso não contribui para que ela seja de fato produtora. O ideal seria que, como um repórter “piá”, a criança tivesse domínio sobre a informação que está transmitindo, entrevistando crianças e adultos a fim de dar maior pluralidade e contextualização às matérias. Tal função me parece presente, por exemplo, na reportagem sobre Espaço de Ciência, no píer Mauá (E27, M2.1, 18'40), quando a repórter Mariana, consciente do tema abordado, passa informações ao

mesmo tempo em que entrevista crianças e adultos. É o que se pode perceber na seguinte passagem:

Eu queria falar agora de uma poluição que muita gente não percebe. Você já tentou de noite abrir a janela da sua casa, se você mora na cidade grande, e ver estrelas? Você não vai conseguir. Isso é uma poluição chamada poluição luminosa. A poluição luminosa ela não permite você ver as estrelas por exemplo. Afeta humano e também afeta muitos animais. Por exemplo as tartarugas. Elas quando desovam, elas têm que seguir a luz natural para ir pro mar. Se está perto de uma cidade a praia, elas vão seguir a luz de um poste. Podem morrer atropeladas, morrer desidratadas. Tem um tipo de luz que é correto e a maioria das pessoas não usam.

De certa forma, nos parágrafos acima, também servem como exemplo para compreendermos o princípio da criança como fonte. Por outro lado, a questão da autonomia das crianças nas matérias me parece estritamente relacionado a esses dois padrões, principalmente porque não basta que estejam presentes se não são capazes de expressarem-se por si próprias. Nesse caso, percebi que em 11 matérias as crianças estavam visivelmente comunicando uma informação repassada a elas, ou seja, algo que provavelmente um adulto externo lhe dissera. Por exemplo, em momentos em que a criança utiliza uma palavra que não parece que lhe seja familiar, como “timoneiro”, empregada por Bárbara (E2, M1.1, 02’36); ou quando faz um questionamento muito complexo, como a pergunta de Kamille sobre a diferença entre os pintores Manet e Monet (E29, M2.2, 11’59); quando está lendo um texto, como a fala de Leonardo (E20, M1.1, 06’05), ou, ainda, quando simplesmente fica olhando para alguém fora da cena, como a explicação de Daniel (E29, M1.1, 06’40).

Também apareciam momentos em que o processo de edição das imagens recortava de forma excessiva a fala da criança, como por exemplo na explicação de Elissandra (E11, M2.1, 14’44). A meu ver, tais cortes podem ter sido feitos em decorrência de uma série de intromissões ou correções que as crianças sofrem pelos produtores do programa. Estavam visivelmente presentes em oito matérias, um número pequeno, mas que não exclui a falta de autonomia, expressiva nessas falas fragmentadas. Por outro lado, mesmo sem me aprofundar em contabilizar os casos, percebi momentos e falas ensaiados, exemplificado na intromissão que Bárbara faz a Ana (E2, M1.1, 01.08 ). Junto a isso, também se percebiam algum uso de perguntas retóricas entre as crianças, como quando Isadora (E25, M2.1, 17’16) fala “Vamos ver o que tem lá dentro?” para as outras meninas.

Cabe também falarmos sobre a diversidade de participação entre as matérias, que a primeira vista pareceram centradas em uma classe média alta e branca. Não posso negar que o programa se esforça em trazer temáticas diversificadas, com diferentes crianças e culturas,

mas, numa visão ampla, tais momentos são poucos. Do total, apenas 19 matérias das 62 traziam crianças negras, em geral relacionadas a temáticas ou projetos da periferia. Esse é o caso de duas matérias envolvendo o *hip hop* (E3, M1.1 e E7, M1.1, M1.2) e uma sobre a dança *Passinho* (E19, M2.1, M2.2). Havia ainda matérias sobre exposições e escolas que envolviam crianças negras, mas elas estavam claramente em menor quantidade que as brancas. Quando o tema abordado era crianças com necessidades especiais, a participação era ainda menos expressiva. Apenas duas matérias (E18, M1.1, M2.1) traziam essas crianças, e de maneira, pode-se dizer, nem um pouco participativa. Nas duas, as crianças com deficiência eram o assunto para a fala de seus colegas ‘normais’, para que estes relatassem como era o convívio. O que, a meu ver, foi uma negligência do programa ao não promover a fala de crianças com necessidades especiais, dando-lhes oportunidade de se expressarem sobre temas que lhes dizem respeito. Ao contrário, foi assumida a mesma postura que o jornalismo adulto tem em relação à criança, considerando-a inapta a dar sua opinião e a fornecer informações consistentes.

André -“Estudar com crianças especiais é bom porque eu posso aprender como eles convivem. Eu já aprendi muitas coisas com eles.” (E18, M1.1, 11’53)



Imagem 9 – Menino falando sobre sua colega com síndrome de Down no episódio 18  
Fonte: reprodução

Além disso, o programa centra-se em crianças da região sudoeste, mais especificamente dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Sendo que as capitais desses estados ganham ainda mais destaque, tratando-se de um programa transmitido em cadeia nacional e promovido por uma TV pública. Do todo, apenas nove matérias não envolviam lugares dessa região, sendo cinco em Manaus, no Amazonas, e quatro em cidades da Bahia. Mesmo que no programa se vislumbrassem algumas variações, todo o resto do país estava completamente excluído do quadro. O que reforça a compreensão de que o programa *TV Piá*, mesmo acessível a diversos estados, estava direcionado a crianças das grandes cidades da região sudoeste.

A respeito do último princípio que elenquei como fator de participação, a Interação, ressalto que não me aprofundarei numa análise. O programa não continha nenhuma iniciativa de interação com o público que seguisse o definido no capítulo anterior. Apenas momentos de fala das crianças para a câmera, indicando tentativa de comunicação com o público. É o que aparece quando Flávia (E3, M2.1, 22'01) pergunta, olhando para a câmera: “Você acha que parece mais o Chaplin ou o Groucho Marx?”. Porém, como elencado anteriormente, interação trata-se de uma capacidade de *feedback* entre os envolvidos no processo comunicacional, e no programa não havia nenhum momento de participação da audiência. Antes de formular tal tópico teoricamente, já tinha consciência das limitações interativas da televisão e que poderiam refletir-se no programa. Por outro lado, me pareceu interessante incluir este fator por sua importância e para que o quadro de análise fosse aplicável para análise de outros casos, inclusive de outras mídias.

Por fim, ainda se tratando de participação, percebi que o quadro, como o programa *TV Piá*, não mantinha uma equipe de crianças para elaboração do conteúdo. Ao contrário, cada matéria trazia uma ou mais crianças diferentes, o que pode ser uma das causas para a falta de continuidade entre o que era produzido. Como já apresentado anteriormente, é importante que a criança tenha consciência do processo em que está participando, para que seja capaz de expressar-se. Tratando-se de jornalismo infantil, criar uma equipe de crianças jornalistas, mesmo que provisoriamente, é uma ótima opção para que elas aprendam o significado da transmissão de informações. O que seria um incentivo para a atuação delas em sociedade, ao mesmo tempo em que contribuiria para a qualificação do conteúdo jornalístico por elas elaborado. Claro que incluir crianças no processo de produção jornalístico requer muitos cuidados, os quais não entrarão em questão. Mas, enfocando uma aplicação saudável, tais

projetos podem contribuir para que a criança saia dessa condição passiva nos meios de comunicação.

Ainda sobre essa questão, percebi também que as crianças que participavam do *Piá Repórter* eram utilizadas para a elaboração de outros quadros, não necessariamente no mesmo episódio. Ou seja, na mesma circunstância em que a criança participava de um quadro, ela era incentivada a criar conteúdo para outros. Isso se tornou evidente numa visão mais geral do programa, e reforça a minha opinião de que a *TV Piá* estava mal organizado. A meu ver, não haveria necessidade de reutilizar a participação dessas crianças para tantos outros quadros se o programa contasse com uma equipe de trabalho bem estruturada e com pautas bem definidas. Além disso, produzir o máximo de conteúdo possível com uma criança reforça minha visão de que o programa não as preparava como produtoras. Pode também indicar a falta de autonomia dessas crianças, visto que despreparadas, deveriam seguir orientações da produção.

### 3.3.2 Informação

Nessa parte ampliarei alguns tópicos anteriormente citados no capítulo. De certa forma, a divisão entre participação, informação e linguagem não significa uma visão fragmentada do objeto estudado. Ao contrário, aspectos presentes nas três categorias estão estritamente relacionados, e devem ser vistos integrados para uma crítica sobre a qualidade do jornalismo infantil. Tal divisão foi utilizada, apenas, para uma compreensão mais clara e aprofundada dos diversos fatores envolvidos.

Partindo disso, percebo que o produto, em relação à objetividade tinha alguns cuidados. Por exemplo, praticamente todas as matérias tinham uma CG indicando a cidade e o estado onde se passava, como também, com frequência, as crianças eram identificadas através de CG com seus nomes e idades. Porém, esse não era o padrão, visto que várias matérias não apresentavam através de CG todas as crianças que participavam. Em alguns momentos, essa falta de CG era compensada pela própria apresentação da criança; mas, em outros, era completamente esquecida. É o que acontece na matéria 1 do episódio 26, onde nenhuma das três crianças participantes tem seu nome citado. Dessa forma, aproximadamente, 16 matérias não trazem CG com o nome das crianças. Além disso, algumas vezes, na continuação da matéria em outro bloco, o programa não mantinha a indicação de nome e idade. Ao defender

a necessidade de usar o CG, atento a um detalhe a ser cuidado pela produção, que é a necessidade de apresentar todas as crianças envolvidas. Não vou entrar na questão de esse ser um caso de descuido ou não, mas a denominação é essencial por ser uma forma de respeito à fala e à participação dessas crianças.

Por outro lado, o programa não mantinha a mesma acuidade com todos os dados que são essenciais para a compreensão e uma maior objetividade. Primeiro, mesmo que os episódios, em sua maioria, tratassem de exposições, escolas ou eventos, nem todos locais eram citados. Em 20 matérias não houve qualquer indicação de onde ocorriam, apenas da região da cidade onde estava acontecendo. Pode ser percebido, por exemplo, nas seguintes falas de narradores: “Numa escola do Rio, crianças com diversos tipos de necessidades especiais convivem, estudam e produzem juntas na maior harmonia.” (E18, M1.1, 11’15) e “No Rio de Janeiro, uma exposição sobre desenvolvimento sustentável atraiu crianças de todo o Brasil.” (E21, M1.1, 06.10). A meu ver, parte de tal omissão se deve a uma intenção de atemporalidade para o programa, ou seja, para que ele possa ser retransmitido sem que o conteúdo se torne ultrapassado. Mas, pensando a partir da objetividade do conteúdo, a exclusão de tais informações tira o tom de veracidade e realidade sobre o que está sendo mostrado. A criança não tem clareza sobre o que está acontecendo, muito menos se está acontecendo naquele período. A informação, mesmo que às vezes tenha a exposição ou evento como gancho para um tema, fica completamente descontextualizada para quem vê. Parece que uma matéria antiga é atual, e quem assiste não vai desconfiar da veracidade disso. Dessa forma o ideal seria que o programa, mesmo que venha a ser retransmitindo, contenha informações como ONDE, O QUE e QUANDO. Uma fórmula básica e até superficial do jornalismo, mas que contribui para que os acontecimentos mostrados não fiquem perdidos no tempo e espaço ou alheios aos aprofundamentos desejados.

Já em segundo caso, percebo também como falha de objetividade o fato de o programa não denominar os adultos que participavam. Ou melhor, apenas denominar os adultos que fossem figuras públicas importantes para a matéria. Em 12 matérias não houve nenhuma indicação de nome dos adultos envolvidos; já em relação ao cargo e profissão, o número era maior. Claro que entendo que a proposta do programa, de certa forma, é dar maior destaque à fala das crianças; mas não percebo como deixar de identificar as falas dos adultos possa contribuir para isso. Ao contrário, no jornalismo a identificação de nome e função serve para esclarecer quem é a pessoa e qual o seu lugar de fala. Além de também dar maior credibilidade à informação, já que é possível avaliar se os entrevistados estão aptos a falar

sobre o assunto abordado. Partindo dessa mesma perspectiva de identificação das falas, reforço a necessidade de denominação das crianças participantes. Já abordara este tema no tópico sobre participação, mas me parece tão influente quanto pensar a objetividade na informação.

Com relação à pluralidade, não percebi maiores cuidados da produção do programa a esse respeito. Tratando-se de quantidade, o quadro traz a participação e a fala de muitas crianças, mas não é a respeito disso que se busca nesse princípio, e sim da exposição de diferentes discursos. Dessa forma, como já apresentado, o quadro contava com pouca diversidade na participação e isso reflete-se na pluralidade. Principalmente porque o programa, em sua maior parte, difundia as falas de uma mesma classe social, mesma localidade e uma mesma etnia, ou seja, muitas vezes de uma mesma experiência e cultura. Existem sim alguns casos no programa onde outras infâncias participam, mesmo em menor quantidade, e é admirável como suas falas transmitem essa experiência diferenciada do que é ser criança. É o que acontece, por exemplo, na fala de Dani (E25, M1.1, 05'44), uma das pacientes do Hospital Federal de Bonsucesso:

A parte chata é que eu tenho que ficar sentada aqui quatro horas. E aí quando a gente toma injeção! Eu acho que pra mim eu sou corajosa. Sei lá. Porque eu já passei por tanta coisa assim e nunca desisti de tentar se levantar. Quando eu cheguei aqui a primeira vez eu ficava, assim, meio deprimida. Porque eu não sabia como era a hemodiálise. Nem sabia que existia isso. Aí quando eu fui acostumando com as coisas, fui melhorando.

Por outro lado, mesmo que haja algumas falas contundentes em questão de pluralidade, a intenção do programa não é dar visibilidade a diferentes discursos. Ele difunde a imagem da criança bem cuidada, que é boa aluna e curiosa. Pontos de vista ou experiências que fujam a essa lógica idealizada de infância são ignorados ou aparecem julgados. O que acontece, por exemplo, com a fala de Elissandra (E11, M2.1), que visita pela primeira vez o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo. É evidente que ela não sabe a função de um museu, porém, em vários momentos, o programa aproveita o seu desconhecimento pontuando humoristicamente cada erro dito. Ela é uma piada para aquela criança 'bem educada', que já foi e reconhece o que é um museu. Isso também acontece no episódio 29 (M1.1, 06'02), onde, abordando uma exposição de arte, Laura fala: "Olha, pra criança eu acho melhor parque". O fim da frase é marcado por efeito sonoro de 'mola', semelhante ao usado pelos programas de comédia para marcar os erros dos personagens. Dessa forma, o ideal seria o programa apresentar bem esses diferentes pontos de vistas, dando oportunidade para as crianças

esclarecerem a suas visões sem serem tachadas por isso. Respeitar a espontaneidade da criança nesse caso não implicaria em denegrir a necessidade de visitar museus ou exposições, mas construir um discurso relacionando um nível de apropriação que é peculiar da criança. Principalmente porque, pensando nas muitas crianças do país que nunca tiveram contato com esses espaços culturais, diminuir a falta de conhecimento não vai ajudar como incentivo de interesse.

Tais questões estão também muito relacionadas ao princípio de relevância, visto que, como o programa difunde um modelo específico de infância, ele também é produzido seguindo os interesses desse grupo. Dessa forma, a escolha de tema em várias matérias do programa segue essa lógica, principalmente da criança aluna e curiosa. São comuns abordagens sobre, por exemplo, ciências, presente em seis matérias, e meio ambiente, em sete, temas bastante relacionados à aprendizagem escolar. A cobertura sobre as próprias escolas também ganha destaque, aparecendo em 14 matérias. Além disso, muitas dos quadros abordam temáticas culturais, como dança, música, artes, literatura, teatro e exposições. O que foge a essa lógica são bem poucas matérias, que nem sequer se aproximam de editorias como economia e política. Claro que o programa não enfoca apenas nos interesses da audiência, como também traz algumas informações interessantes para as crianças, mas ele não foge à lógica de grande parte do jornalismo infantil. Ele não explora temas de interesse público, que sirvam para a atuação da criança em sociedade, e propõem poucos assuntos e perspectivas diferentes a quem assiste.

Tais questões também estão estritamente relacionadas ao princípio da abrangência, já que percebo que os temas relevantes para a publicação são direcionamentos a uma noção de infância bem cuidada, boa aluna e curiosa. Outros interesses estão pouco presentes, o que justifica menor quantidade de matérias com temas da periferia em comparação a outras. Por exemplo, em apenas seis matérias foram abordados assuntos da periferia, como acontece no episódio 19 (M2.1, M2.2), onde em duas matérias é mostrada a dança *Passinho*, praticada por crianças na favela do Cantagalo, no Rio de Janeiro. Por outro lado, destacam-se matérias um perfil de cultura elitizada, como a matéria sobre a exposição do pintor Modigliani no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro (E29, M1.1), ou a matéria sobre a Academia Brasileira de Letras (E25, M2.1). Porém, destaco que não estou diminuindo tais temas, que por sinal são importantes para a construção cidadã da criança, e sim incentivando uma seleção mais abrangente sobre o que é abordado pelo programa. Trata-se de reconhecer assuntos mais variados, que sejam de interesse a uma variedade de infâncias. Mas, também, pensando



naquilo que é desconhecido na maioria das vezes pelas crianças e que ampliaria sua visão de mundo. Assim, como Modigliani pode ser novo para alguém da periferia e o Passinho para quem vive fora dela, tratar, por exemplo, acerca do processo eleitoral pode ser construtivo para ambos.

Ainda sobre relevância, dois fatores pareceram-me mais problemáticos e inexpressivos no programa: a abordagem sobre a cultura local e problemáticas, como já havia citado anteriormente. Tratando-se do primeiro princípio de qualidade, percebi que boa parte do que era mostrado no programa se passava na cidade do Rio de Janeiro. Isso esteve presente em 37 matérias, mais da metade das matérias analisadas. Na sequência, vinham sete matérias na cidade de Santos, cinco em São Paulo, cinco em Manaus, quatro no estado da Bahia e outras quatro em municípios da região Sudeste. A meu ver, o destaque dado ao Rio de Janeiro é incompatível com a proposta da *TV Brasil* de ser um meio de comunicação público e direcionado a todo o país. Como também não representa a diversidade cultural brasileira, já que, como defendido anteriormente, impede que as crianças tenham contato com a sua realidade local. Dessa forma, o quadro, para crianças de outras localidades, não apresenta nada sobre a região e realidade em que vivem, não trata de exposições, eventos e projetos que lhes são acessíveis. Essas público praticamente só têm informação sobre o que acontece no Rio de Janeiro, que por sinal é também o pólo de exportação cultural comum na mídia para o que seria “essencialmente brasileiro”.



Imagem 10 – Reportagem sobre Manaus no episódio 12  
Fonte: reprodução

Além disso, nas matérias do *Piá Repórter* também são pouco abordados temas como folclore, expressões culturais e história nacional, que dizem respeito à cultura local. Isso, porque não se trata apenas de mostrar lugares variados, mas de fazer que crianças tenham acesso à variedade cultural do seu país. Tal questão pode ser percebida, por exemplo, na reportagem sobre a Escolinha do Tamar na Bahia (E24, M2.2), onde é abordada a capoeira e sua variação baiana. Por outro lado, não ignoro que todos os temas abordados pelo quadro sejam nacionais, o que é ótimo para equilibrar a grande presença de produtos midiáticos infantis importados. Porém, também não podemos reproduzir essa mesma lógica exportando o Rio de Janeiro para todos os cantos do país, e sim mostrar a diversidade cultural brasileira às mais variadas infâncias.

Já em segundo tópico, como havia citado, está a questão das problemáticas, que me pareceu negligenciada pelo programa. A maioria das causas apresentadas diziam respeito a problemas ambientais, como extinção e poluição, e eram superficialmente abordadas. Em sua maior parte, as falas exaltavam a importância de não poluir ou da necessidade de reciclar, ser sustentável e cuidar do planeta; mas sem qualquer citação sobre causas e consequência da problemática. É o que se percebe nas seguintes falas de Emanuele acerca de uma exposição sobre sustentabilidade, no Rio de Janeiro (E21, M1.2, 19'01): “Ah, foi legal. Porque fala sobre como ajudar a gente a preservar o nosso planeta. Cuidar do planeta. Essas coisas assim”. Por sinal, tal matéria não deixa nada claro sobre a exposição, além de não esclarecer em nenhum momento como podemos ser sustentáveis e ajudar o planeta. Porém, havia algumas poucas matérias bem elaboradas no que diz respeito à problemática da poluição, como a reportagem sobre o espaço de ciência no píer Mauá, no Rio de Janeiro (E27, M2.1). Um exemplo seria a explicação de Saulo (E27, M2.1, 20'18), adulto entrevistado, sobre a poluição luminosa:

A poluição luminosa é toda a luz que se direciona pra cima. A luminária tem que ser direcionadas somente pra baixo. O que vai pra cima é só energia desperdiçada e causa uma série de impactos, como a gente pode ver. Olha aqui. A gente tem um diagrama. Quanto pior o sistema de iluminação, pior a visão do céu, e pior a visão do plano a ser iluminado.

Podemos também citar as falas de João e Elisa (E27, M1.1, 01'40), respectivamente, a respeito das enchentes: “E essas enchentes acontecem por causa da poluição também, porque pode entupir bueiros e ruas também” e “E se preocupem muito antes de tocar qualquer papelzinho, qualquer coisa no chão. Porque pode causar o maior estrago para a sua vida e pra vida de muitas outras pessoas. Está chovendo muito lá fora”. Bons exemplos, porém não

compensam a falta de problemáticas no programa, principalmente porque os problemas não se restringem ao meio ambiente. Questões como pobreza, fome, preconceito e violência estão completamente ausentes; divulga-se, como na maioria do jornalismo infantil, um mundo bonito a ser conhecido. Porém, como já citado no capítulo anterior, esse mundo não condiz com a realidade de nenhuma criança, cujo cotidiano abarca as mais diferentes problemáticas. Por sinal, em algumas falas do programa percebe-se que as crianças reconhecem a existência de alguns problemas. Pode ser visto quando Gabriel (E16, M1.2, 07'56), na reportagem sobre a realização de um telejornal infantil, pergunta ao seu colega “Qual a melhor coisa e a pior coisa de Santos pra você?”. Ou também quando André (E18, M1.1, 12'54), aluno de uma escola para crianças especiais, comenta: “A diferença quando eu venho pra essa escola, eu sinto mais amizades assim. Na outra eu não tenho tantos amigos”. Dessa forma, esclarecer sobre esses problemas e incentivar as crianças a se tornarem cidadãos ativos e conscientes seria uma função que o jornalismo infantil, incluindo a *TV Piá*, deveria assumir em suas reportagens, ao invés de tentar construir um mundo idealizado, sem reflexos reais.

Por fim, tratando-se da informação, cabe ainda tratar da desmercantilização e da contextualização dentro do programa. E sobre, o primeiro me restrinjo a falar que não está presente no programa, o que é um ótimo fator seguindo o especificado no capítulo anterior. De certa forma, o quadro inclui no seu conteúdo referências à cultura da mídia, como animações, filmes, músicas e jogos; mas em nenhum momento incentiva diretamente a compra de produtos. Exemplo disso é a presença de trecho do filme de animação *Madagascar*, da Dreamworks, na primeira matéria do episódio 9, que é utilizado como entretenimento relacionando à abordagem da reportagem sobre ondas. Assim, entendo que, mesmo tratando-se de produtos comercializáveis, a inserção dessas referências se deva a fins de entretenimento e aproximação com a cultura midiática a que muitas crianças tem acesso.

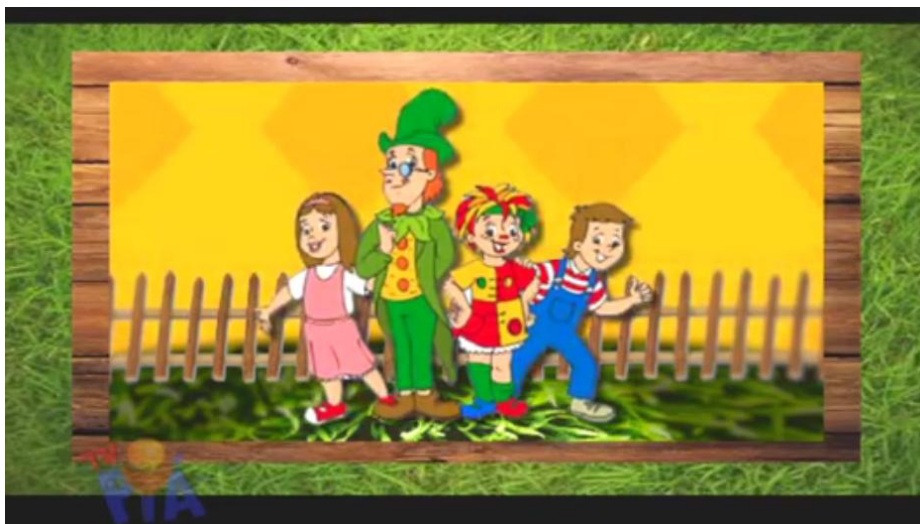


Imagem 11 – Presença de personagens da mídia no episódio 23

Fonte: reprodução

Já sobre a contextualização, percebo este como outro princípio problemático no programa. Primeiramente, muitas das falas das crianças não eram informativas, e sim opinativas e descritivas. Anteriormente já citara isso, e minha intenção não era dizer que o programa não contivesse informação, principalmente porque tanto falas descritivas como opinativas podem também conter informação. Porém, analisando cada matéria, percebe-se a recorrência de falas superficiais, nas quais muitas vezes a criança expressava seu sentimento em relação a algo ou descrevia o que estava sendo mostrado no vídeo. Por exemplo, na fala de Maria Fernanda (E1, M1.1, 22'11) sobre marionetes expostas: “É um rei e uma rainha. Achei as roupas, as joias, tudo lindo”. Por outro lado, quem acabava por passar informações um pouco mais completas eram os adultos entrevistados e os narradores. Anteriormente, já havia utilizado essa questão para tratar de participação, vendo quanto as crianças eram realmente produtoras de conteúdo; mas, agora, parece-me conivente para pensar na qualidade dessa informação em relação à contextualização. Partindo de informações, por vezes, tão superficiais, o programa tendia a também não contextualizar. Eram comuns falas que não davam noção de causa e consequência sobre o que era mostrado, onde podemos lembrar, de maneira mais básica, a falta de explicitação a respeito dos eventos, escolas e projetos mostrados. Sendo assim, a maioria das informações no quadro não incluíam aprofundamentos que pudessem esclarecer mais sobre o tema mostrado e o que se relacionasse com ele, como é o caso das duas matérias sobre as crianças no Hospital de Bonsucesso (E25, M1.1, M1.2).

Nelas, poderia, ser apresentados dados, como a quantidade de crianças que recebem tratamento, doenças recorrentes e como o trabalho do grupo de palhaços ajuda no tratamento; informações que orientariam a audiência sobre a realidade que muitas crianças vivenciam. Por outro lado, percebeu-se que algumas matérias, quando não suprimiam a contextualização, a possibilitavam por meio da fala dos adultos entrevistados ou dos narradores. É o que acontece na reportagem sobre a exposição do Museu de Astronomia no Piscinão de Ramos, no Rio de Janeiro, onde apenas os adultos que orientam a exposição vão esclarecendo e contextualizando cientificamente o que é mostrado. Também pode ser percebido na contextualização da narradora em reportagem sobre Manaus, a respeito do chamado Tempo da Borracha (E12, M1.1, 04'00):

A borracha, também conhecida como látex, é extraída de uma árvore muito comum na Amazônia, a seringueira. Há mais de 150 anos, Manaus ficou conhecida como a capital mundial da borracha. E conserva ainda muitas coisas desse período.

Por fim, pensando em toda a informação, percebo que o programa traz alguns conteúdos pertinentes e realidades interessantes para as crianças. Ele não é ao todo problemático. Também é o primeiro produto jornalístico, que tenho acesso, que melhor dialoga com os pressupostos elencados. Porém, visando sempre uma qualificação, percebo que ele deveria melhorar o trabalho sobre as informações. Ampliá-las, incluindo uma representação descentralizada, plural, que incluísse pontos de vistas contundentes e informações que enfocassem mais a realidade. Isso pensando em transformá-la por meio da atuação consciente das crianças. A meu ver, o programa tem muitas oportunidades para, por exemplo, incluir problemáticas e contextualizações no seu conteúdo, mas acabam por não aproveitá-las.

### 3.3.3 Linguagem

Por último, para encerrar esta análise, abordo os princípios de qualidade pela ludicidade, o entretenimento e o didatismo. Sobre os dois primeiros, percebo que o programa traz uma série de atrativos, que enriquecem a matéria tornando a informação mais interessante às crianças. Não são todas as matérias que trazem esses elementos, há alguns casos em que o programa não utiliza essas iniciativas ou as inclui timidamente. Porém, numa visão mais ampla, acredito

que a *TV Piá* consegue alcançar uma perspectiva menos rígida ao informar seu público. Isso pode ser exemplificado pelo recorrente uso de transições de cenas variadas, como também na presença de efeitos sonoros marcando as falas, ações e mudanças de cena. Ações que tornam o programa mais dinâmico e contribuem para a compreensão das crianças sobre os assuntos abordados. Além disso, entre as falas era comum a presença de trechos editados ao modo dos videoclipes musicais, nos quais o processo de edição intercalava imagens das cenas das matérias acompanhadas de trilha em background com ou sem relação com o assunto. Um exemplo seria o uso da música *Comida*, da banda Titãs, no segundo episódio, que aparece após a fala de Ana sobre o barco (E2, M1.1, 01'35): “Aqui, provavelmente, deve ser onde eles comiam. A comida deles era biscoitos duros e vinhos”. Tais momentos, também estão estritamente relacionados à noção de entretenimento, pois é por meio de uma linguagem divertida que a aquisição de conhecimento é estimulada. Mas, claro, nem todos os momentos de entretenimento servem como intermédio para o lúdico, alguns são diversão pura, sem promover qualquer aprendizagem. Há algumas situações assim perceptíveis no quadro, onde o entretenimento ganha destaque enquanto a informação é relegada a um segundo plano. Isso acontece na reportagem sobre a dança *Passinho*, onde num momento é dado destaque, por meio de efeito de *replay* e inserção de uma narração de futebol, à queda de Kauan (E19, M2.1, 14'38) durante uma demonstração. Também pode ser percebida quando alguns efeitos são colocados junto ao vídeo, como a ruborização adicionada ao rosto de Ana (E2, M1.1, 01'22) para indicar que ela estaria irritada com a intromissão de sua colega. Porém, não quero dizer que tais momentos devem ser excluídos do programa. Pelo contrário, o entretenimento pode estar presente sem que isso represente uma descaracterização do valor informativo e jornalístico do programa.

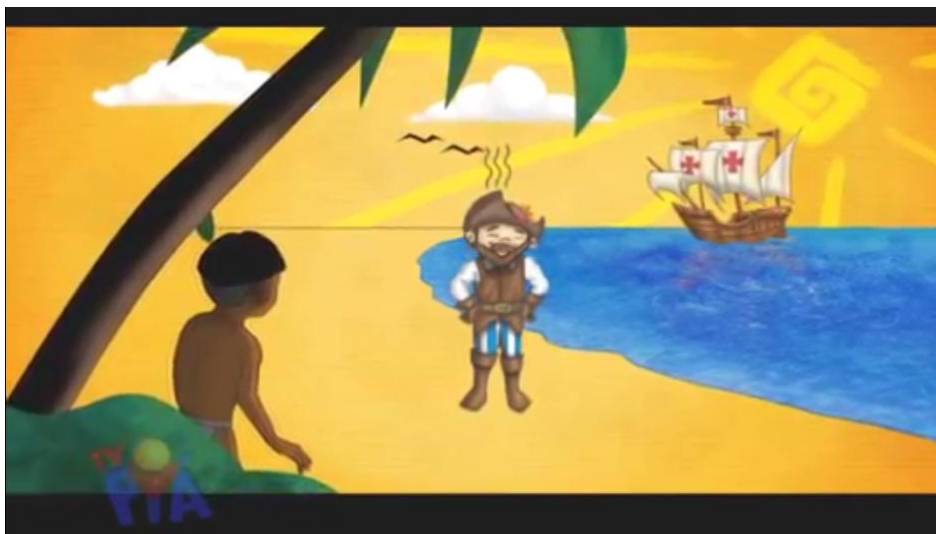


Imagem 12 – Animação representando explicação no episódio 12

Fonte: reprodução

Mas, em minha análise, o *Piá Repórter* consegue mesclar bem esses dois âmbitos, sendo que muitos dos atrativos estão relacionados às falas. É o que acontece com algumas animações incluídas nas matérias, como na reportagem sobre Manaus (E12, M1.2, 12'57), onde é inserida uma acompanhando a explicação da narradora sobre o hábito dos índios de banharem-se frequentemente. Além disso, o programa adapta esteticamente algumas matérias à temática abordada. Algo que não é recorrente, mas pode ser percebido, por exemplo, na reportagem sobre o *hip hop* em Nova Iguaçu (E3, M1.1), onde as músicas tocadas condizem com o estilo, e a fonte para CG é adaptada a uma grafitada. Isso também pode ser percebido na reportagem sobre uma escola de circo no Rio de Janeiro (E3, M2.1), onde o vídeo é emoldurado por uma imagem de lona de circo e músicas circenses são adicionadas. Por outro lado, tratando-se de ludicidade e entretenimento, o programa traz todas as suas CG animadas e nas mais variadas cores, além de incluir imagens dos bastidores, ao estilo *making off*, quando a imagem na tela é exibida em preto e branco. Tal situação acontece na matéria sobre um sorveteiro na Bahia (E9, M2.1), servindo para mostrar a interação dele com as crianças.

Por fim, ainda nos resta abordar o didatismo no conteúdo do *Piá Repórter*, que, em minha opinião, segue a mesma iniciativa dos dois princípios anteriores. Conforme analisado, percebo que o programa inclui momentos didáticos muito interessantes, mas que não são tão recorrentes quanto o desejado. Um exemplo seria a inserção de imagens ou vídeos que completam o entendimento da fala, como a utilização de trechos do filme *Helena* (E26, M1.1,

06.31) na reportagem sobre fotojornalismo no Instituto Moreira Sales do Rio de Janeiro, já que na exposição as crianças se deparam com fotos desse jogador de futebol. Ou também, a inserção de um mapa da América Latina para mostrar alguns países que fazem divisa com o Brasil, e com os quais o Barão do Rio Branco delimitou fronteiras (E20, M1.1, 04'52).



Imagem 13 – Imagem e CG junto à explicação no episódio 2  
Fonte: reprodução

Além do uso desses artifícios, o programa tem o cuidado de incluir informações adicionais em GC para explicar palavras ou nomes pouco acessíveis citados na matéria. Isso acontece, por exemplo, com a palavra Caravela (E2, M1.1, 01'03) e o nome do artista Arcimboldo (E8, M1.1, 04'08). Também, insere algumas CG explicativas, ou seja, que indicam o que é mostrado ou sintetizam uma fala. É o caso da CG '*Picolé + Fashion = Picolation*' para esclarecer a origem do apelido do sorveteiro baiano (E9, M2.1, 17,41). Ou, também, na indicação *O Salão de Dança em Arles 1888 Vicent Van Gog*' para o quadro que é mostrado na reportagem sobre a exposição no Centro Cultural Banco do Brasil (E29, M2.2, 17'11). Inclui-se nesse cuidado por parte do programa, a inserção de CG para algumas falas que não são claras, seja por uma língua estrangeira ou por barulhos externos. Isso está presente durante a fala do argentino Matias na reportagem sobre como são criadas as ondas (E9, M1.1, 04'03). Já, por último, e menos recorrente, está a utilização de locuções em off para explicar algum elemento citado na matéria, sem se tratar de uma contextualização e sim de um esclarecimento. Isso está presente na matéria sobre o evento *SESC Santos Trilha do Brincar*,



onde a citação de Gabriel a respeito de *origamis* é acompanhada pela seguinte fala da narradora: “Origami é a arte tradicional japonesa de se dobrar o papel de várias formas” (E6, M1.1, 04’51).

Visto tais exemplos, reconheço que o programa toma alguns cuidados a respeito da clareza e da compreensão do conteúdo, como também faz uso de uma linguagem não simplificada e infantilizada como em outros produtos jornalísticos para crianças. O que, a meu ver, é resultado da grande presença de crianças nas matérias. Porém, não ignoro que tais situações deveriam tornar-se mais recorrentes na *TV Piá*. Além de haver um maior cuidado para que tais momentos didáticos realmente contribuam para o entendimento infantil, pois não significa adicionar imagens e CG se elas não dizem nada. Isso acontece na matéria sobre a companhia de teatro *Novos Novos*, em Salvador, indicado com a CG *Othon Bastos* (E10, M1.1, 07’32) o ator em uma foto antiga, mesmo que em nenhum momento alguma fala trate sobre ele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar este projeto, um estudo acerca do jornalismo infantil parecia algo pouco fértil. A bibliografia era fragmentada, sendo poucos os autores que abordavam especificamente esse tema. Porém, não se pode ignorar que já estavam amplamente consolidados e difundidos os estudos sobre mídia e infância, assim como as iniciativas de responsabilização por parte de entidades públicas. Tais ações podem ter se inserido pouco no jornalismo, mas influenciaram grandes transformações nas legislações envolvendo os meios de comunicação. O resultado é um vasto surgimento de documentos legais em diferentes países, que regulamentam os conteúdos midiáticos sobre e para as crianças. E é tal histórico que norteia e viabiliza este trabalho. Ou seja, que estruturou diversas das críticas aos meios de informação, as quais me baseio para definição de princípios de qualidade no jornalismo infantil.

Por sinal, as críticas e os qualificadores apresentados nessa pesquisa não são os únicos que podemos organizar a respeito do jornalismo infantil. Como citado anteriormente, a proposta do trabalho é apenas estudar os conteúdos, voltando-se para como eles contribuem ao desenvolvimento pessoal e participativo das crianças e correspondem aos ideais éticos associados ao jornalismo. Dessa forma, podemos realizar também outras análises sobre a qualidade no jornalismo infantil, partindo, por exemplo, de um estudo sobre seus processos de produção. Porém, a esses diversos estudos que venham a abordar produtos informativos infantis e sua análise de qualidade, seja no jornalismo ou em outras áreas, acredito que esta pesquisa servirá de contribuição. Principalmente por trazer uma compilação de teorias, autores e exemplos relacionados ao tema, como também por seguir uma perspectiva jornalística para se pensar a relação infância e mídia.

Já a respeito do programa *TV Piá*, percebi nele iniciativas relativamente de acordo com os princípios de qualidade elencados. O quadro analisado demonstra um pouco de entendimento por parte da produção acerca das necessidades e dos interesses infantis. Podemos citar, por exemplo, o envolvimento das crianças nas matérias, como também a utilização de uma linguagem lúdica e didática. Porém, tratando-se de qualidade no jornalismo infantil, não podemos nos contentar com aproximações aos princípios formulados, mesmo esses sendo idealizações inatingíveis. A razão para a crítica da mídia é sempre estimular

melhorias no produto, e o presente trabalho também espera contribuir para futuras temporadas da *TV Piá*.

Dessa forma, sobre a participação das crianças no programa, percebem-se diversos problemas. Isso, porque, ao tratar de participação, defendo a inclusão das mais diversas infâncias nos meios de comunicação, tendo elas ampla autonomia para se expressarem. Ou seja, que possam produzir, informar e opinar sem qualquer censura ou manipulação por parte de adultos. Além disso, também acrescento a este tópico iniciativas de interação com o público, incluindo a participação dessas crianças na criação de conteúdos. Porém, no quadro *Piá Repórter* constatou-se pouca autonomia das crianças, tanto como produtoras como transmissoras de informação. Mesmo que elas tivessem a posse do microfone, muitas vezes demonstravam não estar cientes sobre a função que desempenhavam, acabando por descrever suas impressões ou o que era apresentado nas imagens. Também, em várias matérias, observaram-se momentos em que a criança repetia informações da produção ou apenas presenciava a fala de um adulto. Sobre uma diversidade de participação, houve pouca inclusão de crianças que não fossem brancas, cariocas e de classe média alta. Já a respeito da interação, o quadro não promoveu nenhuma forma de participação do público no conteúdo. Sendo assim, mesmo que uma das principais propostas da *TV Piá* seja produzir um programa inteiramente feito por crianças, tal iniciativa não é amplamente adotada. O que se repete acerca da intenção de ser culturalmente diverso. Com isso, entendo que programa, para uma maior qualidade e aproximação com suas propostas, deveria investir numa preparação das crianças, para que elas pudessem produzir e transmitir sua própria informação. Como também ampliassem a representação e a expressão de diferentes infâncias, assim como a participação de sua audiência. O que seria efetivo recebendo conteúdos e comentários por uma página ou rede social do programa.

Por outro lado, a respeito do tópico informação, observaram-se outras discrepâncias. Conforme já citado, tal fator aborda o conteúdo tanto por suas características jornalísticas quanto infantis. Ou seja, que a informação no jornalismo infantil deve sempre ser verdadeira, plural e relevante, seja por sua utilidade ou por compreender os mais diversos interesses. Com isso, entendem-se também como relevantes a inserção de problemáticas e da cultura local nos conteúdos, devido à contribuição desses elementos a uma representação mais realista do mundo. Além da necessidade da informação apresenta-se contextualizada e sem propagandas ou conteúdos comercializáveis. Porém, ao analisar a *TV Piá* percebeu-se que, mesmo o programa não divulgando informações falsas ou manipuladas, havia pouco cuidado com a

nomeação das falas, principalmente de adultos, e dos eventos mostrados. Também, em muitos poucos momentos do programa eram apresentadas diferentes opiniões, assim como culturas e comunidades que não correspondessem as do Rio de Janeiro. Já problemáticas e contextualizações eram tão escassas quanto, sendo, nas poucas vezes presentes, a partir de falas de narradores ou adultos. Mas, tratando-se de mercantilização, em nenhum de seus conteúdos o programa apresentou alguma intenção ou objeto para comercialização. Dessa forma, percebe-se que há um propósito do programa em atender as necessidades e interesses das crianças. Todavia tal fator se apresenta ainda limitado, visto que não se trata apenas de abordar assuntos considerados agradáveis ou fáceis. Produzir um jornalismo infantil significa munir as crianças com informações a fim de que possam entender, criticar e participar da realidade. Isso considerando também as diversidades culturais e sociais de seu público, assim como respeitando os valores esperados de um conteúdo jornalístico. Por tal razão, entendo que deveria haver por parte da *TV Piá* um maior cuidado com a elaboração das matérias, como também uma inserção mais ampla de temas, opiniões e realidades nacionais.

Por último, já sobre a linguagem no programa, gostaria de reforçar o trabalho diferencial que o programa desenvolve. Tal tópico consiste na utilização de uma linguagem lúdica, ao promover que a criança adquira conhecimentos ao mesmo tempo em que se entretém. Como também defende uma linguagem acessível aos saberes das crianças, estando em sintonia com sua falta de vocabulário e conhecimentos. Dessa forma, percebe-se que a *TV Piá* não deixa o entretenimento se destacar, como em muitos produtos midiáticos que diminuem o espaço da informação a fim de tornar o programa mais facilmente consumível. Ela, de certa forma, segue um caminho contrário, mesmo que a informação e a participação que propõem não alcance o desejado nessa análise de qualidade. O programa consegue casar seu conteúdo informativo com uma linguagem atraente às crianças, que em nenhum momento tende a copiar o padrão jornalístico tradicional para os adultos. Além disso, um pouco menos recorrente, ainda se percebe algumas iniciativas a fim de promover uma maior clareza e compreensão dos conteúdos. Dessa fora, de uma maneira ainda amadora, pode-se dizer que o desenvolvido, nesse fator pelo programa, indica um caminho para uma produção jornalística infantil que respeita as especificidades do seu público. Assim, para uma maior qualificação, percebo que deveria haver uma ampliação de tais momentos lúdicos dentro do quadro, valendo o mesmo para os didáticos.

Por fim, percebo que o programa *TV Piá* como um importante exemplo de jornalismo infantil voltado a televisão no país, principalmente por compactuar com alguns princípios

defendidos nesse trabalho. Independente dos problemas elencados na análise de qualidade, acredito que iniciativas assim deveriam se desenvolver ainda mais na mídia brasileira. E a *TV Píá* é um ótimo referencial para produções futuras, ainda tenha que se afastar de alguns vícios do jornalismo infantil.

## REFERÊNCIAS

ANDI. **Direitos da Infância e Direitos à Comunicação:** Fortalecendo convergências nos marcos legais e nas políticas públicas. Brasília: ANDI, 2013.

ANDI. **Esqueceram de Mim: Jornais brasileiros ignoram o potencial pedagógico dos cadernos infantis.** Pesquisa A mídia dos jovens, ano 6, n10, junho 2002.

ANDRADE, L.B.P. **Educação infantil:** discurso, legislação e praticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP, 2010. Disponível em: <[www.static.scielo.org/scielobooks/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853.pdf](http://www.static.scielo.org/scielobooks/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853.pdf)>. Acesso em: 25 de jun de 2015.

ARIÈS, Philippe. **A História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira.** 10ª edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1990, 131-161.

BECKER, Beatriz. **Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção.** **Estudos em Jornalismo e Mídia**, n.2, v.6, 2009.

BEMFICA, Veronica; VARÃO, Rafiza. **Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças.** Encontro Nacional de História da Mídia, 7, 2009, Fortaleza, Anais...Fortaleza:UNIFOR, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Quando%20jornalismo%20e%20infancia%20se%20encontram.pdf> Acesso em 16 de junho de 2014.

BLOCK, Alan. Lendo revistas infantis: cultura infantil e cultura popular. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Org.). **Cultura Infantil:** A construção cooperativa da infância. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004, 237-255.

BONIN, Jiani Adriana; VARGAS, Greyce. **Perspectivas Teóricas para Compreender o Jornalismo Infantil.** Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 11, 2010, Novo Hamburgo, Anais... Novo Hamburgo: Feevale, 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0866-1.pdf>>. Acesso em 16 de junho de 2014.

BRANCHER, Vantoir Roberto. Cultura Infantil: problematizando a ludicidade e o ser criança hoje. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil? **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n.88, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

COLUSSI, Eliani de Avila. O lúdico e a construção do conhecimento diante das novas tecnologias. **Revista Expressão**, Santa Maria, v. 1, p. 73-84, 2011.

DAVID, Paul. Os direitos da criança e a mídia: conciliando proteção e participação. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von (Org.). **A Criança e a Mídia**: Imagem, Educação, Participação. São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO, 2002, 37-42.

DORETTO, Juliana. **Pequeno leitor de papel**: Jornalismo infantil na “Folhinha” e no “Estadinho”. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. Jornalismo para a Infância: uma proposta de definição. **Revista Ciberlegenda**, Niterói, v.1, n. 30, 2014. Disponível em:<[www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/issue/view/37](http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/issue/view/37)>. Acesso em: 25 de jun de 2015.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de Caso. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

FEILITZEN, Cecilia Von. Educação para a Mídia, Participação Infantil e Democracia. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von (Org.). **A Criança e a Mídia**: Imagem, Educação, Participação. São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO, 2002, 19-35.

FERREIRA, Mayra Fernanda. Infância e Mídia: Reflexões sobre Produtos Culturais para Crianças. **Revista Contrapontos**, Itajaí. N. 3, V. 7, 2007, 645-656.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo para crianças:** perspectivas da infância digital. In: Colóquios Internacionais de Estudos sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2010, São Paulo, Anais... São Paulo: UMESP, 2010. Disponível em: <[http://www2.metodista.br/unesco/1\\_Celacom%202010/arquivos/Resumos/91-Jornalismo%20para%20crian%C3%A7as\\_MayraFerreira.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202010/arquivos/Resumos/91-Jornalismo%20para%20crian%C3%A7as_MayraFerreira.pdf)>. Acesso em: 25 de jun de 2015.

FILHO, L. L. L. A TV pública. In: BUCCI, Eugênio(Org.). **A TV aos 50 anos:** criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, 153-165.

GUERRA, Josenildo Luiz. Monitoramento de Cobertura e Produção Experimental Monitorada: Pesquisa aplicada voltada para a qualificação de produtos e processos jornalísticos. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e Vidraça:** Crítica de mídia e qualidade no jornalismo. Portugal: LabCom, 2010a, 69-94.

\_\_\_\_\_. Sistema de Gestão de Qualidade Aplicado ao Jornalismo: possibilidade e diretrizes. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v.13, n.3, set/dez 2010b.

JEMPSON, Mike. Algumas ideias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von (Org.). **A Criança e a Mídia:** Imagem, Educação, Participação. São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO, 2002, 119-136.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

MERLO, Maria Cristina. O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962). In: Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2, 2004, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <[www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1)>. Acesso em 25 de jun de 2015.

MIELNICZUK, Luciana. Considerações sobre interatividade no contexto das novas mídias. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. **Janelas do Ciberespaço:** comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina. 2004.

\_\_\_\_\_. Interatividade como dispositivo do jornalismo online. In: GOMES et all. **Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas I II.** Salvador: Edufba, 2000.



Disponível em: <

[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2000\\_mielniczuk\\_interatividadedispositivo.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2000_mielniczuk_interatividadedispositivo.pdf)>. Acesso em: 25 de jun de 2015

MOTTA, Luiz Gonzaga. Crítica da Mídia: da resistência civil ao desenvolvimento humano. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008, 21-37.

ONU. **A Convenção sobre os direitos da infância**. Nova York, 1989.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PAULINO, Fernando de Oliveira. Responsabilidade Social da Mídia: Análise conceitual e perspectivas de aplicação no Brasil, em Portugal e na Espanha. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã: LabCom, 2010, 35-51.

SILVA, Leopoldo Nogueira. **Telejornais e Crianças no Brasil**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SILVA, Luiz Martins. Jornalismo como teoria democrática. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã: LabCom, 2010, 7-20.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Org.). **Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

TERRA, Márcia Regina. **O Desenvolvimento Humano na Teoria de Piaget. Publicações de Alunos de Graduação e Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem**, Unicamp, Campinas. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em 16 de junho de 2014.

TORRES, R. M. M. **Televisão pública no Brasil: estudo preliminar sobre suas múltiplas configurações**. **Revista Contemporânea**, n.12, v.1, 2009. Disponível em: <[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_12/contemporanea\\_n12\\_04\\_rodrigo.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_12/contemporanea_n12_04_rodrigo.pdf)>. Acesso em: 25 de jun de 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

VARGAS, Greyce. Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de crianças na Recepção da Revista Recreio. **Cadernos IHU Ideais**, São Leopoldo, n.142, v.8, 2010.

VITÓRIA, M. I. C. O Brinquedo e a Brincadeira: Uma Relação Marcada Pelas Práticas Sociais. In: JACOBY, Sisa (Org.). **A Criança e a Produção Cultural: Do Brinquedo à Literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, 29-44.

VITORINO, Inês et.al. Relatório final do projeto de monitoramento da programação infantil da EBC. Fortaleza: GRIM, 2011.

## APÊNDICE

### Apêndice A- Lista das reportagens por episódio

#### EPISÓDIO 1

1.1 20'50 - Reportagem sobre o *Sesi Bonecos do Mundo* que ocorreu no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 2

1.1 00'50 - Reportagem no Museu da Marinha no Rio de Janeiro

1.2 05'36 - (Continuação) Reportagem sobre um Helicóptero da Marinha

2.1 12'55 - Reportagem sobre surf no Rio de Janeiro

2.2 19'20 - (Continuação) Reportagem sobre surf no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 3

1.1 13'40 - Reportagem sobre Hip Hop em Nova Iguaçu (RJ)

2.1 19'55 - Reportagem sobre escola de circo para crianças no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 4

1.1 06'10 - Reportagem no *Piscinão de Ramos* no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 5

1.1 06'55 - Reportagem no *Museu de Astronomia no Piscinão de Ramos* no Rio de Janeiro

1.2 16'45 - (Continuação) Reportagem no *Museu de Astronomia no Piscinão de Ramos* no Rio de Janeiro

2.1 22'58 - Reportagem sobre capoeira em Manaus

#### EPISÓDIO 6

1.1 03'40 - Reportagem SESC Santos Trilha do Brincar

1.2 12'05 - (Continuação) Reportagem SESC Santos Trilha do Brincar

#### EPISÓDIO 7

1.1 10'10 - Reportagem sobre a Casa do Hip Hop em São Paulo

1.2 23'10 - (Continuação) Reportagem sobre a Casa do Hip Hop em São Paulo

## EPISÓDIO 8

- 1.1 03'05 - Reportagem *Atelier das Ideias* no Rio de Janeiro

## EPISÓDIO 9

- 1.1 03'00 - Reportagem sobre como são criadas as ondas
- 2.1 16'40 - Reportagem sobre sorveteiro em Itaparica na Bahia

## EPISÓDIO 10

- 1.1 05'35 - Reportagem sobre a companhia de teatro Novos Novos de Vila Velha em Salvador

## EPISÓDIO 11

- 1.1 05'10 - Reportagem sobre a primeira livraria no Brasil para crianças
- 2.1 14'00 - Reportagem sobre o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo

## EPISÓDIO 12

- 1.1 03'36 - Reportagem sobre Manaus no Amazonas
- 1.2 12'40 - (Continuação) Reportagem sobre Manaus no Amazonas

## EPISÓDIO 14

- 1.1 04'30 - Reportagem sobre uma escola de boxe no Complexo da Maré no Rio de Janeiro
- 1.2 17'20 - (Continuação) Reportagem sobre uma escola de boxe no Complexo da Maré no Rio de Janeiro

## EPISÓDIO 16

- 1.1 00'45 - Reportagem telejornal na Escola Boqueirão em Santos São Paulo
- 1.2 07'13 - (Continuação) Reportagem telejornal na Escola Boqueirão em Santos São Paulo
- 1.3 15'30 - (Continuação) Reportagem telejornal na Escola Boqueirão em Santos São Paulo
- 1.4 22'18 - (Continuação) Reportagem telejornal na Escola Boqueirão em Santos São Paulo

## EPISÓDIO 17

- 1.1 03'20 - Reportagem Greenpeace no Rio de Janeiro

1.2 14'05 - (Continuação) Reportagem Greenpeace no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 18

1.1 11'15 - Escola para crianças com necessidades especiais no Rio de Janeiro

2.1 19'50 - Colégio Adventista que inclui crianças com síndrome de down no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 19

1.1 04'50 - Reportagem sobre Escola de Ballet Santa Teresa no Rio de Janeiro

2.1 13'35 - Reportagem sobre o passinho no Cantagalo no Rio de Janeiro

2.2 20'35 - (Continuação) Reportagem sobre o passinho no Cantagalo no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 20

1.1 04'15 - Reportagem sobre o Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 21

1.1 06'10 - Reportagem sobre uma exposição sobre desenvolvimento sustentável no Forte de Copacabana no Rio de Janeiro

1.2 17'35 - (Continuação) Reportagem sobre uma exposição sobre desenvolvimento sustentável no Forte de Copacabana no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 22

1.1 02'57- Reportagem sobre escola de música em Taboão da Serra São Paulo

1.2 12'44 - (Continuação) Reportagem sobre escola de música em Taboão da Serra São Paulo

1.3 22'55 - (Continuação) Reportagem sobre escola de música em Taboão da Serra São Paulo

#### EPISÓDIO 23

1.1 06'50 - Reportagem sobre uma escola que adotou o nome Monteiro Lobato para a biblioteca.

#### EPISODIO 24

- 1.1 03'20 - Reportagem na Copa Santista de Futebol
- 2.1 13'20 - Reportagem sobre a Escolinha do Tamar na Bahia

#### EPISÓDIO 25

- 1.1 04'05 - Reportagem no Hospital Federal de Bonsucesso no Rio de Janeiro
- 1.2 08'40 - (Continuação) Reportagem no Hospital Federal de Bonsucesso no Rio de Janeiro
- 2.1 16'50 - Reportagem Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 26

- 1.1 04'54 - Reportagem sobre fotojornalismo no Instituto Moreira Sales no Rio de Janeiro
- 2.1 15'55 - Reportagem sobre peixe boi no Instituto de Pesquisa da Amazônia em Manaus
- 2.2 22'25 - (Continuação) Reportagem sobre peixe boi no Instituto de Pesquisa da Amazônia em Manaus

#### EPISÓDIO 27

- 1.1 00'45 - Exposição Green Nation São Paulo
- 2.1 18'40 - Reportagem sobre espaço de ciência no Píer Mauá no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 28

- 1.1 00'45 - Reportagem sobre Oficina de Brinquedos no Galpão Jardim Botânico no Rio de Janeiro
- 1.2 07'54 - (Continuação) Reportagem sobre Oficina de Brinquedos no Galpão Jardim Botânico no Rio de Janeiro
- 1.3 18'50 - (Continuação) Reportagem sobre Oficina de Brinquedos no Galpão Jardim Botânico no Rio de Janeiro

#### EPISÓDIO 29

- 1.1 04'45 - Reportagem sobre exposição do Modigliani no Museu Belas Artes do Rio
- 2.1 10'55 - Reportagem exposição Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro
- 2.2 15'40 - (Continuação) Reportagem exposição Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro
- 2.3 19'34 - (Continuação) Reportagem exposição Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro
- 3.1 17'37 - Reportagem sobre o artista Bel Borba em Salvador na Bahia

## EPISÓDIO 30

### 1.1 10'25 - Reportagem sobre escritora infantil em São Paul

#### Apêndice B – Descrição das reportagens do quadro Piá Repórter

EPISÓDIO 1 – 20'50	
Reportagem sobre o <i>Sesi Bonecos do Mundo</i> que ocorreu no Rio de Janeiro.	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
21'00	*Enzo (9 anos) à câmera Enzo – “Olá. Meu nome é Enzo, tenho nove anos e estou aqui no desfile de bonecos do Sesi.”
21'10 (OFF)	Enzo – “É a minha primeira vez. Muito legal.”
21'15	*Lis (9 anos) à câmera Lis – “É excelente a criatividade deles de criar cada boneco. Um diferente do outro. Um o monstrinho, outro a princesa no castelo. Eu tenho vontade de as vezes até fazer. Talvez quando eu crescer eu possa ter essa chance de fazer.”
21'35	Enzo – “Eu tenho vontade de fazer os bonecos.”
21'37	Imagens aleatórias do evento com trilha musical.
21'50	*João (9 anos) à câmera João – “Eu sou João. Esse é o boneco que eu mais gostei da exposição. Legal assim sombrio!”
21'57	*Raquel (9 anos) à câmera Raquel – “Esse aqui é o Dom Quixote do livro do Miguel de Cervantes. Eu achei mais legal as pernas, porque parece de verdade.”
22'04 (OFF/N)	Raquel – “Eu gostei muito desse do Diabo e não tive medo dele. Achei ele engraçado.”
22'11	*Maria Fernanda (9 anos/ negra) à câmera Maria Fernanda – “É um rei e uma rainha. Achei as roupas, as joias, tudo lindo.”
22'18	* Making Off– Maria Fernanda passeando pela exposição Maria Fernanda – “Olha! Eu nem vi esse daqui.”
22'22 (N/OFF)	Maria Fernanda – “Esse boneco eu conheço.”
22'25	Imagens aleatórias da exposição com trilha musical.
22'46	Maria Fernanda – “É muito fofinho, fofinho, fofinho.” *Making Off - Maria Fernanda abraçando um boneco
OBS	*No início do quadro á a indicação da cidade e do estado. *Todos os nomes e idades são acompanhados por uma legenda. * A legendas são animadas e com diferentes cores. *Momentos de Making Off possuem uma moldura no entorno do vídeo. *Algumas mudanças de plano/cena trazem sons junto do fade (ex. buzinas...). *A música que se repete na trilha é <i>Boneca de Lata</i> . *As crianças parecem naturais dando sua opinião sobre o evento. *Além da fala das crianças, a matéria traz imagens aleatórias do evento (pessoas, apresentações, bonecos).

EPISÓDIO 2 – 00'50	
Reportagem no Museu da Marinha no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
00'52	*Duas meninas apontando e se direcionando para uma caravela. “Olha lá a caravela de Cabral.” *Aparece uma ilustração de Cabral no canto inferior esquerdo piscando um olho.
01'03	*Ana Júlia (11 anos) à câmera Ana – “Aqui no Brasil o primeiro de todos os barcos foi a caravela.” *Aparece a palavra <i>Caravela</i> à esquerda.
01'08	*Barbara (10 anos) pega o microfone e fala à câmera Barbara – “Não foi não, o primeiro barco aqui do Brasil foi uma nau.” *Aparece a imagem de uma nau e a palavra <i>Nau</i> na parte inferior.
01'10	Barbara – “Pra você diferenciar é assim: a nau carrega mercadorias, alimentos, essas coisas. E a caravela é pra fazer passeios e carregar pessoas.”
01'22	Ana – “Os quartos eram para ser maiores...” *Barbara se intromete. Efeito avermelhando o rosto de Ana, dando a impressão de irritada.

01'29	Barbara – “Deixa eu falar. Eles eram um pouco maiores, mas não tão grandes.”
01'35	Ana – “Aqui, provavelmente, deve ser onde eles comiam. A comida deles eram biscoitos duros e vinhos.” * Informação acompanhada por uma animação do jogo <i>Pac Man</i> na parte inferior.
01'44	Imagens do barco com trilha da música <i>Comida</i> da banda <i>Titãs</i> .
01'50	Barbara – “Aqui a gente vê o mapa e aqui é provavelmente um santuário que ele rezava.”
02'00	Ana - “Era frequente o recrutamento de jovens entre 10 e 12 anos. Crianças.”
02'04	Barbara - “E eles viajavam pelo desconhecido sem saber o que encontrar.”
02'07	*Barbara pergunta à Ana
02'12	Barbara - “Você acha que eles eram corajosos ou estavam fugindo de uma situação terrível?” Ana - “Acho que eles eram corajosos.”
02'14	Imagens do barco com trilha da música de carnaval <i>História do Brasil de Lamartine Babo</i>
02'26	Barbara – “Este aqui é um modelo naval de nau. Acho que de Pedro Alvarez Cabral.” *Aparece uma ilustração de Cabral no canto inferior esquerdo piscando um olho.
02'36	Barbara – “Este aqui era aquele que remava o barco. Se o capitão falava que era para estibordo ele virava pra estibordo, pra bombordo ele virava pra bombordo. O nome dele era timoneiro.” *Aparece a palavra <i>Timoneiro</i> na parte inferior.
OBS	*A fala das meninas parece em alguns momentos ensaiada ou orientada (ex: intromissões, timoneiro...) *No início do quadro á a indicação da cidade e do estado. *Todos os nomes e idades são acompanhados por uma legenda. * A legendas são animadas e com diferentes cores. *Há uso de sons de efeitos. (ex: Cabral piscando, correção Barbara, Ana irritada...) *Além da fala das meninas aparece imagens do barco e delas interagindo/brincando com o que há nele. *A matéria termina com a indicação de uma continuação ao a narradora dizer “Daqui a pouco O Helicóptero do Mar”
EPISÓDIO 2 – 05'36 (Continuação) Reportagem sobre um Helicóptero da Marinha	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
05'40	Ana – “Vamos embora ver o helicóptero.”
05'51	Barbara – “Gente. Aqui a sensação de estar em um helicóptero e dirigir é muito legal. Pena que a gente não tá no ar e aqui é muito calor.”
06'02	Barbara – “Esses helicópteros, além de serem usados em missões, são usados muito pra resgate.”
06'07	Ana – “Aqui seria o piloto e aqui o copiloto. Caso acontecesse alguma coisa com o piloto, o copiloto assumiria o lugar do piloto.”
06'15	Barbara – “Ai eles tem o uniforme da marinha que seria uma blusa verde e a calça marrom. E o capacete listrado.” * Aparece o desenho de um piloto a esquerda utilizando o fardamento. Com as legendas <i>Capacete, Blusa Verde e Calça Marrom</i> é indicada cada peça do vestuário.
06'28	Barbara – “Você se sentiria mais segura na nau ou aqui no helicóptero?”
06'33	Ana – “Olha, eu prefiro a nau.”
OBS	*A fala delas parece mais natural *Elas não estão usando microfone. *Além delas falando aparecem imagens do helicóptero e delas interagindo.

EPISÓDIO 2 – 12'55 Reportagem sobre surf no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
13'10	Narradora – “É na praia as meninas se divertem surfando.”
13'18 (OFF/N)	*Bruna (9 anos) Bruna – “Meu nome é Bruna. Tenho 9 anos. Gosto de surfar...muito.”
13'28 (OFF)	Bruna – “Quando era pequena meu pai me ensinava, mas eu caía. Foi só agora que eu consegui me equilibrar.”
13'35	Bruna – “Eu surfo com as alunas do meu pai.”
13'37	Bruna – “Quando eu era pequena eu caí e afoguei. Entrou água dentro, daí eu comecei a ficar com medo. E só agora eu superei o medo.”
13'47 (OFF/N)	Bruna – “O meu pai também fica feliz por eu ter ficado de pé e não ter caído.”
13'52	Bruna – “O pai primeiro faz a aula teórica, que ele coloca a prancha e mostra como é na água. Quando vem uma onda ele empurra a gente e a gente fica de pé.”
14'08	Bruna – “Essa é a parte difícil porque todo mundo coloca o joelho e cai. E não pode botar o joelho. Tem que levantar direto.” *Imagem da manobra cobre parte da fala.
14'26	*Bruna entrevista outras meninas surfistas Bruna – “Como é o seu nome?”



14'28	–“Manuela” Bruna – “Você gosta de surfar?” Manuela – “Sim. Eu comecei ontem. Foi divertido. Eu não sabia nada e fui aprendendo.”
14'34 (N/ OFF/ N)	Bruna – “Você já conseguiu se equilibrar na prancha?” Manuela – “Já.” Bruna – “Como é que foi?” Manuela – “Foi diferente. Eu nunca tinha feito surfe, então eu não imaginava como era. É uma sensação bem boa.” *Imagens da Manuela surfando.
14'45'	Bruna – “Vai surfar sempre agora por enquanto?” Manuela – “Agora eu vou.”
OBS	*Não aparece legenda para nome e idade da entrevistada. *Além das falas, aparecem imagens da praia, das meninas surfando, das aulas de surfe e pessoas aleatórias. *A matéria termina com a indicação de uma continuação ao a narradora dizer “Vencendo as ondas. Já, já.” *A fala parece recortada em várias partes *Algumas imagens acompanham de perto as meninas surfando no mar.
EPISÓDIO 2 – 19'20 (Continuação) Reportagem sobre surf no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DURAÇÃO:
19'23 (OFF/N)	Narradora – “De volta a aula de surf no Rio de Janeiro.”  *Luana (9 anos) Luana – “Meu nome é Luana. Tenho 9 anos e eu gosto de surfar. Eu aprendi a surfar porque os meus irmãos surfavam. Foi bem divertido, porque é um esporte diferente.”
19'34 (OFF/N)	Luana – “As regras básicas do surf é saber subir na prancha. Eu fico na aula mais ou menos uma hora. Quando eu saio é muito frio.”
19'44	Bruna – “Aqui na frente, mais aqui no rasiño, é mais gelada. Mas quando a gente vai lá pro fundo é maisquentinha. É mais morna. Quando uma parte a gente tá saindo a gente fica mais com frio. Quando a gente chega na areia a gente fica tremendo.”
20'00	Luana – “É a parte mais chata da aula.”  Bruna – “Agora eu to toda arrepiada.”
20'06	Luana – “Meu pai é bem legal. Fala que eu vou conseguir surfar. Ele fica torcendo e dizendo que eu vou conseguir quando eu to com medo. Minha mãe também fica me incentivando e eu gosto muito dela.” *Luana manda um beijo para a mãe.
20'17	Luana – “Eu acho importante isso. eles me ajudaram a perder o medo de surfar.”
20'30	Bruna – “Quando eu crescer eu quero ser arquiteta.”
20'32	Luana – “Olha... Falar o que? Tá difícil.” *Luana fica pensando.
20'40	Luana – “Uma coisa que não tem nada a ver com surf. Quando eu crescer eu quero ser patinadora no gelo.” *Imagens de Bruna e Luana com a família.
OBS	*Não aparece legenda para o nome e a idade da Luana *Percebe-se que algumas falas das meninas são respostas as perguntas feitas por alguém *Além das falas, aparecem imagens da praia, das meninas surfando, das aulas de surfe e pessoas aleatórias *No momento em que Luana manda um beijo à mão há uma efeito sonoro de beijo *A fala das meninas parece recortada em algumas partes

EPISÓDIO 3 – 13'40 Reportagem sobre Hip Hop em Nova Iguaçu (RJ)	
TEMPO:	DURAÇÃO:
13'57	Narradora – “Em Nova Iguaçu, também Rio de Janeiro, a cultura hip hop bomba entre as crianças. Elas arrasam no rap, no break dance e muitas outras variações sobre o tema.”
14'13	*Roberta (11 anos/negra) e Roberta (12 anos/negra) cantam juntas um rap “Esse amor que eu sinto pela arte hip hop. É o movimento que a gente faz parte. O rap é maneiro. O break é demais. DJ amansa o baile a balançar a gente lá atrás. Estamos juntos rapaz. Respeita o momento. São quatro elementos misturados ao sentimento.”
14'28	Roberta 12 – “Tem o break que é dança de rua.” *Aparece na parte inferior a legenda <i>Break Dança de Rua</i> em fonte de grafite *A fala é seguida por imagem de crianças dançando break
14'38	Roberta 12 – “Tem o grafite.” *Aparece na parte inferior a legenda <i>Grafite Arte nos Muros</i> *É seguido por imagens de crianças grafitando

14'47	Roberta 12 – “Tem o DJ. O DJ é aquele que agita a festa.” *Aparece na parte inferior a legenda <i>DJ Música das Batidas</i> *É seguido pela imagem de crianças DJ tocando
14'57	Roberta 12 – “E tem o rap que nos duas fazemos.” *Aparece na parte inferior a legenda <i>Rap Ritmo e Poesia</i> *É seguido por crianças cantando Rap
15'09	Diamante MC (/negro) Diamante MC – “Vou fazer o Freestyle.” *Aparece na parte inferior a legenda <i>Freestyle Rimas e Improvisações</i>
15'12	“Em cima dessa base eu vou chegando ai meu parceiro. A base aumentou. Vou chegando tipo Rio de Janeiro. Tipo freestyleiro. Vou chegando voado. Cê tá ligado. Eu tô com a camisa do enraizados. Gravando, filmando, tá registrando. Enquanto isso o Diamante vai improvisando. Não sei pra onde é. Mas tá ligado? Eu vou na fê. Porque o bonde é pesado. Só os manes. Os Mané que chega pra fazer um free. Pra quem não me conhece é Diamante MC. Direto do Morro Agudo, Comendador Soares. Eu pego o microfone amarelo pra fazer um Freestyle. Então já é. Demorou! Firmeza! Diamante não tá de brincadeira.” *É acompanhado por uma animação de vinil no lado esquerdo inferior.
15'43	(Menino) – “Chega ai. Ta rolando dança de break ali.” *Aparece a legenda <i>Break Dance</i> *Aparece a imagem de uma ‘flecha’ apontando para um menino que grafita atrás
16'10	*Tainá (11 anos/ negra) Tainá – “Estou fazendo oficina de grafite. Estou aprendendo muitas coisas. Desenhar, grafitar.”
16'14	*Libanio (11 anos/ negro) “Vou pintar aqui no muro.”
16'16	*Willian Gabriel (11 anos/ negro) Willian – “Hoje eu vou interagir com a pintura do professor.”
16'40	Tainá – “Primeiro a gente tem que pintar o muro pra fazer o desenho.” *As falas são seguidas por legendas devido a barulhos externos
17'10	*Roberta (11) e Roberta (12) voltam a cantar “Chegou o som que nós queria ouvir. Chegou e fez a mente evoluir. Ela aqui se faz divulgando o nosso som. Ela aqui se faz divulgando nosso som. Movimento enraizado cada um tem o seu dom.
17'20	Tainá – “A gente aprende, se diverte, e brinca e sorri.” *As falas são seguidas por legendas devido a barulhos externos
OBS	*O quadro foi realizado no evento <i>Enraizados na Arte</i> , aparecendo em cartazes de divulgação e roupas. * Além das falas, aparecem imagens de crianças grafitando, dançando, discotecando e cantando; como também de pessoas no evento. *Aparecem imagens de crianças interagindo com a câmera. *O mascote do evento aparece em alguns momentos. *Algumas crianças não tem seu nome e idade divulgados. *A músicas musicas são acompanhada pelas lyrics. *A matéria trás diferentes musicas do hip hop. *O inicio da matéria traz imagens da cidade, mostrando regiões mais pobres. *A legendas com nome são diferentes do padrão do bloco, sendo superiores e com fonte diferente. *As legendas sobre os 4 elementos do hip hop e do freestyle são em fonte de grafite.

EPISÓDIO 3 – 19'55	
Reportagem sobre escola de circo para crianças no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	*Apresentação das crianças: Maria Clara, Joana, Tatiana, Pedro e Flávia *Imagens aleatórias com trilha musical
20'55	*Moldura de tenda de circo *Maria Clara pergunta à Tatiana Maria Clara – “O que você acha legal de se transformar num personagem?” Tatiana – “Porque eu posso viver outra vida.”
20'59	*Tatiana pergunta a Maria Clara Tatiana – “O que você tá se tornado?” Maria Clara – “Melissa Mel.” Tatiana – “Mas porque você pensou logo em Melissa Mel?” Maria Clara – “Porque é bonito esse nome e é um bom nome.” *Tatiana rindo com som de risadas.
22'15	Tatiana – “Quando você se transforma em palhaço você muda de personalidade?”
22'18	Flávia – “Eu sou engraçada, né. Se eu virar um palhaço provavelmente eu não vou mudar. Mas se eu virar uma vilã aí eu vou mudar, porque elas são más.
22'26	Maria Clara – “Mais ou menos. Eu sempre meio que fui a Melissa Mel.”

	*Tatiana rindo junto com som de risadas.
21'33	*Flávia pergunta a Pedro Flávia – “Que personagem você acha que você está parecido?” Pedro – “Com o Groucho Marx.” *Tela dividida: Aparece um vídeo do Groucho Max ao lado direito de Pedro.
21'38	Flávia – “Eu acho que você está parecido com o Chaplin.” *Tela dividida: Aparece um vídeo de Charlie Chaplin ao lado direito de Pedro. *O vídeo traz a legenda ‘ <i>O Circo</i> ’ Diretor: <i>Charlie Chaplin</i> na parte inferior *Sai a imagem de Pedro e fica só o vídeo.
21'49	*Volta para Pedro com uma imagem de um chapéu coco sobre a cabeça. Flávia – “Qual você gosta mais?” Pedro – “Pra falar a verdade é o Chaplin.”
21'53	*Tela dividida wipe: cenas do <i>Circo</i> junta a imagem de Pedro. Flávia – “Por quê?” Pedro – “Porque ele é um grande astro da comédia muda e todo mundo gosta dele.”
22'01	*Flávia à câmera Flávia – “Você acha que parece mais o Chaplin ou o Groucho Marx?” *Imagem de Pedro ao centro, com a de Groucho Marx à esquerda e a de Chaplin à direita. *Isso com as legendas <i>Groucho Marx</i> e <i>Charlie Chaplin</i> sobre a respectiva image.
22'08	*Flávia à Pedro Flávia – “A Maria Clara me deu uma ideia. Você se acha mais velho com essa maquiagem?” Pedro – “Não.”
22'15	*Flávia à Maria Clara Flávia – “Com quantos anos parece que ele está?” Maria Clara – “Cinquenta.”
22'20	*Flávia a Pedro Flávia – “Você acha que cinquenta anos é muito velho?” Pedro – “Cinquenta anos muito velho? Não.” Flávia – “Eu acho isso um pouquinho. Mas eu não falo isso pros meus pais se não eles vão achar que eu estou chamando eles de velhos.”
	<b>Imagens aleatórias com trilha musical</b>
22'50	*Tatiana pergunta à Maria Clara Tatiana – “O que você já aprendeu a fazer aqui de especial?” Maria Clara – “Vocês vão ver.” Tatiana – “Só vendo né?”
OBS	*O quando começa com a indicação TV Piá Circo *As crianças são apresentadas uma a uma. Sendo uma imagem circular com uma indicação inferior do nome. Tudo emoldurado por um desenho de tenda de circo e dando essa impressão de espetáculo. *Entre a segunda pergunta de Tatiana a Maria Clara é inserida uma resposta de Flávia. *As comparações com Pedro como os vídeos trazem a moldura de toldo. *As crianças que entrevistam usam o microfone. *As crianças parecem confortáveis falando com a câmera. *Além das falas aparece imagem das crianças se maquiando, fantasiando, brincando e realizando exercícios circenses (ex: cambalhotas, equilibrismo, dança...). *A matéria termina com elas agradecendo ao público, saindo e um fade com uma cortina se fechando. *São usadas algumas musicas circenses.

EPISÓDIO 4 – 06'10	
Reportagem no <i>Piscinão de Ramos</i> no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
06'22	(Menino) – “Oi pessoal. Eu quero aprender sobre a energia solar.” *Legenda <i>Energia Solar</i> na parte inferior acompanhada por um desenho de um sol.
06'28	*Menino em frente ao painel solar (Menino) – “Esse é um painel solar.” *Legenda Painel de Luz Solar na parte inferior *Seguido por imagens do painel e da praia
06'37	*Menino perguntando a um homem que está abaixado em frente ao painel (Menino) – “Tio, o que é isso?” (Homem) – “Olha, isso é uma coisa muito legal. A gente está aqui mostrando como a gente pode aproveitar a energia do sol. Além de só usar a energia do sol pra ir a praia, se divertir, jogar bola, dá pra usar a energia do sol e gerar eletricidade.”
06'51	(Homem) – “Olha só. A luz ta vindo lá de cima, lá de longe do sol. Está batendo nessas plaquinhas. Cada pastilha dessa transforma a energia do sol em eletricidade. E a gente então está conseguindo ligar esse ventilador. Refrescando a gente aqui agora só com energia do sol que foi transformada em eletricidade.”
07'10	(Menino) – “Oh, acaba a luz tem que achar uma vela...de noite.” *Aparece o desenho de uma vela no lado direito e a tela é levemente escurecida.

07'20	(Menino) – “O ventilador assopra...ele roda e ai a luz, ela desce.” *Aparece uma animação de um ventilador à direita seguida por uma imagem da Merlyn Moonroe com o vestido levantando *O menino parece desorientado nessa fala. Ela é acompanhada por imagens de pontos de interrogação
07'33	*Menino perguntando ao Homem (Menino) – “Mas agora se tu coloca a mão aqui ela desliga?” (Homem) – “Isso mesmo. Eu vou tampar só um pedacinho da placa. Olha só. Olha como o ventilador ficou fraquinho. Praticamente parou. Eu agora vou tirar a minha mão. Olha só o que acontece na hora que eu tiro.”
07'50	(Menino) – “Legalzão.” (Homem) – “E isso sem poluir nada.” *Efeito sonoro de comemoração
08'00	*Yuti (5 anos) Yuri – “É muito importante não poluir o planeta.” *A fala é seguida pelo efeito sonoro de palmas e pelos desenhos a direita de um globo sorrindo e de um polegar indicando correto.
OBS	*Só aos 8 minutos o nome de Yuri e a idade é informado. *O homem entrevistado também não tem nome informado. *O menino parece desconfortável em falar com a câmera. *O menino parece que está sendo orientado no que fala em alguns momentos. *Além das falas aparecem imagem do painel solar, das crianças no entorno, do homem entrevistado e do ventilador. *Aparecem outras crianças no entorno do painel solar ouvindo a explicação. *Não é indicado que o painel e o homem fazem parte do Museu da Praia

EPISÓDIO 5 – 06'55	
Reportagem no Museu de Astronomia no Piscinão de Ramos no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “Sábado quente de sol no Piscinão de Ramos, Rio de Janeiro. Ótimo dia para cair na água, brincar aprender ciências.” *Imagem da instalação do Museu de Astronomia e Ciências Afins na praia
07'19	*Bianca (11 anos) e Natan (10 anos) Bianca – “A gente vai conhecer vários experimentos de ciências.” Natan – “Que o museu de astronomia trouxe pra praia.” Bianca – “Vamos lá.”
	Imagens aleatórias das exposições do museu com trilha musical
07'34	*Imagem de um pêndulo com areia junto da legenda <i>Pêndulo</i> Bianca – “Porque desses desenhos?” (Homem) – “Isso funciona porque aqui você tem dois balanços diferentes. Ou seja, dois pêndulos. Um pêndulo que fica preso aqui em cima e só balança nesse sentido. Não consegue balançar de lado. Já daqui pra baixo existe um outro pêndulo que pode fazer qualquer movimento e vai dar um desenho cada hora diferente.”
08'05	*Imagens dos desenhos do pêndulo Bianca – “Esse desenho foi eu que fiz.” *Efeito de brilho no sorriso da Bianca
08'12	(Homem) – “Isso não é mágica não, isso é ciência.”
08'15	Bianca – “Agora a gente vai conhecer o experimento da ilusão de ótica.” *Legenda <i>Ilusão de Ótica</i> (Homem 2) – “Eu pergunto pra vocês, cadê a fatia de bolo que está faltando aqui?” *Efeito sonoro de miado de gato (Homem) – “Ai ei pergunto, o gato comeu? Alguém comeu? Não, não comeu não. Ela está aqui a fatia de bolo.” *Efeito sonoro de palmas
08'30	(Homem 2) – “Quantos blocos tem aqui? Um, dois...dez. Tá, e embaixo? Um, dois, três...sete. Ué, tem dez ou tem sete? Como é que pode?” *Aparece imagem sequencial de números até que se chega ao 10 e depois até o 7, os quais junto aparece um sinal de correto. *Com o numero 7 aparece um sinal de interrogação
08'39	Bianca – “É, mas como é que é isso?” (Homem 2) – “Muito bem. Esse aqui é um efeito de ilusão que você simplesmente engana o cérebro. Você faz o cérebro olhar só essa parte de cima. Daí ele dá a impressão de que esses blocos estão juntinhos.”
08'52	(Homem 2) – “Nós temos uma garrafa com água, temos uma rolha comum e temos aqui dois garfos grudados na rolha. Eu simplesmente ponho ela aqui e agora você vai me servir com essa água. Por favor.” *Animações de círculos aparecem sobre contornando a rolha e a garrafa
09'10	(Homem 2) – “Aponta o dedo pra mim, por favor. Isso, segura. É que o equilíbrio dele está todo aqui. O centro de massa desse objeto, de tudo isso daqui, é como se a massa dele estivesse concentrada aqui nessa região.” Natan – “Muito interessante.” Bianca – “Eu pensei que fosse cair
09'20	(Homem 2) - “Eu gostaria que você fizesse o seguinte agora: segura aqui com as duas mãos. Nada de mais,né?”

09'24	Vou fazer ele girar, faz o mesmo movimento. Isso é usado em aviões, em navios, em mísseis.” *Bianca se surpreende
09'37	*Bianca à Natan Bianca – “Que você sentiu enquanto estava fazendo o movimento?” Natan – “Não sei, uma coisa estranha. Minha mão ficou girando.”
09'43	*Bianca ao Homem 2 Bianca – “Qual é o outro experimento legal pra gente conhecer?” (Homem 2) – “Olha, observar o sol agora em tempo real. Vamos lá?”
	Narrador – “A energia do Sol já, já.” *Aparece a legenda <i>A Energia do Sol</i>
OBS	*As crianças parecem dispostas e bem orientadas para fala. *Bianca tem o cuidado de apontar o microfone aos homens entrevistados. *Não aparece o nome dos homens que dão as explicações. *Além das falas aparecem imagens da exposição na praia e dos experimentos que ela traz. *Diferente do episódio 4 é informado que a exposição é do museu. *A presença de um narrador em off dá um tom mais jornalístico.
EPISÓDIO 5 – 16'45 (Continuação) Reportagem no <i>Piscinão de Ramos</i> no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “E de volta as experiências científicas no Piscinão de Ramos...”
16'57	*Bianca à Homem 3 Bianca – “Que é isso? É um telescópio?” (Homem 3) – “Sim, é um telescópio solar. No caso aqui a gente está fazendo observação do que estão acontecendo agora no sol.” Bianca – “Ai, eu quero ver.” *Aparece a legenda <i>Telescópio Solar</i> na parte inferior
17'10	Bianca – “É igual a essa imagem aqui.” *Aparece a legenda com o nome e a idade dela *Ela mostra uma fotografia do sol para a câmera e sobre ela é colocada a animação de um sol Bianca – “Eu consegui ver uma mancha aqui do lado esquerdo do sol. O que é essa mancha aqui no sol?” (Homem 3) – “Essas manchas escuras são as partes mais frias do sol.” Bianca – “Não sabia que existia isso.”
	*Efeito sonoro de máquina fotográfica dá início a imagem aleatórias com trilha musical.
17'27	*Bianca à Homem 4 Bianca – “Que é isso? Eu quero conhecer.” (Homem 4) – “Isso aqui é um fogão solar. Isso aqui é um espelho e ele concentra a luz do sol nessa nossa panelinha. E a gente pode fazer pipoca usando somente a luz solar. Quer ver?” *Aparece a legenda <i>Fogão Solar</i> na parte inferior
17'41	*Imagem do fogão em funcionamento fazendo pipoca (Homem 4) – “Olhando. Já tá fervendo. Já vai estourar.”
17'51	*É dado um replay da pipoca estourando, com uma imagem superior direita do símbolo de replay *Isso é acompanhado por uma narração de futebol dizendo “Confira comigo no replay” Bianca – “Será que vai ficar boa a pipoca?” (Homem 4) – “É uma delícia.” Natan – “Achei maneiro. Vou comer a pipoca.”
17'58	(Homem 4) – “Ele só está concentrando a luz porque isso aqui é um espelho côncavo. Tá vendo. Ele é curvo. Ai ele concentra a luz. Não funciona com espelho plano. O espelho que você tem no banheiro não vai funcionar pra fazer pipoca. Esse aqui tem que ser um espelho especial. Um espelho côncavo.” *Aparece a legenda <i>Espelho Côncavo</i> na parte inferior direita
18'14	Bianca – “É possível fazer em casa?” (Homem 4) – “Mas é claro. Se você tiver um espelho desse você pode fazer.” Natan – “Dá pra fazer outros tipos de comida?” (Homem 4) – “Com isso aqui a gente pode esquentar água e fazer macarrão instantâneo. Pode esquentar água e fazer arroz. A gente pode esquentar água pra fazer chá.”
18'27	*Bianca à câmera Bianca – “E a pipoca é boa.” Natan – “Só faltou o sal.” *Aparece na legenda a idade e o nome dele  Bianca – “Isso é ciência, não é mágica.”
18'33	*Bianca pergunta a Natan Bianca – “Você sabe o que é isso Natan?” Natan – “Não” *Bianca pergunta a Homem 5 Bianca – “O que é isso?” (Homem 5) – “Olha, isso aqui tem um nome muito esquisito. Isso aqui é uma placa fotovoltaica. O nome é

18'58	<p>complicado mas é fácil de entender. A luz do sol está batendo aqui nessas pastilhas. E essas pastilhas são feitas de um material especial que a gente chama de silício. Esse material quando recebe a luz do sol ele consegue fazer uma coisa meio maluca com a luz. ele transforma a luz em eletricidade.</p> <p>*Aparece a legenda <i>Placa Fotovoltaica</i> na parte inferior</p> <p>*Aparece a imagem de uma pedra de silício junto da legenda <i>Silício</i></p> <p>*Aparece a animação de um sol na parte superior da imagem do silício, e entre uma flecha apontando o primeiro ao segundo</p> <p>*Aparece junto a imagem de uma criança 'levando um choque' ao lado do silício, e ente uma flecha apontando (Homem 5) – “Isso vem para um fio que alimenta o ventilador e as lâmpadas. E é um tipo de energia limpa. Você não provoca nenhum tipo de poluição. É a energia do sol sendo transformada em eletricidade</p> <p>Bianca – “Que é muito importante a gente ter menos impacto.”</p> <p>(Homem 5) – É isso ai. A gente tem que começar a gerar menos poluição e menos impacto ambiental no mundo.</p>
OBS	<p>*Homem 5 é o mesmo que o Homem do episódio 4</p> <p>*Durante a explicação do Homem 5 aparece o microfone direcional, ao mesmo tempo que Bianca aponta o seu microfone de mão a ele. Será que o segundo não funciona?</p> <p>*A ultima fala de Bianca parece passada por alguém.</p> <p>*Além das falar aparece imagens da exposição e de todos os processos explicados.</p> <p>*A matéria aparenta ter um alto grau de contextualização.</p> <p>*A crianças aparentam descontraidas e interessadas em participar.</p> <p>*O nome de nenhum homem é apresentado.</p> <p>*A indicação sobre o museu não é dada.</p>

EPISÓDIO 5 – 22'58'	
Reportagem sobre capoeira em Manaus	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	<p>Narradora – “Meninos e meninas se encontram na beira do Rio Negro para jogar capoeira.”</p> <p>*Aparece imagem de meninos lutando capoeira e música típica de capoeira</p>
23'34	<p>Edson – “Oi, sou Edson. Estamos aqui na Bacia do Rio Negro e aqui é o projeto (...) de Manaus. Esse aqui do meu lado é o meu professor de capoeira, Pé de Chão. ”</p>
23'44	<p>*Edson ao professor</p> <p>Edson – “Ensinar capoeira pra criança é fácil ou é difícil?”</p> <p>Pé de Chão – “É fácil. Dependendo do trabalho, cada criança tem um modo de se expressar. Tem crianças agitadas, tem crianças mais calmas. Mas o professor tem que conhecer o seu aluno e se adequar com ele para ele se adequar mais ainda na capoeira.”</p>
24'20	<p>Edson – “O que é mais legal de jogar capoeira aqui na beira do Rio Negro, que é esse rio que está aqui atrás da gente?”</p> <p>Pé de Chão – “É maravilhoso. É sem explicação. Um ar puro. A maior bacia de água doce do planeta, do mundo. É sem explicação.”</p>
	<p>*Edson à câmera</p> <p>Edson – “Agora vocês vão curtir mais um pouco da capoeira aqui do Amazonas. Valeu.”</p>
OBS	<p>*Acredito que pelo sotaque a fala de Edson se torna difícil de compreender.</p> <p>*Não é apresentada legenda com os nomes e idades dos envolvidos.</p> <p>*O quadro traz várias imagens da luta de capoeira e das musicas típicas.</p> <p>*O enfoque no Rio Negro ao fundo é construtivo.</p> <p>*A crianças participantes não são entrevistadas.</p>

EPISÓDIO 6 – 03'40	
Reportagem SESC Santos Trilha do Brincar	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	<p>Narradora – “Em Santos, litoral de São Paulo, uma turma se encontra numa manha chuvosa de domingo para brincar e aprender uma coisa muito legal. Saber como eram as antigas brincadeiras de criança.”</p>
04'05	<p>*Gabriel, Lucas, Teo, Clara e Matias à câmera</p> <p>Gabriel – “Eu sou Gabriel, tenho nove anos e vou apresentar isso daqui.”</p> <p>Lucas – “Meu nome é Lucas tenho nove anos.”</p> <p>Teo – “Eu sou Teo e tenho oito anos.”</p> <p>Clara – “Eu sou a Clara e tenho oito anos.”</p> <p>Matias – “Eu sou o Matias e tenho oito... quatro anos.”</p> <p>*A duvida de Matias com a idade é demonstrada pela sequência dos anos com um símbolo de interrogação no mesmo lugar onde apareceu seu nome</p>
04'17	<p>Gabriel – “Nós estamos aqui no SESC Santos e agora vamos apresentar a trilha do brincar.”</p> <p>*A fala dos cinco aparece emoldurada por um aparelho eletrônico, com o nome de cada em cima e vídeos com efeitos eletrônicos ao fundo</p>
04'24	<p>Gabriel – “Agora aqui estamos na área do Tarzan.”</p>
04'28 (OFF)	<p>*Efeito sonoro de macaco</p> <p>Gabriel – “Ae, olha o Teo, meu. É animal bicho.”</p>
04'46	<p>Gabriel – “Segura aqui, eu vou te mostrar como é cair de bunda aqui agora.”</p> <p>Lucas – “Não repita isso em casa.”</p>
	<p>Matias – “Vou fazer barco de papel.”</p> <p>Gabriel – “É de origami, meu. É de origami.”</p>

04'51	Narradora – “Origami é a arte tradicional japonesa de se dobrar o papel de várias formas.” *Aparecem fotografias de origamis
05'02	Gabriel – “Que negócio é esse?” Teo – “É um livrinho de como se aprende a por o elástico.”
05'06	*Teo à câmera Teo – “O Gabriel vai fazer um nível médio que é um pouco mais difícil que o outro porque é mais alto..”
05'21	Narradora – “Novas brincadeiras, novas maneiras de ajudar o planeta.”  Gabriel – “Reciclar e não reciclar o planeta. Tá doido?” Teo – “Reciclar pra ajudar o planeta.”
OBS	*O quadro começa com uma animação com imagens de satélite que vão sendo ampliadas até chegar ao litoral de Santos. Depois são trazidas imagens de mapas de rodovias mostrando a direção da cidade. *Aparecem vários momentos das crianças brincando. *As falar não são muito claras nem informativas. *Interessante a explicação sobre origamis dada pela narradora. *A crianças no início não parecem interessadas na apresentação, depois vão se acostumando. *Nem todas as crianças apresentadas dão sua fala.
EPISÓDIO 6 – 12'05 (Continuação) Reportagem SESC Santos Trilha do Brincar	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “De volta com a turminha de Santos que está reaprendendo a brincar.”
12'20	*Gabriel (9 anos) Gabriel – “Agora a gente vai brincar de Pião. Vamos lá.”
12'27	*Gabriel à Lucas *Lucas (9anos) Gabriel – “Qual o segredo?” Lucas – “O segredo é ter paciência. Ter firmeza na mão e fazer a mesma continuidade.”  *Gabriel à um homem Gabriel – “Você, bom de prática, pode nos demonstrar?” Homem – “Aqui você vai fazer assim. Agora vamos ver se dá certo. Deixa bem firme na mão. Ó, minha mão como é que estou segurando.” *A explicação do homem é demonstrada
13'05	Gabriel – “... colerzinha de plástico, canetinha e lápis de cor. É tudo reciclável. E oh, é feito de aro de bicicleta. Só que sem o peneu.”
13'20	*Téo (8 anos) Téo – “Esse parece um carrinho de madeira reciclável. Onde pega uma tábua de madeira, uma roda e cola a tábua com as rodas. E um potinho pré ser o banco. É uma lata de sardinha e ele vai andar.”
13'40	Téo- “Foi muito legal hoje porque a gente aprendeu brinquedos novos e a se divertiu bastante.” Lucas – “Mais jeitos de brincar com vários outros brinquedos que a gente conhece..” Clara – “Vale a pena vir aqui. É muito divertido. A gente se divertiu bastante.”
(OFF)	Gabriel – “E também uma vantagem pra todo mundo, inclusive pros pais, é que a gente chega em casa sem energia e vai direto pra cama. Sem ficar enchendo o saco reclamando por comida.” *A crianças se despedem à câmera
OBS	*Mais crianças apresentadas falam nessa parte. *O home que explica o pião, mesmo sendo parte do SESC e responsável por explicar as crianças, não tem o nome citado. *A reportagem aborda apenas as opiniões das crianças, sem ser mais explicativa sobre as brincadeiras e os brinquedos apresentados. *As crianças que falam tem seu nome e idades indicados por legenda. *O quadro mostra várias vezes as crianças brincando. *Desde a primeira parte, parece que o interesse das crianças vai aumentando pelo programa. *Em alguns momentos a fala não é clara, por não ser captada ou ter partes cortadas na edição.

EPISÓDIO 7 – 10'10 Reportagem sobre a Casa do Hip Hop em São Paulo	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “Andrew vai até o lugar onde fica o craque na dança. A casa do hip hop.”
10'45	*Andrew (8 anos) Andrew – “Aqui é o meu amigo Biel. Ele está a cinco meses com a dança. Ele tem 11 anos e agora eu vou perguntar umas perguntas pra ele. Como que você começou a gostar do hip hop?” Biel – “Ah, eu vi as pessoas dançando, daí eu comecei a gostar.” Andrew – “Como vocês fazem esses movimentos? Que te ensinou?” Biel – “Os professores aqui da casa.”
11'09	Andrew – “Como você começou assim? Viu assim e tal?” *O vídeo é parado e entra um som de alguém falando “Ha?”
11'27	Andrew – “Aqui é a diretoria. Onde ficam os coordenadores de tudo. Principalmente o meu papaizinho aqui.”

11'35	<p>Homem – “E ai querido?” *O homem da um beijo em Andrew</p> <p>Andrew – “Oh, pai. O que é importante para ser um bom b-boy?” *Aparece a legenda indicando o nome <i>Nelson Triunfo</i> Nelson – “Primeiramente, é ser uma pessoa disciplinada. Saber que o ensaio, que os treinamentos, aquecimentos, tudo é muito importante para o corpo dela. Ela tem que se alimentar bem, tem que dormir nas horas boas. Mesmo assim, não ficar muito acordado para não perder a resistência física. E principalmente ter inteligência, porque é muito importante não você só dançar. Você saber o que acontece em sua volta. Respeitar outras danças, respeitar as outras culturas. Isso que é ser um bom b-boy. E saber também respeitar os seus amigos. Não é verdade? Estudar, estudar, estudar...”</p>
12'17	<p>Andrew – “Como começou a sua história?” Nelson – “Nossa, a minha história tem que perguntar pro Spielberg, vem lá do Jurassic Park.” *Aparece a animação de um dinossauro dançando à direita com vídeo duplicado de Nelson dançando a esquerda, tudo ao som Hound Dog de Elvis</p>
12'36	<p>Nelson – “Daquele tempo bem das cavernas.” *Aparece o desenho de um homem das cavernas à direita com um sinal de interrogação em cima Nelson – “Na verdade, eu, desde os anos 70, já fazia movimentos com os grandes bailes blacks aqui em São Paulo, no Rio, em vários outros lugares. Tinha pessoas como Tony Tornado, Tim Maia, Jorge Bem-Jor, Cássiano. Vários manos da época. Mas ali na virada dos anos 70 pra 80 eu trouxe a dança de rua pro Brasil. E assim começou a história do hip hop nacional. Mas antes eu também curtia um forró lascado lá no nordeste. Porque eu nasci, você sabe. Lá em Triunfuzinho conhece. Triunfo, sinônimo de vitória .... *Aparecem as fotos de cada uma das personalidades citadas nos cantos do vídeo *Aparecem o mesmo vídeo de Nelson dançando, porém quadruplicado, com uma cor diferente cada e ao som de forró *Na fala final, Nelson faz uma rima que não é muito clara Andrew – “Valeu pai.”</p>
13'15	<p>Narradora – “E no final do programa, os passos do Hip Hop paulista” *A informação é acompanhada pela legenda <i>Os Passos do Hip Hop Paulista</i></p>
OBS	<p>*Andrew parece bastante confortável com a câmera. *Ele atua como um repórter bem como o proposto pelo bloco, já que entrevista pessoas para saber informações e a opinião delas. *Me parece estranho o uso de uma música de rock para representar a dança de Nelson e do dinossauro. *São apresentadas imagens das aulas e das danças de hip hop. *Nelson problematiza e contextualiza um pouco o hip hop. Defendendo o respeitar as outras danças e culturas, a necessidade do estudo e do cuidado com a saúde, além de contar um pouco do surgimento da dança hip hop no Brasil. *Poderiam contextualizar melhor questões como bailes blacks e as personalidades citadas. Seja com vídeos dos músicos.</p>
<p>EPISÓDIO 7 – 23'10 (Continuação) Reportagem sobre a Casa do Hip Hop em São Paulo</p>	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
23'34	<p>*Andrew (8 anos) Andrew – “Agora a Andressa vai ensinar um passo.” Andressa – “Top Rock é um movimento vertical que a pessoa começa dançando em cima. Ela dança em pé, e é a preparação. É o momento da ginga da dança de rua, pra depois descer pro chão.”</p> <p>Mulher – “Feetwork, como o próprio nome diz, são trabalho de pés. Então você tem que ficar abaixado depois do Top Rock, movimentar os seus pés de acordo com cada movimento de Feetwork. Cada um tem o seu nome, o jeitinho certo de fazer.”</p>
23'50	<p>Andressa – “Vamos para o Freeze que é o que o Andrinho já falou pra gente. Vamos lá botar em prática. Agacham, cotovelo no joelho e o outro cotovelo na barriga. Vamos fazer como se fosse uma alavanca. Descer devagar, a cabeça no chão e levantando a perna.”</p>
24'09	<p>Andressa – “Movimentos acrobáticos que exigem mais o esforço físico da pessoa, o condicionamento físico da pessoa, eu acho bem legal. *Aparece a legenda <i>Power Moves</i></p>
24'20	<p>Andrew – “Agora na TV Piá a gente vai ensinar três passos pra quem está começando no hip hop.” *Imagem mostrando os três passos.</p>
24'51	<p>Vários Jovens – “Casa do Hip Hop de Diadema São Paulo. Valeu TV Piá.” *Efeito de volta do vídeo Andrew – “Agora com vocês batalhas de b-boys TV Piá.”</p>
OBS	<p>*Apresentadas imagens sobre as falas mostrando cada passo. *Não é indicado o nome da segunda mulher. *Andrew é o entrevistador. *Ele parece confortável em apresentar.</p>



EPISÓDIO 8 – 03'05	
Reportagem <i>Atelier das Ideias</i> no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “Num dia de feriado e chuva no Rio de Janeiro, um grupo de crianças se reúne em torno de um personagem misterioso. Arcimboldo”
03'22	*Maria Eduarda (7 anos) Maria Eduarda – “O que é Arcimboldo? Eu não sei.” *Maria Manuela (4 anos) Maria Manuela – “Será que é um sapato?” Maria Eduarda – “Eu acho que é uma fruta.” *Joana (10 anos) Joana – “Eu acho que é uma pessoa.”
03'32	Maria Eduarda – “Eu ainda acho que é um tempero, uma comida.” *Breno Afonso (5 anos) Breno – “Eu acho que é uma buchecha.” Maria Manuela – “Será que é uma galinha?” *Maria Fernanda (6 anos) Maria Fernanda – “É algum tipo de coisa que eu nunca vi.” Joana – “Eu continuo achando que é uma pessoa.”
03'51	Maria Eduarda – “Agora que a Joana falou que é uma pessoa eu acho que é um pintor, de outro país.” Breno – “Eu acho ele foi lá em Las Vegas.” Maria Manuela – “Paris.” Maria Eduarda – “Eu acho que é da Itália.” *O grupo bate palmas.
04'08	Narradora – “Arcimboldo foi um pintor italiano que viveu a mais de 500 anos. Ele gostava de usar imagens da natureza, como frutas, legumes e flores para desenhar rostos e corpos humanos.” *Aparecem três quadros. Um com a imagem de Arcimboldo, outro passando obras do pintor, e um terceiro com imagens do clipe <i>Sleadhammer</i> de <i>Peter Gabriel</i> (qual a música toca ao fundo). Junto aparece duas legendas com o nome <i>Arcimboldo</i> .
04'19	*Maria Eduarda à câmera Maria Eduarda – “Se vocês fosse uma fruta, que fruta vocês queriam ser?” Joana – “Eu seria uma laranja.” Maria Manuela – “Morango.”
04'30	*Sofia (6 anos) Sofia – “Eu seria uma maçã.” *Pedro (6 anos) Pedro – “Morango.” Maria Fernanda – “Eu seria uma banana.”
04'47	*Gabriela (4 anos) Gabriela – “Mamão.” *Juliana (5 anos) Juliana – “Uva.” Breno – “Eu seria uma maçã e uma banana.” *Clarice (5 anos) Clarice – “Melância.”
04'47	*As crianças interagem com as pinturas de Arcimboldo Gabriela – “Parece uma uva. Isso aqui parece um abacaxi.” Maria Manuela – “Aqui parece uma pera.” Maria Fernanda – “Pro nariz uma batata e pras bochechas umas cebolas.” Maria Eduarda – “Pessoa com um capacete misturado com melancia.” Gabriela – “Gostei.” *Aparece uma animação de um rosto com melancia mexendo os olhos *Aparece as crianças vendo as pinturas
05'22	*Mulher falando as crianças Mulher – “Vocês vão se transformar em Arcimboldo. Eu vou distribuir frutas e vocês terão que criar a obra de arte de vocês.” *A fala da Mulher é acompanhada por legenda *Ao fim da fala aparece o desenho do <i>Alien</i> em versão Arcimboldo, atravessando a parte inferior da tela.
05'37	Maria Eduarda – “Vamos criar assim, olho de uva, uma boca de banana, Bem misturado.”
05'53	*Sofia pergunta a Breno Sofia – “O que você está fazendo?” Breno – “Um abacaxi com uvas pra fazer o olho, banana pra fazer a boca e abacaxi pra fazer o corpo.”
06'10	*Sofia pergunta às outras crianças Sofia – “Vamos descer para a cozinha para a gente fazer uma salada?”
OBS	*Após a fala de cada criança sobre que fruta gostaria de ser, aparece um desenho da fruta com o rosto da respectiva criança dentro. *As crianças falam mais à câmera. *Aparece o nome de cada criança.

	<p>*O nome da Mulher que fala com as crianças não é indicado.          *Ao fim aparece as crianças brincando com as frutas.          *A fala de Sofia encaminha ao quadro Cuca Piá</p>
--	--

EPISÓDIO 9 – 03'00	
Reportagem sobre como são criadas as ondas	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	<p>*Ramo no Rio de Janeiro            Narradora – “E no Rio de Janeiro as crianças aprendem e se divertem na praia.”</p>
03'12	<p>*Ipanema no Rio de Janeiro            *David (13 anos/ negro)            David – “Eu gosto de pegar onda todo o dia.”</p> <p>*Julia (3 anos)            Julia – “Eu tenho medo de onda grande.”</p>
03'15	<p>*Bernardo (8 anos)            Bernardo – “Eu não tenho medo de onda grande.”</p> <p>David – “Eu prefiro que a onda estoure lá atrás, porque ela fica maior.”</p>
03'22	<p>*Felipe (5 anos)            Felipe – “Como que a onda se forma. Eu quero saber.”            *Tela em wipe            *Lucas (13 anos)            Lucas – “Eu sei que vem a ondulação e quando chega aqui, é mais raso, ela começa a subir e ai...”</p>
03'32	<p>Bernardo – “No meio do mar, o vento faz a onda se mexer e ela se forma. E acaba aqui.”</p>
03'43	<p>Julia – “A onda quebra porque cai no chão.”</p>
03'47	<p>*Niterói no Rio de Janeiro            *Enzo (9 anos)            Enzo – “Eu acho que a onda se forma porque o vento bate e empurra a água.”            *Victor (9 anos)            Victor – “A onda se forma lá no meio do oceano Atlântico. Ai elas vão andando, andando, até chegar no meio da costa. Ai as duas pedras que tem entre as praias fazem com que a onda entre lá dentro.”            *O movimento de mãos de Victor é acompanhado por uma animação de uma bola de basquete entrando numa cesta</p>
04'03	<p>*Ipanema no Rio de Janeiro            Matias – “Me llamo Matias, tengo 9 años, soy de Buenos Aires Argentina. Me gustaría saber cómo se forman las ollas.”            *A fala de Matias é acompanhada por uma legenda tradutora.</p>
04'13	<p>*Ramos no Rio de Janeiro            *Bianca (11 anos)            *Bianca pergunta a um Homem            Bianca – “O que é isso? Eu quero aprender.”            Homem – “Esse é um experimento para a gente ver porque a onda quebra na areia. Nosso amigo aqui, ele está fabricando as ondas. Como se fosse uma tempestade em auto mar ou os ventos”</p>
04'26	<p>*Aparece a legenda <i>Ondas do Mar</i>            Homem – “A onda está vindo, ai chega uma hora em que a parte de baixo da onda, que a gente chama de vale, e a parte de cima, que a gente chama de crista. A parte de baixo é freada pela areia e            *A fala é acompanhada de uma animação de uma onda se formando na parte inferior. Ai, o que acontece com a crista? A crista cai por cima do vale.            *Aparece as legendas <i>Vale</i> e <i>Crista</i> com setas indicando a onda            *A legenda <i>Areia</i> com uma seta indicativa também aparece            *Seguido por setas que mostram o movimento da onda            *A queda da crista é acompanhada por um efeito sonoro de vidro quebrando</p>
04'44	<p>*A explicação é seguida por imagens, com legenda, do filme <i>Madagascar DreamWorks</i>. As imagens mostram personagens surfando.            Homem – “Por isso que a onda quebra na areia. Você já tomou um caudo?”            Bianca – “Já. Eu estava entrando na água, ai a onda veio forte e eu fui se enfiar em baixo e ela me revirou todinha.”            *O relato de Bianca é acompanhado de uma animação onde aparece um desenho dela sendo girado por uma onda. Isso com a animação de uma gaivota assustada voando.            *Seguido a isso, aparece a imagem de crianças entrando em ondas.</p>
OBS	<p>*O início da reportagem traz tipo de uma fala povo.            *A fala de Bernardo e Julia é acompanhada por uma legenda.            *Bianca é a mesma menina do episódio 5, ela apresenta do Museu na praia presente também no episódio 4.            *A animações ajudam na compreensão das falas.            *O programa faz brincadeiras com as falas.</p>

EPISÓDIO 9 – 16'40	
Reportagem sobre sorveteiro em Itaparica na Bahia	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
17'10	<p>*Sávio (10 anos/ negro) Sávio – “Meu nome é Sávio, tenho 10 anos. E estou aqui ao lado de uma figura daqui da ilha, muito importante para as crianças.”</p> <p>Salvio – “Ele é o Picolation.” *Imagem de Picolation com a legenda <i>Picolation</i></p>
17'15	<p>*Sávio pergunta a Picolation Sávio – “Picolétion, porque você acha que as crianças gostam de você?” Picolation – “Porque sou um cara divertido. Falo a linguagem delas. Eu sou, como se fosse, uma criança grande. Quem gosta do Picolation diga ‘hu’.”</p>
17'41	<p>Picolation – “Eu comecei a falar, olha o picolé. E picolé ficava meio sem graça. Eu comecei inventando moda. Picolé e a palavra Fashion.. Picolation. Seu nome?” Aparece ao lado de Picolation a legenda <i>Picolé + Fashion = Picolation</i> Sávio – “Sávio.” Picolation – “Savation.” *Picolation pergunta o nome de outras crianças e faz a mesma relação</p> <p>*Picolation vendendo picolés Picolation – “Só tem cumbuation, cupusation, raviolation. Light ou engordait?”</p>
18'13	<p>*Sávio pergunta a Picolation Sávio – “Você faz muita festa infantil?” Picolation – “Faço sim, porque os pais vêem em mim uma figura bem cômica. Olha o tamanho do meu chapéu. Por que todo mundo ri do meu chapéu?” Crianças – “Porque é grande.” Picolation – “Os pais querem sempre um upgrade na festa das crianças.”</p>
18'30	<p>*Picolation falando com as crianças Picolation – “Agora, por favor, um abraço nele. Um abraço nele para ganhar um picolé. Cuidado para não melar a camisa. Agora grita um” Menina – “Um!” Picolation – “Ah, toma igual. Você está com sede assim. Quem vai passar de ano ai diga ‘hu’. TV Piation..” *Aparece a legenda <i>TV Piation</i></p>
OBS	<p>*As crianças parecem empolgadas em participar. *O quadro trás músicas de axé baianas. *Sávio realiza a função de repórter. *Todos os apresentados, assim como as palavras de Picolation, são acompanhadas por legendas. *A interação de Picolation com as crianças aparecem como momentos de making off.</p>

EPISÓDIO 10 – 05'35	
Reportagem sobre a companhia de teatro Novos Novos de Vila Velha em Salvador	
TEMPO	DESCRIÇÃO:
	<p>Menino – “Teatro Vila Velha, Salvador. Cena um, gravando.” Narradora – “A companhia Os Novos Novos surgiu no teatro Vila Velha no anos 2000. E não parou mais de crescer.” Menino – “Hoje mistura crianças que estão começando com jovens que cresceram junto com o grupo.” Narradora – “Todo grupo dos Novos Novos participaj unto de todas as etapas da criação dos espetáculos.” *Aparece vídeo de apresentações do grupo com a legenda <i>Cia de Teatro Novos Novos</i></p>
06'15 (OFF)	<p>Mulher – “A companhia Novos Novos existe a doze anos. O primeiro espetáculo da companhia mesmo foi ‘Imaginação: Aventura do Fazer’ que foi 2001.” *São apresentadas imagens dos espetáculos</p>
06'30	<p>*É indicado o nome da Mulher como Débor Landim *Ela está sendo entrevistada pelo menino Débora – “Mas a origem mesmo da companhia Novos Novos vem de ‘Pé de Guerra’. Foi um espetáculo adulto, mas que tinha um núcleo infantil. Então depois desse núcleo infantil os atores que participavam vieram para fundar a companhia Novos Novos.” *Durante a fala são apresentadas fotos do espetáculo citado. *Após é mostrado um espetáculo com a legenda <i>Peça Mundo Novo Mundo</i></p>
07'00	<p>*É indicado o nome do menino como Caio (11 anos/negro) Caio – Me falaram , algum tempo atrás que a escritora de ‘Pé de Guerra’ se chama Sônia Robado.”</p>
07'05	<p>*Caio pergunta a Sônia Caio – “Como se sente sendo uma das responsáveis, podemos assim dizer, da criação, não só do teatro como também da companhia Novos Novos?” Sônia – “E me sinto muito feliz, muito emocionada. Muito contente de ver vocês renascendo da gente. Então, realmente eu fundei em cinquenta e nove , muito tempo atrás, o Teatro dos Novos. E Debora fundou os Novos Novos à doze anos atrás.”</p>

07'32	<p>*Aparece a legenda <i>Sônia Robatto</i></p> <p>*Em seguida aparece uma fotografia indicando o homem da direita com uma flecha, junto a legenda Othon Bastos</p> <p>Sônia – “Eu estou muito emocionada de ver tudo isso funcionando. Muito feliz.”</p>
	Narrador – “A companhia Novos Novos foi a única representante brasileira no evento inglês. Lá na cidade de Manchester estreamos o quarto espetáculo do nosso repertório, ‘Diferentes Iguais’.”
07'50	<p>Caio – “Na companhia, depois desses 12 anos, ainda têm gente que vem de lá de pé de guerra. Esse pessoal antigo, velho. Vamos mostrar ai por favor. Qual é o seu nome?”</p> <p>Elaine – “É Elaine Dorno.”</p> <p>Caio – “É Elaine Dorno. Você tem quantos anos minha querida senhora?”</p> <p>Elaine – “Vinte.”</p> <p>Caio – “Mas ela não é tão grandona assim não. Vamos abaixar. Olha a perna de pau.”</p> <p>*Aparece a legenda <i>Elaine</i></p>
08'16	Caio – “Tem gente aqui de idades diversas, bairros, personalidades. Mas todo mundo aqui é amigo e este é o clima dos Novos Novos. Harmonia e felicidade.”
	*Narrador – “Ensaio para a vida. Já já.”
OBS	<p>*Caio interpreta a postura de um jornalista enquanto faz suas perguntas.</p> <p>*Caio parece confortável com a fala.</p> <p>*Não fica claro a indicação de Othon Bastos, já que nenhum momento é abordado ou esclarecido.</p> <p>*Todos os entrevistados tem os seus nomes citados.</p> <p>*Aparecem imagens dos ensaios e dos espetáculos entre as falas.</p> <p>*A reportagem contextualiza a criação da companhia.</p> <p>*Não há nenhum segundo Piá Reporter no programa, por isso acredito que a indicação do final não seja de uma continuação do quadro.</p>

EPISÓDIO 11 - 05'10	
Reportagem sobre a primeira livraria no Brasil para crianças	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	<p>Narradora – “Sofia e Raíssa saíram para passear num shopping no Rio de Janeiro. Lá encontraram a primeira livraria do Brasil voltada só para crianças.”</p> <p>*A narração é acompanhada por uma animação mostrando as duas meninas passeando em um shopping</p>
05'40	<p>*Sofia (9 anos) à câmera</p> <p>Sofia – “Esse aqui é o livro do corpo humano. Eu gostei desse livro porque a gente pode saber como a gente é por dentro.”</p>
05'55	<p>*Raíssa (7 anos)</p> <p>Raíssa – “Os Penguins de Madagascar: Operação Atitude. Quadrinho, atividades e oitenta adesivos.”</p>
06'09	<p>*Tela repartida em quatro, mostrando em umas partes uma animação. No meio a animação de um relógio junto ao seu efeito sonoro.</p> <p>Sofia – “Quando você está com medo seu coração bate muito rápido.”</p>
06'13	<p>Raíssa – “As crianças que não gostam de ler, elas não percebem que ler da muita criatividade.”</p> <p>Sofia – “As crianças que gostam de ler elas aprendem com os livros.”</p> <p>Raíssa – “Por causa que até na escola você aprende com os livros. Não é?”</p> <p>*É seguido por imagens da animação <i>A Menina que Odiava Livros</i>, mostrando o nome na legenda</p> <p>*A animação tem como moldura livros empilhados.</p>
06'54	<p>Sofia – “E esse aqui fala sobre os animais.”</p> <p>Raíssa – “E eu estou vendo esse livro aqui do corpo humano.”</p>
07'08	Narradora – “O nome da livraria Malasartes vem de um personagem popular. Quase folclórico da cultura brasileira e portuguesa, Pedro Malasartes. Malasartes é inventivo, muito alegre e cheio de esperteza.”
07'21	<p>*Aparece uma animação na tela, tendo num pequeno círculo a cima o vídeo com a fala de Sofia</p> <p>*A animação mostra um menino sentado e encostado em uma arvore, com uma galinha ciscando aos pés</p> <p>Sofia – “Pedro Malasartes. Seus males espanta como espanta. Com suas artes. Os ... e males do mundo. Dele fogem os tolos para não caírem na farsa. Dele fogem os avarentos para garantirem sua grana. Dele fogem os orgulhosos para não perderem suas mascaras. E vêm para perto dele vivos os folgados, que soltam muitos risos, e os que jogam com esperteza. E esses sim se envolvem. Se prendem nas malhas dos mínimos detalhes feitos de manha e malícia. Feito só de artes desse Pedro Malasartes.</p> <p>*Vão aparecendo as palavras <i>Males, Artes, Tolos, Avarentos, Orgulhosos, Folgados, Esperteza, Manha</i>.</p> <p>Terminando com o nome <i>Pedro Malasartes</i>.</p>
08'12	<p>Narradora – “E Raíssa foi até a Academia Brasileira de Letras saber quem está por trás da primeira livraria para crianças do país.”</p> <p>*Aparece a legenda <i>Academia Brasileira de Letras</i></p>
08'20	<p>Raíssa – “Estou aqui com a escritora infantil Ana Maria Machado. E eu vou perguntar para ela sobre a participação dela na Malasartes.</p> <p>Ana – “Fui eu que criei a Malasartes junto com a Maria Eugênia Silveira. Isso foi em 79, muito tempo. Você nem sonhava em nascer.</p> <p>*Aparece como legenda <i>Ana Maria Machado Presidente da ABL</i></p> <p>*É usado o efeito sonoro de criança chorando.</p>
08'42	<p>*A cor da tela fica preto e branca no início, vai revezando entre cor e sem cor dependendo do plano</p> <p>Ana – “Uma vez que eu estava querendo comprar um livro para uma sobrinha minha que morava longe. Eu procurei em um monte de livrarias. De Copacabana, de Ipanema, do Leblon. E não tinha livro infantil em lugar</p>

09'24	<p>nenhum. Fiquei pensando nisso nesse dia. No dia seguinte chegou lá uma moça que fazia animação de festa infantil. Se chamava Maria Eugênia. E eu disse que tinha muita vontade de fazer uma livraria assim. E ela disse 'mas eu também, esse é o meu sonho'. Ai saímos dali, fomos nos animando com isso e ai fomos procurar uma terceira sócia depois para nos completar. E fizemos a Malasartes. E eu dirigi a Malasartes. Fui gerente lá junto, sempre com duas outras sócias, durante dezoito anos."</p> <p>Raíssa – “E a experiência deu certo?”  Ana – “Eu acho que sim. Depois que a gente fez a Malasartes, daí a um ano, tinha só no Rio catorze livrarias infantis. Então eu acho que o exemplo foi de uma maneira que deu muito certo. Mas hoje em dia, qualquer boa livraria tem um setor infantil e é isso que importa.”  *Efeito sonoro de crianças comemorando</p>
OBS	<p>*As meninas estão sendo, mesmo que reportes, também fontes de opinião.  *Interessante a fala sobre os leitores e não leitores.  *A mudança de cena se dá com o a repetição de imagens de livros empilhados.  *Raíssa parece nervosa durante a entrevista.  *Durante a entrevista são visto flashes de fotografias.  *Durante a entrevista o microfone fica na mão de Ana.  *Algumas falas de Ana parecem editadas.</p>

EPISÓDIO 11 – 14'00	
Reportagem sobre o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	<p>Elissandra – “Oi, eu sou a Elissandra. Tenho onze anos. E eu hoje vim aqui conhecer o museu da língua portuguesa.”</p>
	<p>Narradora – “Na Estação da Luz em São Paulo fica o Museu da Língua Portuguesa.  * Aparece a legenda <i>Museu da Língua Portuguesa – SP</i>  Narrador – “Uma turminha que mora bem perto vai visitar o museu pela primeira vez.”</p>
14'18	<p>Elissandra – “A língua portuguesa é um museu que tem um monte de coisas das décadas passadas. Igual dinossauros, roupas de índios. As estatuas que tem lá.  * Aparece entre a fala o vídeo de uma menina perguntando ‘há?’, ela se repete a cada elemento do museu citado  * Aparecem seguindo a fala uma foto da série A Família Dinossauro, um cocar na cabeça de Elissandra  * Junto a fala errada do final aparece a legenda Estautas = Estátua  * Também o desenho de uma estátua com pontos de interrogação sobre a cabeça</p>
14'33	<p>*Maria Eduarda (7 anos./ negra)  Maria Eduarda – “O museu é um lugar especial que tem uma tela gigante, que tem umas coisas novas.”</p>
14'44	<p>Elissandra – “E esse computador serve pra gente aprender mais as coisas.”  *Efeito sonoro de comemoração  Elissandra – “Tem palavras que vieram de outras línguas. Abajur vem do francês. Dendê vem de uma planta que a gente faz o óleo do dendê pra por na comida  * Aparecem as legendar Abajur,  * Aparecem os desenho dos objetos citados: um abajur, uma árvore de dedê  * Aparece uma animação de um alimento sendo frito em uma frigideira com óleo</p>
15'03	<p>Elissandra – “A palavra veio dos africanos. Tudo junto e misturado. É, a gente junta a ao mesmo tempo mistura. Mistura todas as línguas  * Aparece um mapa da África  * Animação de várias palavras sendo sobrepostas uma as outras, sendo por fim transformadas no símbolo da língua da banda Rolling Stones</p>
15'20	<p>Elissandra – “Eu estou vindo aqui e estou aprendendo muitas coisas. A gente fala cachorro quente e no inglês PE hot dog”  *Efeito sonoro de comemoração  * Aparece o desenho de um cachorro dentro de um cachorro quente, sendo que ele ganha um chapéu de Tio Sam quando falado o nome em inglês  * Aparecem seguindo a imagem as legendas Cachorro Quente e Hot Dog</p>
OBS	<p>* A explicação de Elissandra sobre a origem das palavras é editada.  * Seu nome e idade não aparecem em legendas.  * Me parecem desnecessários as piadas com os erros delas.  * Aparecem imagens do museu e das crianças interagindo com a exposição.</p>

EPISÓDIO 12 – 03'36	
Reportagem sobre Manaus no Amazonas	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
(N/OFF/N)	<p>Vitória – “Olá, meu nome é Vitória, tenho doze anos. E sou de Manaus e hoje vou mostrar um pouco da minha cidade. Estamos aqui, no centro de Manaus, na frente do teatro Amazonas. Um dos pontos turísticos mais conhecidos do país. Ele foi construído em 1896. Ele é muito antigo e ele foi construído no tempo da borracha.</p>
04'00	<p>Narradora – “A borracha, também conhecida como látex, é extraída de uma árvore muito comum na Amazônia, a seringueira. Há mais de 150 anos, Manaus ficou conhecida como a capital mundial da borracha. E conserva ainda muitas coisas desse período.  * Aparece uma animação mostrando as palavras <i>Borracha, Látex, Seringueira, Manaus Capital da Borracha</i>  * Na animação é mostrado o processo de extração na árvore, aparecendo na sequência um mapa do Brasil</p>

	mostrando a Amazônia, fotos de Manaus, imagem se um cientista segurando uma borracha de caderno, diversos objetos de borracha, mapa do Brasil com os objetos sobre a Amazônia.
04'17	Vitória – “O tempo da borracha foi um tempo que as pessoas ganharam muito dinheiro e enriqueceram muito. Estamos aqui no largo São Sebastião. Uma praça muito bem frequentada. E estamos na frente do monumento abertura dos portos, que mostra norte, sul, leste e oeste. Que é a América, a África, a Europa e desse outro lado a Ásia. Essa praça fica bem na frente do Teatro Amazonas.” *É mostrada a praça, aparecendo os lados do monumento e o teatro.
04'44	Vitória – “Muita gente vem aqui perguntar onde está a floresta. Mas quando chega aqui tem shopping center, tem praças bonitas, árvores, monumentos e muitos pontos turísticos.” *Aparecem desenhos de árvores contornando Vitória e dando a impressão de uma floresta. *Aparecem imagens de shopping center, praças, árvores, monumentos e outros pontos turísticos da cidade
04'59	Vitória – “Além de pontos turísticos, uma coisa muito divertida em Manaus é as sorveterias. Como o dia está muito quente, é um bom dia para tomar sorvete.
05'15	Vitória – “Aqui na Amazônia tem umas frutas bem diferentes. Então tem como ter muitos sabores diferentes de sorvete. Taperebá, açaí, tucumã, cupuaçu a tapioca. Agora vocês me dão licença porque eu vou tomar um sorvete.” *A cada sabor citado aparece a imagem do sorvete com nome, junto a fotos das frutas. Isso repartindo em diferentes porções a tela.
05'31	Vitória – “Eu peguei aqui o sorvete de cupuaçu que eu mais gosto. É uma fruta meio azedinha, mas gotosa. Vocês querem um pouco?”
05'46	Vitória – “Agora a gente está indo ver o porto. Muita gente leva peixe pra lá pra vender. É uma parte importante de Manaus. Lá da pra ver o Rio Negro. O Rio Negro é um rio muito importante pra Manaus. Ele se junta com o Rio Solimões que forma o Rio Amazonas.” *Aparece a legenda <i>Continua</i>
OBS	*Vitória parece confortável apresentando. *Ela e a narradora trazem várias informações as crianças. *Há contextualização com a história da cidade. *São trazidas várias imagens da cidade e do que ela fala.
EPISÓDIO 12 – 12'40 (Continuação) Reportagem sobre Manaus no Amazonas	
TEMPO:	DURAÇÃO:
	Narradora – “De volta ao passeio por Manaus.”
12'57	*Ana Vitória (11 anos) Vitória – “Manaus pra mim é uma cidade legal, divertida. Quente também. Eu tomo muito banho. Não sei se outras pessoas também tomam muito banho.”
	Narradora – “O hábito de tomar banho várias vezes por dia vem dos índios brasileiros, que sempre foram muito limpinhos. Quando os portugueses chegaram aqui ficaram admirados com essa mania e com o calorão começaram a imitar.” *Animação trazendo as palavras Banho (repetida várias vezes) *A animação traz um desenho de índios se banhando num rio com morros e árvores ao fundo. Seguido por um português chegando, tento a frente entre árvores um índio e uma caravela no mar ao fundo. O português aparenta sentir calor. Logo isso, ele aparece se banhando com os índios no primeiro cenário.
13'22	Vitória – “Quando que está meio que frio eu tomo uns cinco. Por aí. E quando está muito quente eu chega a tomar uns sete, oito, uns dez. Por aí.” *Aparece o desenho de vários chuveiros e a mudança de cena se deve a uma espuma de sabão que cresce até tapar a tela.
13'34	Vitória – “Na real, claro, eu não vou me molhando o tempo todo. Eu só me ...”
13'39 (N/OFF/N)	Vitória – “Agora agente está chegando aqui no porto de Manaus. Muitos barcos param aqui para abastecer de comida. Eles vivem navegando entre os rios. Entre uma cidade para a outra para levarem e buscarem as pessoas. Esse que está aqui atrás de mim é o Rio Negro, que é onde fica a Manaus. Manaus fica bem na margem do Rio Negro.”
14'00	Vitória – “Aqui tem mais rio que estrada. Então é mais fácil ir de barco para os lugares do que ir de carro. O pessoal que vai nesses barcos, eles dormem em rede. Eles vão a viagem toda em redes.”
	Narradora – “Daqui a pouco a ponte e o mercado de peixes.” *É seguido pela legenda <i>A Ponte e o Mercado de Peixes</i>
OBS	*Aparece a legenda indicando a cidade e estado. *É pela primeira vez indicado o nome e a idade de Vitória por legendas. *Ela parece ser a fonte de todas as informações. *Sua fala é acompanhada pelas respectivas imagens. *Ela parece bem confortável falando. *As narrações e animações são bastante ilustrativas.

EPISÓDIO 14 – 04'30 Reportagem sobre uma escola de boxe no Complexo da Maré no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “Na comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, o boxe é sinônimo de paz e harmonia.” *Complexo da Maré – RJ
04'55	*Sílas (13 anos/negro) Sílas – “A aula de boxe começa com um alongamento. Aí nos alonga o braço, a perna. Aí faz o alongamento,

05'13 (N/OFF)	fazer abdominal. Aí vem, bota facha e aí bate saco. Três rounds de saco.” *Aparece os meninos fazendo os alongamentos *Aparece um menino batendo no saco junto a expressão ‘POW!’ dos quadrinhos *Aparece outro menino batendo em um soco junto com a expressão ‘TUM’ Silas – “Aí depois chamam a gente pra fazer um sparring no ringue. O sparringo é tipo uma luta para tu aprender a aperfeiçoar os movimentos.” *Aparece a tela dividida em wipe, sendo o desenho de um raio o divisor. De cada lado aparece um menino treinando com a palavra sparring grande em cima. É acompanhado pelo som dos sinos de boxe. *Aparece as legendas <i>Sparring = Luta e Aperfeiçoar os Movimentos</i>
05'30	Silas – “Agora eu vou explicar como é que são os socos de boxe. O jeb, o direto, o cruzado e o upper.” *Silas demonstra os golpes aparecendo as legendas <i>Jeb, Direto, Cruzado e Upper</i> para cada um demonstrado.
05'39	Silas – “Eu gosto do boxe porque me ensina defesa pessoal e me leva pra campeonato.”
05'48	*Jonathan (12 anos) Jonathan – “Eu gosto de tudo. Dos movimentos. Bater no saco. Fazer sombra. Pular corda. Abdominais. Flexão.” *
05'57	Menino - “Eu não acho nada cansativo.” *Efeito sonoro de disco arranhando. *Aparece imagens do menino aparentemente cansado e são adicionadas animações de gotas de suor escorrendo.
06'07	*João Vitor (12 anos) João Vitor – “Eu acho legal no boxe quase tudo, porque a gente treina bastante aqui e a gente pode ser um futuro profissional na vida. Como Mohammed Ali. Esses caras.” *Aparece um vídeo de uma luta de Mohammed Ali, indicando ele com uma seta e a legenda <i>Mohammed Ali</i> .
06'25	*Mateus (13 anos) Mateus – “Meu ídolo é o meu professor Gibi” Gibi – “Valeu meu amiguinho.” *Mateus pergunta a Gibi Mateus – “Como é que o senhor começou a treinar?” Gibi – “Comecei a lutar boxe em 1989 na Bahia e hoje eu estou passando uma grande experiência que eu aprendi na minha vida para vocês. Pra vocês levar o caminho certo.” *Aparece as legendas <i>Gibi e Professor e Lutador</i> . Mateus – “Você acha que eu posso ser um grande campeão?” Gibi – “Pode ser sim. Só depende de você. Se você quer só tentar que vai conseguir.”
06'53	Aparecem falar breves de outros meninos sobre o treinamento: Jardel (12 anos), Rodrigo (12 anos), Breno (13 anos) Matias – “Eu desconto tudo no saco.”
	Narrador – “Daqui a pouco, lutar para evoluir.” *Aparece a legenda <i>Lutando com Garra</i>
OBS	*Todos os nomes dos meninos aparece, mesmo que não seja na primeira fala. *Eles parecem confortáveis falando. *Eles exercem papel de fonte, exceto Matias que entrevista Gibi. *As palavras estrangeiras aparecem com legenda e são esclarecidas pelas falar. *Cada golpe do boxe é acompanhado pela sua respectiva legenda. *A figura de Mohammed Ali é esclarecida pelo vídeo da luta. *São usadas legendas que lembram o ‘som’ dos golpes como nos quadrinhos.
EPISÓDIO 14 – 17'20	
(Continuação) Reportagem sobre uma escola de boxe no Complexo da Maré no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “De volta ao boxe dos meninos da comunidade da Maré no Rio de Janeiro.” *Aparecem os meninos lutando com as mesmas legenda representando o som dos golpes, como ‘SOC’, ‘TUM’, ‘PAH’ e ‘POW’
17'30	*Breno (13 anos) Breno – “Eu acho o boxe importante porque dá mais determinação, agilidade, concentração e ajuda no estudo.”
17'39	*Patrício (13 anos) Patrício – “O boxe que fez raciocinar em português, matemática, ciências, história.”
17'49	*Alexandre (13 anos) Alexandre – “Depois que eu vim pra cá eu fiquei muito melhor nas coisas. Educação da escola, educação em casa.
17'55	*João Vitor (12 anos) João Vitor – “Eu melhorei muito na escola, porque antigamente eu fazia bagunça. Ai o meu pai e a minha mãe me incentivaram muito para eu ser um grande campeão. Aí agora eu estou melhorando, estou me esforçando mais. Me dedicado ao esporte.”
18'10	João Vitor – “O boxe é om para você melhorar, ficar mais esperto, mais forte. Um monte de coisa. Fazer sucesso com as meninas também, pô.” *João Vitor manda um beijo e pisca para câmera enquanto toca Carless Wisper do George Michel *É usado um efeito sonoro de assovio *Aparece o desenho de beijos ao lado de João Vitor, junto com a animação de um reflexo no dente dele.
	*Matheus (13 anos)

18'27	*Matheus pergunta à Gibi Matheus – “Você acha que eu fiquei mais bonito?” Gibi – “Mais lindo.” *Aparece uma animação de um reflexo no dente de Matheus.
18'33	João Vitor – “Eu perdi muito peso também, eu era mais gordo. Era feião. Agora estou bonito. Magrinho.”
18'39	Matheus – “Perco peso, fico mais forte.” Breno – “Eu perdi três quilos e dois meses. Só fazendo boxe.” João Vitor – “A alimentação tem que ser bem importante. Arroz, feijão, salada.”
18'58	Silas (13 anos) Silas – “Você não se machuca porque tem protetor de cabeça, bocal pra proteger os dentes. As luvas são grandes pro impacto não ser maior.”  João Vitor – “Quase tudo separado. Peso por peso, categoria, idade. É tudo bem detalhado.
19'14	Silas – “As vezes o adversário é maior que você, mas você não pode ter medo não. Tem que ir pra cima. Tem que ver que vai ganhar. Aí quando eu for professor na aula não pode ficar comigo não. Tem que encarar todos os sacrifícios que vai vim pela frente.”
19'29	*Jonathan (12 anos) Jonathan – “Mês adversários me esperem no ringue porque eu vou ser o campeão.” *Imagem com trilha musical de <i>I Wil Rock You</i> da banda <i>Queen</i>
19'41	Breno – “Eu aprendi com o boxe que não é pra brigar. Brigar na rua não está com nada.” Alexandre – “Ir para a aula de boxe tem que ter determinação, atitude e respeito.”
OBS	*A fala de Patrício, Alexandre, João Vitor parece editada. *As falas de Breno e Patrício não parecem naturais, como repassadas por alguém. *A música durante a fala dos meninos é Jump do Van Halen. *Interessante a escolha por diferentes músicas nessa matéria. *Os meninos parecem envolvidos na matéria.

EPISÓDIO 16 – 00'45	
Reportagem telejornal na Escola Boqueirão em Santos São Paulo	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	*Gabriela (8 anos) Gabriela – “A gente vai falar sobre Santos aqui na escola do Boqueirão.” *Maria Eduarda (7 anos) Maria Eduarda – “E a gente vai fazer uma reportagem.” *Clara (8 anos) Clara – “Pra vocês conhecerem bem Santos.”
01'13	Narradora – “Começam os preparativos para o telejornal da escola Boqueirão. Eles procuram fazer igual aos profissionais de verdade da TV.”  *Making of Menino – “Pode passar gel no cabelo.... Espera aí, chega de gel.” Menino 2 – “Não, mas eu não quero gel.”
01'23	*Maria Luiza (10 anos) *Maria Luiza pergunta ao Menino 2 Maria – “Quer passar baton?” *A fala vem acompanhada de uma legenda. Menino – “Cruz credo, eu sou menino.”
01'29	*Gabriel (7 anos) Gabriel – “Eu queria ser repórter. Aquele que fica pra fora da escola.”
01'35	*Alícia (8 anos) *Alícia pergunta à Gabriel Alícia – “Você está trabalhando com o que?” Gabriel – “Eu sou o diretor.” *Aparece uma foto do menino sobre um fundo, com as legendas <i>Diretor Gabriel 10 Anos</i> *Aparece junto o logo do telejornal criado.  Lucas – “Nós somos os repórteres externos.” *Sobre um fundo aparece a foto dos cinco repórteres externos, e abaixo das fotos a legenda <i>Repórteres</i> *Da esquerda para a direita, as fotos apresentam também as legendas: <i>Gabriela 8 Anos, Theo 8 Anos, Maria Eduarda 7 Anos, Lucas 9 Anos e Bruna 9 Anos</i> *Abaixo da legenda <i>Repórteres</i> aparece o logo do telejornal.
01'45	Theo – “A gente está estudando aqui pra poder fazer as perguntas para as pessoas lá na rua.”  *Aparece fotos de um menino a esquerda e de uma menina a direita, com as legendas <i>Lucas 9 Anos e Rafaela 9 Anos</i>
01'54	*Acima das fotos aparece a legenda <i>Âncoras</i> e a baixo o logo do telejornal Lucas – “Para a gente ser um bom âncora a gente precisa ser bem habilidoso e tem que ser muito atencioso. Se



	a gente erra acaba sendo ruim.”
02'12	Gabriel – “Agora nós vamos ver o que os estilistas estão fazendo.”
02'25	Gabriela – “A gente tem que amarrar as pessoas, porque as pessoas não podem aparecer feias na TV. *Aparece o desenho de uma menina amarrada com pontos de interrogação na cabeça, junto aparece a legenda <i>Amarrar?</i>  *Alicia pergunta a Gabriela Alicia – “Vocês já tem mais ou menos uma ideia de qual roupa que eles vão usar? Ou vocês pensam na hora?” Gabriela – “Eles vão usar isso daqui. E o menino vai usar uma blusa branca com jeans. As meninas assim... A gente escolhe a roupa que ela vai usar, e aí ela aparece na TV com a roupa que a gente escolheu.”
02'41	Alicia – “Mais uma perguntinha, vocês fazem o cabelo? Vocês pintam a unha? Vocês preparam tudo?” Gabriela – “Manicure, cabelo, maquiagem, roupa.”
02'57	*Gabriela à câmera Gabriela – “Tem que ter estilo, resumindo.”
	Narradora – “Arte, edição e texto. Já Já.”
OBS	*Aparece as crianças tendo contato com os equipamentos. *Elas parecem bem envolvidas com a produção. *Elas parecem informadas sobre a atuação do jornalista. *Nas perguntas já repetem a postura de um jornalista. *Não sei se a proposta surgiu só da escola. *O logo desenhado pelas crianças foi digitalizado e convertido para 3D. *Todas crianças presentes tem seus nomes e idades indicados.
EPISÓDIO 16 – 07'13 (Continuação) Reportagem telejornal na Escola Boqueirão em Santos São Paulo	
TEMPO:	DURAÇÃO:
	Gabriel – “Oi, eu sou o Gabriel.” Alicia – “E eu sou a Alicia.” Gabriel – “E hoje nós vamos te desafiar a conhecer um pouco mais sobre Santos.” Alicia – “Aqui no litoral de São Paulo.”
07'27	*Alicia (8 anos) Alicia – “Oi, estamos aqui entrevistando o diretor do telejornal.”
07'37	*Gabriel (7 anos) *Gabriel e Alicia perguntam ao diretor Gabriel – “Qual é a função do diretor?” *Gabriel 2 (10 anos) Gabriel 2 – “É orientar a todos.”
07'43	Alicia – “Como é fazer esse trabalho Gabriel? O que vocês estão preparando para a gente?” Gabriel 2 – “Bom, é muito show de bola. Vamos apresentar várias coisas, com os repórteres de fora que vão sair.”
07'56	*Aparece um vídeo de um jogador de futebol driblando. Gabriel – “Qual a melhor coisa e a pior coisa de Santos pra você?” Gabriel 2 – “Bom, pra mim a melhor coisa de Santos é que a praia daqui é linda. E a pior coisa pra mim é que aqui tem muita poluição.”
08'12	*Rafael (7 anos) Rafael – “O nome do jornal é Tele Boqueirão.”
08'15	Gabriel 2 – “Nós resolvemos chamar o jornal de Tele Boqueirão porque a escola se chama Escola do Boqueirão. Então ficaria um nome legal. E Boqueirão é o bairro onde a escola fica.”
08'24	Rafael – “A gente está fazendo um símbolo. Aí eu fiz uma bola com uma ponta aqui no meio. Aí eu fiz o T do Tele e o B do Boqueirão.”
08'36	Gabriel 2 – “O Julio é o poderoso chefe da fábrica de desenhos. Não é Julio?” *É adicionado a imagem de um chapéu sobre a cabeça de Júlio, ao mesmo tempo que a tela fica preto e branca e como trilha é usada música de filme de mafioso. Gabriel 2 – “E aí, está fazendo aqui o desenho? Vida de diretor é dura.” *Gabriel 2 cai da cadeira e aparece um efeito de aceleração do vídeo até ele se arrumar.
08'47	*Aparece a legenda <i>Vida de Diretor é Dura.</i> Gabriel 2 – “Nós escolhemos essas cores pois o logo da escola é justamente com essas cores, o laranja e o azul. O laranja representando o ensino infantil e o azul o fundamental. *Tela wipe, mostrando dos dois lados a fala de Gabriel 2. Porém a da direita aparece primeiro com um filtro laranja seguido pela da esquerda com um azul. Depois os filtros trocam entre si.
09'05	*Alicia pergunta a um menino Alicia – “Me fala o que você está escrevendo aí.” *Breno (8 anos) Breno – “Bom, a gente está escrevendo várias coisas, que são textos para os repórteres, os âncoras, todo mundo falar. Pra eles saberem tudo direitinho.”
09'18	*Gabriel entrevistando Menina – “Nós vamos falar sobre o centro histórico. Sobre o aquário.”

09'23	*Vídeo emoldurado de um ensaio, com a legenda <i>Ensaio</i> . Menino – “Nesse momento estamos com o repórter Felipe em frente ao aquário.”
09'27	Menina – “O repórter ele faz perguntas para as pessoas assistirem o telejornal e aprenderem mais.”
09'33	Menino – “Esses temas fazem parte da cidade de Santos. Deixam a cidade com mais curiosidades. Seria bom para as crianças que não moram em Santos aprenderem.”
	Narração – “E o telejornal continua. Aguarde.” *Aparece a legenda <i>Continua...</i>
OBS	*Interessante que parte das crianças falarem sobre problemáticas. *Interessante o esclarecimento sobre o que é um repórter. *Nem todas as crianças que falam têm seus nomes citados. *Aparecem imagens da confecção do telejornal.
EPISÓDIO 16 – 15'30 (Continuação) Reportagem telejornal na Escola Boqueirão em Santos São Paulo	
TEMPO:	DURAÇÃO:
	Narradora – “De volta a Santos com o telejornal.”
15'40	*Gabriela (8 anos/negra) *Gabriela e Clara perguntam Gabriela – “Você está pronto para apresentar o jornal?” Menino – “Sim.” Clara – “E você está pronta?” Menina 2 – “Super pronta.” *Clara (8 anos)
15'47	Clara – “E agora estão os âncoras aí. Bate palma.” *Efeito sonoro de palmas
	*Vinheta com o logo do telejornal em 3D junto com a legenda inferior <i>Tele Boqueirão</i> *Aparece na vinheta a legenda <i>Apresentando</i> , seguido pela foto com legenda de <i>Lucas Barbosa, Rafaela Macedo, Theo Rajabally, Maria Eduarda, Lucas Oliveira, Bruna Marrochi e Gabriela Lachi</i> *Apresentadores na mesa, Lucas a esquerda e Rafaela adireita. *Ambos estão sentados em mesas, tendo ao fundo o logo desenhado do telejornal *Abaixo, entre eles, aparece o logo em 3D.
16'15	Lucas Barbosa – “Olá. Hoje, na nossa série de reportagens especiais vamos falar sobre os canais de Santos. O porto, o aquário, a praia e o centro histórico.” *Aparece sobre o respectivo apresentador as legendas <i>Lucas 9 Anos e Rafaela 9 Anos</i> *A escalada é acompanhada por imagens externas
16'25	Rafaela Macedo – “Marca registrada da cidade, os canais ajudam a escoar a água das chuvas. Entre outros benefícios.
16'33	Lucas Barbosa – “Vamos falar agora com o repórter Lucas Carvalho. É com você Lucas.”  *Lucas caminhando na praia. *Aparece a legenda <i>Lucas 9 anos</i> .
16'39	Lucas Carvalho – “Hoje estou aqui diretamente do canal quatro para falar sobre a história dos canais. Os canais foi por um engenheiro sanitaria chamado Saturnino de Brito. Básico da Cidade. Problemas de Saúde. em 1968 foram conhecidos. São do um” *Aparece uma foto seguida pela legenda <i>Saturnino de Brito</i>
17'04	Rafaela Macedo – “Outro tema de nossa reportagem é sobre a poluição do mar. Quem vai dar mais detalhes são três especialistas que estão em frente a praia com a repórter Bruna.”
17'14	*Legenda <i>Bruna 9 Anos</i> Bruna – “Agora eu estou aqui na praia de Santos com três especialistas. Qual a importância de levar a sacolinha para a praia?” *Mathias (5 anos) Mathias – “Pra não poluir mais a praia.”
17'24	Bruna – “O que a tartaruga come pensando que é água viva?” *João Cláudio (5 anos) João Cláudio – “Saco plástico.”
17'28	Bruna – “O olho do navio polui muito mais. O que acontece com as aves que mergulham em busca de alimento?” Mathias – “As aves, elas não conseguem voar e morrem afogada.” *Enzo (5 anos)
17'40	Bruna – “Obrigado crianças. Voltamos ao estúdio com Rafaela e Lucas.”
17'47	Lucas Barbosa – “Obrigada Bruna. É só assim realmente que o nosso planeta estará salvo *Vinheta do programa com a legenda <i>Tele Boqueirão e Continua...</i>
OBS	*A fala externa de Lucas parece gravada na pós produção ou dessincronizada. *A fala externa de Lucas não faz sentido. *Interessante que os especialistas são outras crianças. *Preocupação das crianças com pautas de problemáticas. *A TV Piá produziu as vinhetas para o telejornal.
EPISÓDIO 16 – 22'18	

(Continuação) Reportagem telejornal na Escola Boqueirão em Santos São Paulo	
TEMPO:	DURAÇÃO:
	Narradora – “De volta a Santos com o Telejornal.” *Vinheta do telejornal.
22'27	Rafaella – “Diretamente da cidade de Santos pelo programa TV Piá.” *Vinheta do programa com a legenda <i>Tele Boqueirão</i>
22'36	*Rafaella (9 anos) Rafaella – “Agora vamos falar sobre o aquário de Santos. Que foi o primeiro espaço fechado de animais marinhos do Brasil. É com você Maria Eduarda.”
22'44	Maria Eduarda - “Obrigada Rafa. Aqui, como vocês podem ver, que esse é um passeio muito legal..... Com você Rafa e Lucas.” *Maria Eduarda (7 anos)
23'06	Lucas – “Visite o aquário de Santo.... Continuando a nossa série de reportagens sobre a cidade de Santos falaremos sobre o porto.” *Lucas (9 anos) Rafaella – “Estamos aqui no nosso estúdio com o senhor Eduardo José Macedo, doqueiro. Que vem nos contar um pouco sobre o seu trabalho no porto.”
23'22	*Gabriela (8 anos) *Gabriela pergunta a Eduardo Gabriela – “Porque o porto de Santos é tão importante para o Brasil.” *Aparece a legenda <i>Eduardo José Macedo</i> Eduardo – “Toda a mercadoria, toda a exportação para pelo cais de Santos. Realmente é o maior porto da America Latina. *Aparecem sobre a fala imagens do porto Gabriela – “Obrigado pela entrevista e agora é com vocês Lucas e Rafa.
23'37	Rafaella – “O santista tem muito orgulho do porto. E de sua história que se mistura com a história dessa cidade.” *Imagens do porto.
23'50	Lucas – “Para terminar a nossa série de reportagens vamos falar sobre o centro histórico de Santos. Que é a memória da cidade.” Rafaella – “O repórter Theo está nesse momento no centro histórico de Santos para contar um pouco mais dessa história.”
24'04	Theo – “Obrigado Rafa. Agora eu vou conversar com o Fabrício. O que você acha mais legal aqui no centro?” *Theo (8 anos) *Aparece a legenda Fabrício Souza de Lima Fabrício – “Olha, o centro além de ter vários casarões e prédios antigos. Com uma arquitetura de época que é muito difícil de você encontrar em outros lugares. Tem restaurantes bons, tem cafeterias. Tem muitas pessoas passeando, fazendo compras. É um lugar bem interessante.” *Imagens do centro de Santos.
24'35	Theo – “Obrigado Fabrício. Agora voltamos ai com vocês no estúdio.”
24'38	Lucas – “Bom, por hoje é só. Espero que tenham gostado.” Rafaella – “Venha apreciar que Santos tem tudo de bom. Tchau.”  *Aparece as crianças do projeto se despedindo.
OBS	*As mudanças de cena são rápidas. *A fala das crianças é muito editada. *As crianças parecem ter dificuldade de decorar fala. *A realização do programa tem a ajuda da TV Piá. *O programa utiliza elementos como a entrevista, a escalada, e cabeças. Típicos do jornalismo.

EPISÓDIO 17 – 3'20	
Reportagem Greenpeace no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DURAÇÃO:
	*Marina (10 anos) Marina – “Cena um, tack 1, Greempeace gravando.” *Cecília (10 anos) Cecília – “A gente está aqui no Rio de Janeiro com um barco muito especial que é o barco do Greempeace. Ele passa pelo mundo inteiro e é a primeira vez que ele está no Brasil.”
03'37	Narradora – “O Greempeace é uma organização mundial independente que investiga e denuncia crimes ambientais e luta por atitudes conscientes para com a natureza e o planeta” *Aparece uma animação de um barco com um radar.
03'47	Cecília – “Esse barco foi construído com mais de três milhos de colaboradores e ele é todo ecologicamente correto. Venham pra conhecer.”
04'01	*Aparece como legenda <i>Fernanda</i> Fernanda – “Bom, aqui gente vocês estão no Rainbow Warrior 3. Que significa guerreiro do arco-iris. É o mais novo navio da instituição. Ele está aqui para comemorar os 20 anos do Greempeace no Brasil. Ele é o primeiro

	navio construído pela instituição. Os outros, o Rainbow 1 e 2, eles foram comprado já feitos. E eles só adaptavam o navio para o Greenpeace. E esse é o primeiro navio construído pelo Greenpeace. *Aparece o desenho de um super herói com a legenda <i>Rainbow Warrior</i>
04'32	Narrador – “O Greenpeace foi fundado em 1971 no Canadá e conta com milhões de colaboradores no mundo todo.” *Animação do barco do Greenpeace
04'40	*Mona (9 anos) Mona – “A minha mãe e o meu pai, eles trabalham aqui. Daí o meu pai pediu pra eu visitar o barco e perguntou se eu queria ajudar aqui, e daí eu aceitei.”
04'47	*Helena (12 anos) *Helena pergunta à Flávia Helena – “O que você quer dizer com o navio ser ecologicamente correto?” Flávia – “Bom, como o Greenpeace é uma instituição que luta por questões ambientais, o navio foi todo construído com tecnologias de ponta e pra gerar o mínimo possível de impacto no meio ambiente.”
05'03	Mona – “A tinta do navio é atóxica. Então ela não é toxica para não agredir os organismos marinhos.”
05'12	Narradora – “A água no chuveiro e nos vasos sanitários do navio passa por tratamento para ficar mais limpa quando devolvida ao mar.” *Aparece a animação de um chuveiro ligado *Aparece uma animação de uma máquina no qual setas representado a água passam por ela por um encanamento até sair
05'22	Narrador – “Todo o lixo separado e entregue para cooperativas de reciclagem.” *Aparece o desenho de latas de lixo reciclado *Aparece sobre as latas o símbolo de reciclado
05'27	Narradora – “Quando venta os motores do navio são desligados e são as velas que navegam.” *Aparece a animação de uma nuvem assoprando e de um barco se movimentando pela tela *O barco possui a legenda Greenpeace
05'32	Narrador – “O que esquent a água do chuveiro é o calor gerado pelos motores do navio.” *Aparece a animação de um chuveiro, sendo que sua cor muda do branco para o vermelho indicando calor. *Aparece o desenho de um motor que também tem a sua cor mudada para o vermelho.
05'40	Flávia – “Aqui que a gente está é o L deque. O L deque, vocês podem ver aqui, tem um ponto que pode ter um pouso de helicóptero .” *Aparece a animação de um super herói com arco-íris ao fundo pousando no deque
05'46	Flávia – “Então, essa tábu a aqui onde o panda está. Ela é um monumento assim histórico pra gente. Simbolizou a primeira ação que o Rainbow Warrior fez..”
05'56	*Vídeos da ação do Greenpeace Narradora – “A primeira ação do Rainbow Warrior foi bloquear um cargueiro que iria levar ferro do porque de ... em São Luis do Maranhão. Esse carregamento seria resultado de desmatamento ilegal, invasão de terras indígenas e utilização do trabalho escravo.”
06'11	Narrador – “A estrutura com tábu a foi usada para os ativistas ficarem sentados por horas na âncora do cargueiro.” *Aparece junto aos vídeos a imagem do super-herói com o arco-íris ao fundo.
06'18	Flávia – “Esse aqui é o nosso mascote. O mascote da nossa ação. É o panda simbolizando um ativista. E a gente subiu com ele. Deixou ele também lá por um dia.” Narrador – “Os heróis do verde, já, já;” *Aparece a legenda <i>Heróis do Verde</i>
OBS	*O quadro utiliza uma criança como fonte (Mona) *A falas trazem bastante conteúdo. *As falas dos narradores servem para esclarecer e contextualizar outras falas. *As animações são eficientes para as explicações. *O quadro se preocupa com as problemáticas, dando umas contextualizadas nelas.
EPISÓDIO 17 – 14'05 (Continuação) Reportagem Greenpeace no Rio de Janeiro	
	Narrador – “De volta ao navio do Greenpeace...” Narradora – “...no Rio de Janeiro.” *Aparece a legenda <i>De volta ao navio do Greenpeace no Rio de Janeiro</i>
14'10	Flávia – “Então, esse daqui é o bote que veio do segundo Rainbow Warrior. Mas ele veio agora pra ficar aqui com a gente para ajudar nas atividades que a gente faz. As vezes a gente precisa fazer alguma atividade igual ao a gente fez lá no cargueiro em São Luiz *Video da ação do Greenpeace com a imagem do super heróis com arco-íris ao fundo voando
14'45	Flávia – “Aqui se a gente subir aqui, a gente vai sair num lugar que o pessoas, a tripulação, intitulou como makeing island. Tipo a ilha do macaco. Tem gente que sobe pra tomar sol, pra meditar, pra escrever carta para os familiares que estão longe, pra ver a vista. É muito bonito lá em cima você ficar vendo principalmente quando está velejando.”
15'03	*Helena (12 anos) Helena - “Quantas pessoas cabem aqui dentro?” Flávia – “O navio tem uma capacidade para deixar 32 pessoas aqui. A tripulação são 15 pessoas que ficam embarcadas durante um período de três meses. Tem cabines, igual um quarto mesmo. cama, tem chuveiro, tem armário. E ai fica o pessoal nas cabines lá em baixo. Aqui é a cabine do capitão. E os aparelhos que tem dentro são muito sensíveis a umidade. Então, por isso que não é bom deixar aberto. Ar condicionado, tudo numa temperatura ideal.” *São mostradas imagens do barco durante a fala.

15'40	*Mona (9 anos) Mona – “O primeiro navio, ele foi afundado pelo serviço secreto da França.”
	Narradora – “O Rainbow Warrior foi afundado em uma explosão em 1985 pelo serviço secreto francês.” Narrador – “Quando estava ancorado na Nova Zelândia.” Narradora – “Na época o navio fazia protestos contra testes nucleares realizados no Oceano Pacífico pela França.” Narrador – “O atentado causou a morte do fotógrafo do Greenpeace português Fernando Pereira.” *São mostradas imagens do navio afundado, dos danos e do fotógrafo citado.
16'03	Mona – “E o segundo foi doado e hoje em dia é um hospital.”
16'08	*Helena pergunta à Mona Helena – “Você que é do Greenpeace, a gente queria saber se você quer deixar alguma mensagem para as crianças.” Mona – “Sim, que é para lutar pelo meio ambiente para a gente ter uma vida melhor.” Flávia – “Muito obrigada pela visita de vocês.” *Bem ao fim aparece junto as repórter, o super herói dando tchau.
OBS	*Interessante a utilização do super herói para representar o barco. *Ótima a contextualização sobre os barcos. *As repórteres não participam muito. *A última pergunta parece indicada por alguém.

EPISÓDIO 18 – 11'15	
Escola para crianças com necessidades especiais no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “Numa escola do Rio, crianças com diversos tipos de necessidades especiais convivem, estudam e produzem juntas na maior harmonia.”
11'29	*Roselina (síndrome de down) *A fala é acompanhada por legenda Roselina – “Eu já fiquei em outras escolas. Eu estou desde pequena aqui e a Dona Inês me pegou no colo. Ai eu gostei daqui.” *Aparece um vídeo de Dona Inês com o a legenda <i>REC</i> em cima junto da imagem de uma bateria ‘morta’
11'38	*Andre Luiz (9 anos) Andre – “Aqui eu já aprendi a pintar, futebol, música. De manhã eu estou na outra escola e a tarde eu estou aqui.”
11'44	Narradora - “A escola Cearte reúne uma média de 300 crianças, a maioria tem Síndrome de Down. Mas nem todas, muitas vão lá por ter dificuldade na escola.”
11'53	Andre – “Estudar com crianças especiais é bom porque eu posso aprender como eles convivem. Eu já aprendi muitas coisas com eles.”
12'05	*Arthur (10 anos) Arthur – “No começo minha mãe e o meu pai se separaram porque eles brigaram. Ai eu tive que vim lá. Como é o nome mesmo. A moça que guardo o segredo que a gente conta. Pra eu não ficar lá na casa inteira todo dia minha mãe me trouxe pra cá. Eu aprendi geografia , aprendi matemática, ciências, português. As mesmas coisas que eu tenho que aprender na minha outra escola.” *Aparece a legenda <i>Psicóloga</i>  *Aparece a legenda Janaína *A fala de Janaina não é muito clara, mas se entende que ela está mandando beijo aos familiares.
12'42	Arthur – “A diferença quando eu venho pra essa escola, eu sinto mais amizades assim. Na outra eu não tenho tantos amigos.” *Arthur parece chateado.
12'50	Andre – “Amizade, ajuda.”
12'54	Arthur – “Com eles eu aprendi que a amizade é boa.”  *Menina com síndrome de down Menina – “Eu tenho amigos aqui.” *Aparece um vídeo das crianças brincando com o a legenda <i>REC</i> em cima junto da imagem de uma bateria ‘morta’
OBS	*Entre as imagens aparece Roselina mexendo em uma câmera. *Seria interessante que essas crianças entrevistassem uma as outras. *Interessante mostrarem crianças com deficiências e dificuldades. *A matéria só apresenta o lugar, seria interessante que as próprias crianças fizessem isso. *As falas das crianças demonstram um pouco da problemática de inclusão dessas pessoas, mesmo que não seja citado. *Não entendi a bateria morta como símbolo de gravando. *Indica o nome do lugar e a cidade.

Colégio Adventista que inclui crianças com síndrome de down no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DURAÇÃO:
	Narradora – “É cada vez maior o numero de escolas brasileiras que incluem crianças com Síndrome de Down na sala de aula. O colégio adventista de São Paulo está entre elas.” *Colégio Adventista do Brooklin – SP
20'08	*Allan Alexandre (6 anos/ síndrome de down)  *Luke (5 anos) Luke – “O Alexandre não fala nada.” *Maria Eduarda (6 anos) Maria – “Ele se defende assim com a gente.” Luke – “Dá um pouco de carinho e depois bate.” *Imagens de Allan olhando para a câmera
20'18	Maria – “É porque ele é uma pessoa especial.”
20'21 (OFF/N)	Gabriela - “Eu tenho mais paciência com ele. Eu acho legal porque ele as vezes é meu amigo.” *Gabriela (6 anos)
20'33	*Raquel (5 anos/ síndrome de down) *Imagens da Raquel  *Bruno (5 anos) Bruno – “Eu acho ela bonita.” *Efeito de bater foto, tornando parada e em preto e branco a imagem de Bruno e Raquel juntos.
20'44	Bruno – “Agora ela ficou um pouquinho diferente. Porque antes ela era, eu acho que ela era de cabelo curto. Eu acho que cresceu o cabelo dela.”
20'59 21'06	*Pablo Eduardo (6 anos) Pablo – “Ela é carinhosa . Faz assim e também carinho. E também dá beijo e também dá abraço.” Maria – “Um dia a gente estava assistindo DVD lá na sala. Aí ele foi e deu um monte de abraço em mim. Umas três vezes. Aí as meninas falaram: ohhhhh.” *A fala de Maria é acompanhada por legenda
OBS	*Outras criança falam das crianças com deficiência, seria interessante deixar elas falarem. *Aparece momentos de Allan brincando com o microfone.

EPISÓDIO 19 – 04'50	
Reportagem sobre Escola de Ballet Santa Teresa no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DURAÇÃO:
	Narradora – “Numa comunidade do Rio de Janeiro, as meninas aprendem uma dança muito antiga e bela. Narrador – “O flamenco.”
05'05 05'20	*Tábata (11 anos) Tábata – “Oi, meu nome é Tábata. Tenho 11 anos e vou mostrar os passos da dança flamenca.” Tábata – “O primeiro passo vai ser o sapateado.”
05'22	*Victória (12 anos/ negra) Victória – “Antes de fazer o sapateado tem que ajeitar a postura, dobrar bem o joelho. Bem leve. E sempre erguer a cabeça.
05'30	Meriellen (11 anos/ negra) Meriellen – “Tem sapateados que se chama tacon, planta e salto. “ *Aparece uma animação de uma dançarina de flamenco dançando. A animação aparece em uma página de caderno que esta sobre uma mesa com lápis ao lado. *Aparece ao fim a legenda Dança Flamenca
05'44	Tábata – “O passo que eu vou mostrar agora é a planta.” *Demonstração do passo.
05'54	Meriellen – “O flamenco também tem muitos tipos de dança. O tango, o bolero, o fandango. Que não é biscoito.”
06'02	Tábata – “E outro passo é o tacon, que é com o salto.” *Demonstração do passo.
06'12	Victória – “Temos o jeito de palma que não é comum. Os braços tem que ficar bem descolados do corpo e as palmas tem que bater entre uma e outra.” *Demonstração das palmas.
06'23	Tábata – “E o próximo passo é o golpe, que bate com todo o pé no chão.” *Demonstração do passo.
06'35	Tábata – “Eu vou demonstrar o passo tacon, planta, salto.” *Demonstração do passo.
06'45	Tábata – “Outro movimento é o floreio da mão.”
07'00	Meriellen – “Também tem diferentes tipos de giro. Tem o giro normal e o giro quebrado. O primeiro giro que

	eu vou fazer é o giro normal, e o segundo o giro quebrado.” *Demonstração do giro.
07'20	Victória – “Na castanhola nós temos vários tipos de movimento. Tipo o Pi, Pa e o Tá. Vou mostrar o Pi. Pra fazer o Pi nós precisamos da mão direita.” *Demonstração do movimento.
07'35	Victória – “Para fazer o Apis, da mão esquerda.” *Demonstração do movimento.
07'39	Victória – “Juntando os dois fica Piá que é o nome do programa.” *Demonstração do movimento.
OBS	*Poderia ser melhor contextualizado sobre a história dessa dança, apresentar outras informações e imagens. *Poderia ser acrescentado a legenda com o nome dos passos citados. *Todas as meninas que falam tem os nomes citados.

EPISÓDIO 19 – 13'35	
Reportagem sobre o passinho no Cantagalo no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “Unidade do Cantagalo no Rio de Janeiro. A garotada mistura passos de diferentes cultura e inventa um jeito novo de dançar.” Narradora – “É a dança do passinho.”
12'58	*Marcos (13 anos/ negro) Marcos – “Meu nome é Marcos, tenho 13 anos. Sou morador do Cantagalo. Vim aqui com os meus amigos dançar. Apresentar o que eu posso.”
13'12	Marcos – “Passinho é frevo, forró. Tudo que tem dança, que tem musica. Bota no passinho e vira um novo passinho.”
13'23	*Cristian (9 anos/ negro) Cristian – “Assim, veio de lá da cidade de frevo. Veio juntando com o funk. Ai veio essa.”
13'42	*Aparece a legenda <i>Cidade de Frevo=Recife-PE</i> Cristian – “Balé, tem tudo.”
13'44	*Yuri (12 anos/ negro) Yuri – “Eu já pensei em dançar balé, mas não dá não. Pra ser o melhor dançarino de passinho.” *Yuri dançando
13'57	Yuri – “Esse passo é a mistura de frevo, e balé, e hip hop. É o passinho que eu mais gosto de fazer. O passo do balé clássico é a abertura. É difícil.” *Aparece Yuri dançando sobre a fala.
	*Kauan (8 anos/ negro) *Kauan dançando até que cai. *A isso é adicionado a narração de futebol do Silvio Luiz dizendo ‘De olho no lance, minha nossa senhora, pelas barbas do profeta’. *A queda tem replay, tendo a palavra <i>Replay</i> como legenda
14'25	Marcos – “As vezes eu escuto forró, escuto musica clássica.”
14'31	Cristian – “Misturo Michael Jackson, com frevo, com passinho. Vai misturando, ai forma uma tática.
14'38	Marcos – “Voltamos depois do intervalo.
	Narradora – “O passinho das meninas das meninas.” Narrador – “Já, já.” *Aparece a legenda <i>As Meninas do Passinho</i>
OBS	*Todas as crianças tem nome citado. *Poderiam ser utilizados mais artifícios para demonstrar as danças citadas, como vídeos.
EPISÓDIO 19 – 20'35	
(Continuação) Reportagem sobre o passinho no Cantagalo no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DURAÇÃO:
	Narrador – “De volta a comunidade do Cantagalo com a dança do passinho.” *Legenda <i>De Volta ao Cantagalo</i>
20'50	Marcos – “Quando eu estou dançando eu sinto que sou o melhor do mundo.”
20'53	*Bruna (6 anos/negra) Bruna - “Eu me acho boa. Muito boa. Eu sempre ganho” *Bruna dançando.
21'00	Cristian – “Menina é importante no funk porque rebola. Tem um monte de passo novo. Mas menino não. Menino tem que repetir passo. Porque não consegue mandar direito e tem as vezes que embola. Sempre tem que ter menina. Sem menina não tem graça.”
21'22	*Maria Fernanda (12 anos/negra) Maria Fernanda – “Eu acho muito bom e já danço um tempão.”

21'26	*Ruth (11 anos) Ruth – “Eu sou boa aluna na escola. Eu sou melhor dançarina do que aluna. Quando crescer eu quero ser dançarina e bailarina”
21'33	Raiane – “Eu gosto de dançar.” *Raiane dançando
21'42	*Raiane (11 anos) Raiane – “Eu sinto que um dia eu vou ser que nem eles aí.” Cristian – “Um dia ela vai ser igual a eu.” *Legenda <i>Ele, Cristian do Passinho</i>
OBS	*A matéria não traz muitas informações sobre a experiência das meninas, nem pergunta a elas o diferencial de dançar. *A matéria mais traz opinião. *Os meninos que aparecem no primeiro bloco não tem seus nomes citados nesse.

EPISÓDIO 20 – 04'15	
Reportagem sobre o Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “Leonardo, de 9 anos, conheceu de perto o palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro. Ele foi fundado por um brasileiro que é considerado o herói das nossas fronteiras. O Barão do Rio Branco.” *Aparece a legenda <i>Barão Rio Branco</i> enquanto é mostrado um busto
04'33	*Leonardo (9 anos) Leonardo – “Esse aqui é o Barão do Rio Branco, fundador do palácio Itamaraty e o maior diplomata que o Brasil já teve”.
04'42	Narrador – “José Maria da Silva ..., o Barão do Rio Branco, foi jornalista, advogado, historiador e o maior nome da política internacional do Brasil.” *Aparece uma foto do Barão no canto direito.
04'52	Narradora – “A participação dele foi decisiva na expansão das nossas fronteiras. Do Oiapoque onde está o Amapá ao Chui no Rio Grande do Sul. Como ministro das relações exteriores, o Barão do Rio Branco defendeu as fronteiras do Brasil com a Bolívia, Perú, Colômbia, Venezuela e Argentina. Ou seja, quase todas.” *Aparece o mapa do Brasil, mostrando a cidade do Oiapoque e descendo para mostrar a cidade do Chui. No trajeto aparece o nome do Brasil. *Aparece um mapa da América Latina destacando os países citados no texto e indicando com uma seta o nome de cada um.
05'13	*Leonardo pergunta a Jaqueline Leonardo- “Qual o trabalho do diplomata.” *Aparece uma legenda com o nome <i>Jaqueline</i> Jaqueline – “Fazer com que os países sejam amigos. Vamos dizer assim.”
05'20	*Leonardo lê uma placa da exposição Leonardo – “Desde 19913 até 198, Barão do Rio Branco apareceu nas notas de dinheiro brasileiras. Essa daqui foi a última vez que o barão apareceu nas notas de dinheiro brasileiras. E essa nota foi chamada de Barão. O Barão foi até motivo de piada em televisão.” *A fala vem acompanhada de legenda *Imagem do programa com a legenda <i>O Planeta dos Homens Rede Globo</i>
05'40	Leonardo – “Nessa sala Barão do Rio Branco trabalhou, viveu e morreu. O Barão era um homem muito legal, mas onde ele trabalhava era uma bagunça.” *Imagem do escritório cheio de livros onde ele trabalhava.
05'47	Leonardo – “Aqui no museu do Itamaraty é muito lindo. Foi o Barão que fundou esse palácio, o palácio do Itamaraty, que foi a primeira sede da presidência da república. Aqui também aconteciam os grandes eventos de... nos tempos em que os homens usavam cartola e casaca. A mulheres chapéu e vestido.” *Essa fala parece lida.
06'05	Leonardo – “Esse chafariz tem um cisne negro que é muito raro, então a minha opinião é que vocês venham ver as experiências que tem nesse museu.”
OBS	*A penúltima fala de Lucas parece lida, mesmo que durante a reportagem ele demonstre se dar bem com as informações. *O quadro traz uma boa contextualização sobre o Barão. *É citado o nome da entrevistada.

EPISÓDIO 21 – 06'10	
Reportagem sobre uma exposição sobre desenvolvimento sustentável no Forte de Copacabana no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “No Rio de Janeiro tem uma exposição sobre desenvolvimento sustentável atraiu crianças de todo Brasil.” Narradora – “Essa vieram de uma escola na Baixada Fluminense.”
06'34	*Juliana (11 anos) Juliana – “Nos vamos agora fazer uma visita a exposição ‘Humanidades’ aqui no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro.”



06'40	*Julia (10 anos) Julia - "Eu acho que vai ser bem legal a exposição. Deve ter bastante coisas importantes pra gente fazer e aprender sobre sustentabilidade. Vamos lá gente, conhecer a exposição."
07'04	Juliana - "Cada sala tem um tema diferente que é ligado a preservação do meio ambiente. Agora a fila está entrando, vamos lá. E tem outra coisa importante, nessa sala não pode falar nada. Tem que ficar com muito silêncio."
07'37	*Imagens da exposição onde está vídeos estão sendo projetados nas paredes. Julia - "Aqui nessa sala é muito legal, parece que a gente está dentro de uma floresta assim. É muito real."
07'45	*Thais (11 anos) Thais - "Eu achei interessante, né. Porque parece que a gente está no ar livre. Numa floresta. Maneiro."
07'50	*Emanuele (11 anos) Emanuele - "Tem barulho de aves, de pássaros, de animais aquáticos. De tudo que vive na natureza."
07'59	*As meninas se surpreendem com uma sala de espelhos cheio de luminárias.
08'10	Juliana - "Nós vamos entrar agora em outra sala. Fala sobre diversidade brasileira." Juliana - "Eu adorei esses cubos com luz dentro que eles colocaram. Dá um efeito muito interessante."
08'19	Julia - "Eu achei legal também porque é infinito. Não acaba mais."
08'25	Juliana - "Aqui nesses cubinhos, eles tem vários nomes interessantes. Diferentes. Eu acho que nunca tinha ouvido falar desses nomes na minha vida."
	Narradora - "Já, já tem mais. Aguardem." *Aparece a legenda <i>Já Já Tem +</i>
OBS	*A primeira fala de Julia parece dada por alguém. *Nada fica claro a respeito das salas que as crianças visitam. *Elas simplesmente dão sua opinião e não informam o que aqueles espaços significam.
EPISÓDIO 21 –17'35	
(Continuação) Reportagem sobre uma exposição sobre desenvolvimento sustentável no Forte de Copacabana no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador - "De volta a exposição sobre desenvolvimento sustentável no Rio de Janeiro."
17'44	*Juliana (11 anos) *Juliana e outras meninas de óculos 3D Juliana - "Nós agora vamos entrar numa sala que fala sobre Rio de Janeiro, mas que é muito diferente porque a gente vai ver tudo em 3D."
18'00	*Interagindo com a exposição. Juliana - "Se a gente tirar os óculos a gente vê tudo em duas imagens."
18'04	*Emanuele (11 anos) Emanuele - "O legal é que parece que a gente está dentro das cenas, das fotos que tem por aqui. Elas são muito realistas." *É colocado os óculos na lente da câmera e mostrado as imagens. *São mostradas imagens do Museu do Amanhã
18'35	Juliana - "Bom, agora acabou a exposição. Eu achei todas muito legais. Mas a que eu achei mais interessante, que me chamou mais a atenção, foi a dos cubinhos com nomes."
18'47 (N/ OFF)	Julia - "A que eu achei também foi a dos cubinhos. Achei legal porque parecia que era infinito." *Julia (10 anos)
18'52	*Emanuelle (11 anos) Emanuele - "Ah, foi legal. Porque fala sobre como ajudar a gente a reservar o nosso planeta. Cuidar do planeta. Essas coisas assim."
19'01	*Eduarda (11 anos) Eduarda - "Eu achei que eles trouxeram de uma forma tecnológica, atual e conscientes as coisas que a gente tem que fazer no dia a dia. Sustentabilidade, essas coisas."
19'12	*Giovana (11 anos) Giovana - "Eu acho que ensinou uma coisa muito boa pra gente que foi preservar o planeta e que sem ele a gente não pode viver."
19'20	*Eduardo (12 anos) Eduardo - "Muito interessante para a gente levar para a sala de aula pros professores trabalharem com a gente no período do ano."
19'29	Julia - "Valeu muito a pena a gente ter saído de casa e a gente aprendeu muita coisa sobre esse país."
OBS	*Não fica nada claro sobre a exposição e como ela trabalha com sustentabilidade. *Só aparece a opinião das crianças. *Todas tem seu nome indicado. *O nome da exposição não é citado, mesmo que depois aparece na exposição o nome Museu do Amanhã. *As crianças parecem que não entenderam muitas coisas com a exposição.

EPISÓDIO 22 – 02'57	
Reportagem sobre escola de música em Taboão da Serra São Paulo	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “Em Taboão da Serra na periferia de São Paulo, a musica tornou muito melhor a vida de centenas de crianças e jovens.”
03'10	Juan – “Boa tarde, meu nome é Ruan e tenho 10 anos.”
03'14	Paulo – “Boa tarde, meu nome é Paulo Henrique e tenho 10 anos.”
03'19	Juan – “Você deve estar vendo esse muro cheio de instrumentos. É aqui a nossa escola de música e agora nós vamos mostrar para você.”
03'30	*Dentro da escola Paulo – “Estou aqui na escola a dois anos.” *Aparece a legenda <i>ONG Músicos do Futuro</i> Juan – “E eu estou aqui a 3. Agora a gente vai mostrar um pouco da escola pra vocês.”
03'43	Juan – “Vamos ver o pessoal ensaiando.”
03'50	Paulo – “Aqui é onde está acontecendo a prova.” Juan – “É a prova de coral. Como vocês podem ver, estão cantando.”
03'56	Paulo – “Eu estudo piano, canto coral e teoria.
03'59	Juan – “E eu estudo violino, canto coral e teoria. Agora a gente vai mostrar a sala de instrumento pra vocês.”
04'06	Juan – “Aqui é onde o pessoal guarda os instrumentos, e agora nós vamos ver alguns instrumentos que a ONG tem.”
04'12	Juan – “Aqui é a caixa da bateria como vocês podem ver. Aqui é o prato da bateria, que se junta. Ai quando você aperta aqui faz... Aqui como você pode ver é um trompete.”
04'25	Juan – “Agora vamos mostrar o pessoal ensaiando. Aqui é uma trompa. Ela é um instrumento de metal e de orquestra. Vamos ouvir um pouco.” *Demonstração da trompa
04'42	Juan – “Boa tarde.” Menino – “Boa tarde.” Juan – “Você toca que instrumento?” Menino – “Clarineta.” *Aparece a legenda <i>Renan</i> indicando o nome do menino Juan – “O que você acha desse instrumento?” Renan – “Muito bom.”
05'00	Pablo – “Toca um pouquinho?” *Renan toca a clarineta
	Narrador – “Outros músicos, novos instrumentos. Já já.” *Aparece a legenda <i>Novos Instrumentos</i>
OBS	*Não aparece em legenda o nome e idade de Juan e Paulo. *Renan parece desconfortável e pego desprevenido para a entrevista. *A matéria não tem nenhum atrativo como outras, como vinhetas, animações, efeitos sonoros. *Os meninos apenas mostram os lugares e instrumentos da ONG. Sem falar mais a respeito dela, de música e dos instrumentos. *As Juan e Paulo não aparentam estar confortáveis.
EPISÓDIO 22 – 12'44	
(Continuação) Reportagem sobre escola de música em Taboão da Serra São Paulo	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	*Aparece a legenda <i>ONG Músicos do Futuro Taboão da Serra –SP</i> Narrador – “De volta a escola de música em Taboão da Serra São Paulo.”
12'55	*Paulo pergunta a Micheias Paulo – “Qual o seu nome?” Micheias – “Micheias.” Paulo – “Que instrumento você toca?” Micheias – “Trompete.”
13'00	*Aparece na legenda <i>Paulo Henrique</i> Paulo – “Porque você escolheu esse instrumento?” Micheias – “Ah, porque o som me agradou no começo e também já fui influenciado pela minha família, amigos.” * Micheias tocando
13'30	*Aparece na legenda <i>Juan</i> *Juan pergunta a Valéria Juan – “Porque você escolheu esse instrumento?” *O instrumento é um violino Valéria – “Porque eu gosto.” *Aparece na legenda <i>Valéria</i> *Efeito sonoro de risadinha Juan – “Mas porque você gosta.” Valéria – “Porque eu achei o som dele legal.”
13'38	Thainá – “Porque desde pequena eu assistia concerto, e ai eu gostei.” * Aparece na legenda <i>Thainá</i> Agatha – “Porque eu sempre gostei do som dele e tentei tocar ele.”

	* Aparece na legenda Agatha
13'47	*Juan pergunta a Thainá Juan – “Qual que é a maior dificuldade de tocar?” Thainá – “É o posicionamento na mão.”
13'53	Agatha – “Eu gostaria de ser uma grande musicista, grande violinista.”
13'59	*Enquanto aparece imagens de Sidney tocando Juan – “Qual o seu nome?” Sidney – “Sidney.” Juan – “Que instrumento você toca?”
14'08	Sidney – “Marimba. E eu escolhi porque eu sempre gostei de percussão. Eu sempre fui ligado ao ritmo.” Juan – “Pra que são esses tubos aqui em baixo?” Sidney – “É por onde sai a nota. É a acústica do instrumental. Ele tem a mesma criação do piano. Aqui como não diferença entre as teclas pretas e as brancas. As de baixo são as teclas brancas e as de cima são as teclas pretas. Eu vou fazer um exemplo com a escala de dó maior.”
14'40	Marcele – “Essa aqui é a flauta transversal e ela funciona apertando um ou outros conjuntos das chaves. Vai saindo o som desse instrumento.”
14'50	* Aparece na legenda <i>Marcele</i> Paulo – “Porque você escolheu esse instrumento?” Marcele – “Porque o som do instrumento é muito lindo, igualmente a ele. Ele é do grupo das madeiras que fica juntamente com o clarinete, o oboé e outros instrumentos.”
15'02	Juan – “E ele é composto de que?” Gabrielli - “Aqui é a cabeça, o corpo e o pé.”
15'09	* Aparece na legenda <i>Gabrielli</i> Juan – “Porque você escolheu esse instrumento?” Gabrielli – “É um instrumento muito lindo, eu sempre quis tocar.” *Demonstração da flauta.
	Narrador – “E os repórteres viram músicos, aguardem.” * Aparece na legenda <i>Continua...</i>
OBS	*As pessoas entrevistadas parecem diferentes. *As informações sobre alguns instrumentos são muito superficiais, poderiam incluir mais curiosidades. *A matéria não tem muitos atrativos como outras matérias (vídeos, animações, imagens, sons). *Os meninos não parecem envolvidos com a matéria.
EPISÓDIO 22 – 22'55	
(Continuação) Reportagem sobre escola de música em Taboão da Serra São Paulo	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “De volta a escola de música em Taboão da Serra, São Paulo.
23'02	Juan – “Agora a gente vai fazer o gran finale, traduzir grande final.” *Aparece na legenda Juan Paulo – Vamos tocar uma peça chama Minueto de Bach. Escolhemos essa peça porque ela é muito bonita e muito popular.” *Aparece na legenda Paulo Henrique *Transição de cortina abrindo e aparece os meninos tocando a música
23'50	Paulo – “Eu me interessei por música desde os quatro anos. Que a minha mãe toca um pouquinho e o meu pai conserta piano e teclado.” Juan – “Eu me interessei desde os cinco, quando o meu irmão tocava violino. Mas agora ele toca violoncelo. Aí eu achei o som muito bonito.”
24'07	Paulo – “Todos os dias eu estudo piano, porque se eu não estudar passo vergonha na prova.” Juan – “Pra mim eu achei um pouquinho difícil porque não sabia colocar os dedos. Mas aí depois que eu peguei o jeito não achei muito difícil.”
24'20	Paulo – “Pretendo continuar até o fim da vida.” Juan – “Eu também. Pra você ser um grande músico na vida você tem que estudar bastante e se dedicar bastante. Se não você nunca vai ser ninguém.” Paulo – “Eu vou tocar agora um jazz.” *Paulo tocando
24'46	Juan – “Bom pessoal, espero que vocês tenham gostado da nossa escola de música e da nossa música. Muito obrigado, eu sou o Juan.” Paulo – “E eu sou o Paulo Henrique”
OBS	*Os meninos parecem mais interessados na apresentação. *Poderiam contextualizar mais, principalmente quando cita Bach.. *A matéria poderia trazer mais atrativos.

EPISÓDIO 23 – 06'50	
Reportagem sobre uma escola que adotou o nome Monteiro Lobato para a biblioteca.	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “As crianças de uma escola afastada de Niterói, no Rio, escolheram o escritor Monteiro Lobato para batizar a biblioteca do colégio.” *Escola Aldeia Curumim
	*As imagens estão emolduradas

07'02	*Enzo (9 anos) Enzo – “Agora eu vou apresentar para vocês a biblioteca da nossa escola.”
07'09	Pedro e Beatriz - “A gente adora vir na biblioteca.” *Beatriz (9 anos/negra) Beatriz – “A gente vem na mesma hora do recreio.”
07'11	*Pedro (9 anos) Pedro – “Vim, mas na hora que está quase acabando o recreio, pra pegar um livro. Ai depois eu leio ele e devolvo.” Enzo – “Eu gosto muito aqui da biblioteca.”
07'20	Enzo – “Essas são as partes infantis do jornal. Aqui tem muitos livros. Tem enciclopédias, dicionários. Aqui são livros do Monteiro Lobato.”
07'36	*Inicia a musica do Sitio do Pica-pau Amarelo enquanto aparece imagem dos personagem na parte inferior. Enzo – “O nome dele não é Monteiro Lobato. É sobrenome. O nome dele é José Renato. Ele foi um importante escritor brasileiro *Aparece na legenda <i>Monteiro Lobato</i> , aparecendo em seguida <i>José Renato</i> sobre. *Após isso aparece uma mão com o polegar para cima indicando ‘certo’.
07'47	Beatriz – “Ele foi um grande escritor.”
07'53	Pedro – “Ele que fez o sítio do pica-pau amarelo.” Enzo – “E também a Memória de Narizinho e vários outros livros.”
07'55	*Diego (10 anos) Diego – “O Menino Maluquinho foi o que eu mais gostei.” *Aparece a imagem do Menino Maluquinho. *Efeito sonoro de disco riscando. Diego – “Mas o Menino Maluquinho é do Ziraldo.” *Aparece uma foto do Ziraldo.
08'01	Enzo – “Aqui também no Monteiro Lobato. Esse é o livro do Sítio do Pica-pau Amarelo. Eu nunca li o livro. Quem sabe um dia talvez eu vou ler.”
08'11	*Aparece um desenho da personagem Emília rindo Enzo – “Olha aqui que bonito. Cuca, esse é o Visconde, essa é a Narizinho e essa é a Dona Benta eu acho. E ai de novo tem o Pedrino” *A matéria é encerrada com uma imagem dos personagens.
OBS	*As imagens dos personagens do Sítio é a mesma da nova versão, o qual estampou vários produtos. *As crianças traem algumas informações sobre Monteiro Lobato. *Poderiam aparecer mais informações, mais contextualização. *As crianças poderiam entrevistar outras pessoas. *Todos os nomes das crianças são citados com legenda.

EPISODIO 24 – 03'20	
Reportagem na Copa Santista de Futebol	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Diego – “Eu sou Diego, repórter Piá. Estou aqui em Santos na Copa Santista de Futebol.” *Diego pergunta o nome de alguns meninos em sequência, aparecendo junto uma legenda com a indicação da idade: “Gabriel” 10 anos, “Richard” 9 anos, “Luiz” 10 anos, “Lucas Frateli” 11 anos, “Gabriel” 12 anos, “André Ferreira dos Santos” 10 anos, “Igor” 11 anos, “Matheus” 12 anos.
03'53	*Diego faz perguntas Diego – “O que é preciso para ser jogador de futebol?” Gabriel 10 - “Tem que ser bom para passar no teste, né.”
03'59	Diego – “Quanto tempo você joga?” Luiz - “Desde os quatro anos.”
04'02	Diego – “Um craque já nasce sabendo ou tem que treinar?” Gabriel 12 - “Muito. Ninguém nasce sabendo. Tem que treinar para jogar bola.”
04'07	Diego – “Qual a melhor coisa de ser jogador de futebol?” Richard - “Fazer gol.” *Imagem dos meninos jogando.
04'27	Diego – “Você joga em que posição?” Lucas – “Meia.” *Aparece a legenda Meia Armador. Diego – “Que faz um meia?” Lucas – “Você arma um jogo, chega pra finalizar.”
04'36	Diego – “Que faz um ponta?” Luiz – “Ele corre e cruza. Ele dribla e chuta no gol.” *Aparece a legenda <i>Ponta-Direita ou Ponta-Esquerda</i>
04'40	Matheus – “Eu sou zagueiro.” *Aparece na legenda Zagueiro Diego – “Você gosta?” Matheus – “Mais ou menos.”

	Diego – “Por quê?” Matheus – “Por causa que fica muito atrás. Eu gosto de correr.”
04'47	Diego – “Qual a sua posição?” *Aparece na legenda <i>Atacante</i> André – “Atacante.”
04'50	Diego – “O que faz um meia atacante?” *Aparece na legenda <i>Meia-Atacante</i> Gabriel 12 – “Você fica no meio, você ataca e volta.”
04'55	Diego – “É difícil ser goleiro.” Igor – “É.” *Aparece na legenda <i>Goleiro</i> Diego – “Por quê?” Igor – “Porque é muito ruim, as bolas vem no alto. Aí tem vez que não dá pra defender. Tem vez que dá.”
05'04	Diego – “Qual sua posição?” Richard – “Lateral esquerdo.” *Aparece na legenda <i>Lateral Esquerdo</i> Diego – “Faz tanto gols assim na lateral?” Richard – “Tem vezes que eu faço.” *Imagem dos meninos jogando
05'21	Diego – “Qual a emoção de fazer gol?” Richard – “Fiquei muito feliz, fiz um gol de cabeça.” Lucas – “Você vibra.” Luiz – “Tu muda o placar. A torcida grita o seu nome.”
05'32	Diego – “Já fez muitos gols?” Lucas – “Nem tenho conta, nem conto.” Gabriel 12 – Fui artilheiro aqui do meninos da vila, na copa.”
05'37	Diego – “Tem alguma dancinha?” Lucas – “Só as vezes.” Diego – “Mostra pra gente.” *Lucas demonstra a dança
05'47	Diego – “Que outro esporte você gosta?” Luis – “Natação.” *Aparece a legenda <i>Natação</i> Lucas – “Pingue-Pong, Handebol.” *Aparece a legenda <i>Pingue-Pong e Handebol</i> Luis – “Basquete.” *Aparece a legenda <i>Basquete</i> Mathias – “Judô.” *Aparece a legenda <i>Judô</i> Lucas – “Tênis.” *Aparece a legenda <i>Tênis</i> Gabriel 10 – “Correr de bicicleta, correr deapé.” *Aparece a legenda <i>Bicicleta e Corrida</i> Luiz – “Futebol americano.” *Aparece a legenda <i>Futebol Americano</i>  *Aparece os meninos jogando
	Narrador – “Daqui a pouco. Gols, fama e garotas.” *Aparece a legenda <i>Gols, Fama e Garotas</i>
OBS	*A matéria tem Diego como um repórter. *Poderia haver mais contextualização sobre as posições. *O nome das crianças não é citado por legenda, só pela fala.

EPISODIO 24 – 13'20	
Reportagem sobre a Escolinha do Tamar na Bahia	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
13'34	*Arembepe- BA *Marcelo Miguel (11 anos) Marcelo – “Eu sou Marcelo Miguel. Sou do grupo Abolição e Capoeira.” *Celi (12 anos/negra) Celi – “Meu nome é Celi, tenho 12 anos. Sou da escolinha do Projeto Tamar. Eu jogo desde os quatro anos.”
13'41	Marcelo – “Eu faço capoeira desde 2 anos.” *Animação de crianças com chupetas e pelúcias jogando capoeira
13'50	Marcelo – “Faço capoeira frequentemente, três vezes na semana.” Celi – “Menina, menino. Tudo se misturando, pode jogar a vontade. Sem nenhum preconceito.”
13'59	Marcelo – “Capoeira é minha vida. É o que eu mais gosto de fazer.” Celi – “Capoeira mais é vida da gente. Que faz as crianças se divertirem.”

	<p>Marcelo – “A capoeira foi criada pelos escravos, pra fugir da senzala e do maus tratos dos senhores. Então eu vou mostrar para vocês como é a capoeira aqui da Bahia.”</p> <p>*Marcelo jogando</p>
14'20	<p>Marcelo – “Essa capoeira que eu pratico é a regional, porque foi criada dentro da Bahia. Alguns tem a diferença de corda. Alguns são trançados, e com duas cores já desde o começo. A gente não, usa a sequencia básica. Mais usada na Bahia. E também tem diferença de ritmos. Tem a outra capoeira chamada Angola também, que foi a primeira a ter sido criada. É mais lenta também. É mais lenta e joga no chão.”</p> <p>*Vídeos de capoeira Angola, com a legenda <i>Capoeira Angola</i>.</p>
14'44	<p>Marcelo – “Nós também aqui fazemos o maculelê, que é uma luta originada da capoeira. E agora agente usa como arte cultural.”</p>
14'52	<p>*Imagens do jogo com a legenda Maculelê que cobrem a fala</p> <p>Marcelo – “Ele é diferente da capoeira porque usa dois pedaços de madeira. Que nós aqui na capoeira chamamos de grima. Pois usamos eles para marcar, primeiro, o 1 2 3 e o quarto pra bater.”</p>
15'09	<p>*Imagens do samba cobrindo parte da fala</p> <p>Marcelo – “Depois da luta vem a diversão. Samba é como se fosse a festa. De dança, cultura e muita festa.</p> <p>*Aparece a legenda Samba de Roda.</p>
15'28	<p>Marcelo – “Agora estamos aqui na horta comunitária do projeto Escolinha do Tamar. Para mostrar que além de praticar capoeira, nos também somos alunos dedicados que cuidamos do meio ambiente. Aqui temos plantação de coentro, cebolinha. Tem muitos abacaxis aqui também. Aqui tem mais coentro e beterraba. O coentro aqui na Bahia é usado pra quase tudo. Aqui temos um feijão.”</p> <p>*Aparece a imagem de uma planta de coentro e do personagem Cebolinha da Turma da Mônica</p> <p>*Aparece a imagem de um abacaxi, seguido pelas imagens de uma planta de coentro e de beterraba.</p>
15'50	<p>Marcelo – “A gente põem adubo natural. Esterco e também produz de resto de alimentos. E o nome disso é compostagem.”</p> <p>*A imagem de Marcelo é parada e aparece a legenda <i>Compostagem=Transformar Restos de Comida em Adubo</i></p>
16'04	<p>Marcelo – “Então nós, aqui na Escolinha do Tamar, fazemos isso para nos tornarmos adultos conscientes com o meio ambiente e a natureza.”</p>
OBS	<p>*Interessante que parte de Celi falar sobre preconceito.</p> <p>*Poderia ser melhor abordado.</p> <p>*Ótimo a abordagem sobre escravidão.</p> <p>*Poderiam contextualizar, ou trazer outros elementos relacionando.</p> <p>*Poderiam esclarecer melhor palavras como abolição e senzala.</p> <p>*Ótima a abordagem e demonstração sobre a capoeira.</p> <p>*Ótimo a abordagem sobre a horta e a compostagem.</p> <p>*Marcelo parece consciente da sua fala.</p> <p>*Sua fala traz várias informações.</p>

EPISÓDIO 25 – 04'05	
Reportagem no Hospital Federal de Bonsucesso no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	<p>Narrador – “Num hospital público do Rio Janeiro, palhaços preparam-se para entrar em cena.”</p> <p>Narradora – “Eles ajudam a curar com alegria.”</p>
04'20	<p>*Palhaço e palhaça falando à câmera</p> <p>Toto – “Olá, bom dia. Essa é Cucarátia.”</p> <p>Cucarátia – “Esse é o Toto.”</p> <p>Toto – “E nós vamos trabalhar aqui no hospital.”</p> <p>Cucarátia – “Hoje.”</p> <p>Toto – “E vocês vêm coma a gente para ver um pouco como é o trabalho. Então vai. Vai. Vamos pessoal.”</p>
04'41	<p>Dani – “Meu nome é Dani, tenho 15 anos. Já estou aqui desde fevereiro. Eu gosto das enfermeiras. Sei. Lá, qualquer carinho delas.”</p> <p>*Imagens dos palhaços</p>
04'55	<p>Dani – “Primeiro perguntarei...”</p> <p>Toto – “Já vai começar?”</p> <p>Dani – “Porque ela tem esse cabelo feio? E não é peruca?”</p> <p>Dani – “Já perdeu o pente?”</p>
05'10	<p>Toto – “Pente? Tem colher aí dentro. Aí dentro tem um monte de coisa. Tem sabe o que? Tem escova de dente.</p> <p>*Aparece o desenho de objetos saindo do cabelo de Cucarátia</p> <p>Cucarátia – “Mas é porque eu tenho pouco bolso na ropa.</p>
05'19	<p>Dani – “Você e o Toto são namorados?”</p> <p>*Efeito sonoro de mola</p> <p>*Toca a música <i>Só Love do Claudinho e Buchecha</i></p>
05'27	<p>Dani – “Vocês fazem esse serviço comunitário só nesse hospital ou não?”</p> <p>Toto – “Não.”</p> <p>*Imagem dos palhaços cantando e tocando</p>
05'44	<p>Dani – “A parte chata é que eu tenho que ficar sentada aqui 4 horas. E aí quando a gente toma injeção. Eu acho que pra mim eu sou corajosa. Sei lá. Porque eu já passei por tanta coisa assim e nunca desisti de tentar se levantar. Quando eu cheguei aqui a primeira vez eu ficava, assim, meio deprimida. Porque eu não sabia como era a hemodiálise. Nem sabia que existia isso. aí quando eu fui acostumando com as coisas, fui melhorando.</p>

	*Aparece a animação de uma injeção espirrando água
06'15	*Toto pergunta a Dani Toto – “Pergunta mais séria que eu tenho que fazer. Pensa bem. Dani, qual é o médico mais bonito aqui do hospital.” Dani – “Eu não posso falar.”
06'27	*Aparece um efeito sonoro de uma voz dizendo “Ai” e rindo Cucarátia – “E fala a verdade pra gente. Bonita, assim desse jeito, você já nasceu. Você foi adquirindo isso? tem alguma dica?” *Efeito sonoro de assovios Dani – “Eu não tenho plástica não.” * Cucarátia fica surpresa
	Narradora – “Mais palhaçadas no hospital. Já, já.” *Aparece a legenda <i>Mais Palhaçadas</i>
	*Interessante eles falarem com crianças doentes, perguntarem como está sendo. *A presença dos palhaços dá um outro clima a matéria, não tornando algo triste. *A matéria poderia só contextualizar a palavra hemodiálise. *Não aparece a legenda com os nomes de ninguém. *Bom a participação dessas infâncias. *Poderia falar um pouco mais do trabalho comunitário.
EPISÓDIO 25 – 08'40	
(Continuação) Reportagem no Hospital Federal de Bonsucesso no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “De volta ao hospital de Bonsucesso no Rio.”
08'47	Luiza – “Meu nome é Luiz, eu tenho 10 anos.” Toto – “Prazer. Eu se chamo doutor Toto. Ela se chama...” Cucarátia – “Eu me chamo.” Toto – “Ela se chama Toto.”
08'58	Luiza – “A pior coisa do hospital são os exames. E a melhor quando as enfermeiras, de lá dentro, chamam algum palhaço pra vim aqui me visitar. Eles me dão revistinha, me dão lápis de cor pra mim colorir.” *Aparece um desenho parecido com Luiza, com a expressão triste e passando por uma placa de raio x que mostra os ossos. *Imagem dos palhaços cantando e interagindo com as crianças.
09'38	Luiza – “Agora eu estou me sentindo muito bem. Quando eu fico triste, porque eu moro muito longe, eles vem, brincam comigo e eu fico alegre.” *Efeito sonoro de comemoração.
09'46	*Toto pergunta a Luiza Toto – “Luiza, você costuma ir a escola?” Luiza – “Costumo.” Toto – “Qual a coisa que você mais gosta da escola?” Luiza – “Comer.” Cucarátia – “Caraca, você é muito inteligente Luiza.”
09'59	*Luiza pergunta aos palhaços Luiza – “Você tem chulé?” Toto – “Boa pergunta Luiza.” Cucarátia – “Eu tenho chulé.” Toto – “Eu não tenho chulé.” Cucarátia – “Mentira, mentira.”
10'14	Toto – “Perto do dela eu não tenho. Eu sou um chulezinho. O dela é o maior chulézão.” Cucarátia – “Eu vou mostrar uma coisa pra você ver. Até aqui vai mais ou menos um sapato. Esse daqui é o reservatório para guardar o chulé. O meu chulé é desse tamanho. Olha o dele.” *Aparece o desenho da forma de um pé sobre o calçado * Cucarátia mostra o sapato e parece um tracejado mostrando separando o reservatório na ponta, ficando essa ponta esverdeada por um filtro.
10'28	*Aparece a legenda Chulé com uma seta apontando para o calçado. Luiza – “Nossa, que tamanho.” Cucarátia – “O reservatório de chulé dele vai daqui até aqui.” Toto – “Mas eu não enxó todo. Sempre sobra um espaço.” Luiza – “Não tenho mais pergunta pra fazer.”
10'40	Toto – “Obrigado pessoal.” *Efeito sonoro de palmas e comemoração de crianças *Toto vai sair e bate na porta. Aparece a legenda <i>POW</i> junto com estrelinhas e seguido por uma risada.”
OBS	*A fala de Luiza parece um pouco editada. *A participação dos palhaços assim como a animação tornam bastante divertida a matéria. *Não aparecem legendas. *São abordados um pouco de problemáticas na fala de Luiza.

EPISÓDIO 25 – 16'50	
Reportagem Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	*Sofia (9 anos)

17'09	Sofia – “Estamos aqui na entrada da Academia Brasileira de Letras que também é lugar pra criança. Essa aqui é a estátua de Machado de Assis, o fundador.” *Isadora (10 anos) Isadora - “Será que a gente pode subir no colo dele?” *Raíssa (9 anos) Raíssa – “Acho que não.”
17'16	Isadora – “Vamos ver o que tem lá dentro?” Raíssa – “Nossa, aqui é muito chique.”
17'26 (OFF)	Sofia – “Aqui na Academia Brasileira de Letras também tem visitas guiadas para crianças, com fantasias e encenações.” *A fala aparece sobre imagens das encenações, estando os vídeos distribuídos em quatro na tela e com uma moldura antiga no entorno.
17'33 (OFF)	Raíssa - “Aqui dentro tem vários atores que nos ensinam tudo sobre a Academia Brasileira de Letras. Acreditem, aqui tem diversão para crianças.” *Imagem dos atores aparecendo o desenho de uma menino e uma menina encenando com fantasias, acima deles o desenho de balões se movimentando.
17'40	*Aparece a legenda <i>Segundas, Quartas e Sextas</i> Raíssa – “Ah, não podemos esquecer que a visita guiada só pode ser feita por crianças a partir de 12 anos.”
17'47	Raíssa – “Agora vamos conhecer a sala da posse.” *Imagens delas na sala
18'01	Sofia – “Atrás da cadeira tem um nome, que é o do patrono. Essa aqui é do Joaquim Serra, número21.” *Aparece um desenho de Joaquim Sofia – “Essa aqui é o número 37 do Tomás Gonzaga.” *Aparece um desenho de Tomás
18'10	Sofia – “Chegamos em fim a principal biblioteca da academia brasileira de letras. Tem 25 mil livros de autores brasileiros.” *É mostrada uma imagem das meninas caminhando, e depois essa imagem é passada de trás para frente
18'20	Raíssa – “Nossa, olha quanto livro.” *Aparece a imagem de pilhas de livros no entorno de Raíssa Raíssa – “Será que a gente pode ler?” Sofia – “Tem muito livro pra criança aqui. Por exemplo esse aqui. ‘Isso ninguém me tira’, da Ana Maria Machado.” *Aparece a legenda <i>Isso Ninguém Me Tira Ana Maria Machado</i> .
18'33	Sofia – “Essa daqui foi uma escritaninha que pertenceu ao grande escritor Olavo Bilaque.” *Emoldurado aparece imagens de partes da mesa e das meninas sentadas na cadeira dela, em preto e branco *Isso ao som de <i>Top Top</i> dos Mutantes *Aparece em frente ao vide emoldurado um desenho de Olavo rindo com efeito sonoro.
18'55	Narradora – “Raíssa, Sofia e Isadora se divertiram muito na academia brasileira de letras.” Narrador – “E até penetraram num coquetel cheio de comidinhas gostosas.” *Imagem preto e branco e emoldurada da meninas brincando
19'16	*Meninas comendo no coquetel Raíssa – “Somos sortudas.”
OBS	*A fala das meninas parece decorada. *As meninas trazem diversas informações sobre a Academia. *A a presença de imagens de entretenimento. *Não há entrevista. *Não há uma contextualização dos escritores citados e membros.

EPISÓDIO 26 – 04'54'	
Reportagem sobre fotojornalismo no Instituto Moreira Sales no Rio de Janeiro	
	Menina - “Hoje a gente está aqui no Instituto Moreira Sales no Rio de Janeiro para a gente ver a exposição sobre foto jornalismo.” Menina 2 - “Você topa de fazer uma pesquisa sobre fotojornalismo?” Menina 1 - “Vamos lá.”
05'09	Narradora – “O fotojornalismo inventou um novo jeito de dar a notícia, com fotos maiores que o texto e as duplas de repórter e fotografo na imprensa.” *Aparecem quatro vídeos das crianças na exposição emoldurados por jornais. *Aparece imagem de revistas antigas.
05'24	Menina 1 – “Gente, olha como as pessoas foram na inauguração de Brasília.” *Foto de pessoas encasacadas em Brasília
05'32	Menina 2 – “Olha como é engraçado a comparação de um ipad com uma câmera de 1951.” *Aparece a animação de um filme fotográfico passando pela tela. *Efeito sonoro do som do obturador.
05'36	Narradora – “A revista o Cruzeiro fez história. Durou quase de 50 anos. Até hoje é a que mais tempo ficou em circulação no país.”
05'45	*Menina pergunta a menino Menina 1 – “Que Copa é essa?” Menino – “Acho que essa Copa é a de 1950.” *Aparece o desenho de uma TV antiga emoldurando um vídeo da seleção brasileira na Copa de 58 *Aparece a legenda <i>Copa de 1958 Suécia</i>



05'55	<p>*Aparece o logo da TV Piá na TV *O vídeo encerra com um som de apito</p> <p>*Vídeo da exposição de retirantes. Menina 1 – “Essas imagens são do Nordeste.” Menina 2 – “O que eles estavam fazendo assim andando.” Menina 1 – “Eles estavam fugindo da cerca. Da Seca” *Aparece o desenho de uma cerca com a legenda <i>Cerca</i> indicando ela com uma seta. *Som de buzina *Aparece um X sobre a legenda <i>Cerca</i> e surge a legenda <i>Seca</i> indicando com uma seta um chão árido</p>
06'10	<p>Menino – “Esse foi Getúlio Vargas em 1940. Que era o presidente do Brasil. E aqui um dos casos que mais abalou o Brasil que foi a morte por suicídio dele.” *Aparece uma reportagem de jornal sobre a morte. *Aparecem fotos de Getúlio</p>
06'24	<p>Menino – “Aqui a gente tem a foto de um grande craque de futebol. Muito bom.” *Aparece a legenda <i>Heleno de Freitas</i> *Com o mesmo desenho de televisão emoldurando aparece o filme sobre o jogador com a legenda <i>Heleno (2012) Dir.: José Henrique Fonseca</i></p>
06'31	<p>*Menino pergunta a menina Menino – “Vocês sabem quem foi o Heleno de Freitas?” Menina 2 – “A pouco tempo estreou um filme dele. E eu só conheço ele por isso. E também porque o meu pai, ele ama o futebol.” *Aparece um desenho de Heleno que entra no vídeo, isso com o som de passos. *Mais imagens do filme na TV. *A mudança de cena é um pé chutando uma bola</p>
06'50	<p>Menina 2 – “Olha a Carmem Miranda gente.” * Com o mesmo desenho de televisão emoldurando aparece imagens de Carmem dançando e cantando com a legenda <i>Carmem Miranda Mamãe Eu Quero</i></p>
07'00	<p>Menina 1 – “Bem carnavalesco o jeito dela de se vestir. Como se fosse fantasias.” *Fotos de Carmem Miranda *Aparece um apetrecho de cabeça igual ao de Carmem Miranda na menina</p> <p>*Meninas cantando com a animação de maracas de carnaval, serpentinas, confetes e chupetas *Mais do vídeo de Carmem Miranda</p>
07'22	<p>*Aparece a legenda <i>Revista Eletrônica</i> Menina 1 – “Passa as folhas como se estivesse segurando mesmo uma revista.”</p>
OBS	<p>*Não é citado em nenhum momento o nome das crianças. *A informação e as pessoas citadas são contextualizadas com a narração ou os vídeos. *Tem elementos de entretenimento *Poderiam só ampliar mais a informação dos personagens.</p>

EPISÓDIO 26 – 15'55	
Reportagem sobre peixe boi no Instituto de Pesquisa da Amazônia em Manaus	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
16'20	<p>Maria Eduarda - “Atenção, começando mais um TV Piá direto de Manaus, Amazonas. Claquete 1.” *Sobre o vídeo de um peixe-boi aparece a legenda <i>Peixe Boi</i> e os desenhos de um peixe e um boi. *Depois aparece o desenho de um peixe-boi saltando entre as palavras da legenda.</p> <p>Maria Eduarda - “Oi pessoal, o meu nome é Maria Eduarda, tenho 11 anos, e estou aqui no Instituto de Pesquisa da Amazônia. E vim mostrar para vocês uma matéria muito interessante sobre a preservação dos peixes-boi. Vamos lá.” *A última frase de Maria é repetida.</p>
16'41	<p>*Aparece uma imagem em preto e branco de Maria Eduarda se preparando Maria Eduarda – “Bom, estamos aqui em meio dos tanques dos peixes-boi a onde eles podem ser estudados e preservados. Pois é um animal muito dócil, muito bom, porém muito fácil de caçar. Quase extintos. Eles estão atrás de mim.”</p>
16'58	<p>*Aparece ao desenho de um peixe-boi dentro do tanque assustando Maria Eduarda, isso com um som de grito Maria Eduarda – “Por isso tem projetos como esses que fazem com que eles fiquem preservados em tanques nessa área de preservação.” *Aparece a legenda <i>Preservação</i> *Aparece uma imagem em preto e branco de Maria Eduarda perguntando ‘De novo?’, o que leva a repetição de da palavra preservação</p>
17'10	<p>Maria Eduarda – “Eu vou tentar ficar bem perto deles, mas eu não vou nadar.”</p>
17'20	<p>* Maria Eduarda pergunta a Isabel Maria Eduarda – “O peixe-boi consegue ficar até quantos minutos, quantas horas de baixo d’água?” *Aparece a legenda <i>Isabel Bióloga</i> Isabel – “Ele consegue ficar em média 5 minutos de baixo d’água. O peixe-boi, ele é mamífero, igual a gente. Quando a gente nasce a gente toma o leite da nossa mãe. E ele é a mesma coisa. De tempos em tempos tem que subir para a superfície para respirar, porque a respiração dele é pulmonar.”</p>
17'45	<p>Maria Eduarda – “Qual a diferença do peixe boi do rio pro peixe boi marinho?” Isabel – “O peixe boi marinho é maior, a coloração dele é mais acinzentada. Pra ele se alimentar ele precisa que</p>

18'26	<p>nas nadadeiras dele, ele precisa ter unhas para tirar das rochas dos corais as algas para se alimentar. O peixe boi da Amazônia tem uma coloração mais escura. Ele não precisa das unhas, porque ele vai comer as plantas que estão flutuando na água. E o peixe boi, ele tem essa mancha na barriga que é como se fosse a impressão digital dele. Cada animal tem a sua mancha que é para diferenciar um do outro.”</p> <p>*Aparece as legendas Peixe Boi Marinha, Maior, Mais Cinza, Tem Unhas. *Aparece a foto de um peixe boi marinho *Aparece a foto de um peixe boi da Amazônia *Aparece as legendas Peixe Boi da Amazônia, Mais Escuro, Não Tem Unhas, Mancha na Barriga. Isabel – “Eles são bem curiosos. Só da gente estar sentadinhas aqui perto eles já vem se aproximando. Como na água dos rios, aqui na Amazônia, a água é bem escura; o sentido mais aguçado que ele tem é a audição. Ele escuta muito bem. E essa audição é também o que ajuda ele a escapar quando ele se senta ameaçado.” *É repetida a fala anterior de Maria Eduarda com o desenho do peixe boi assustando.</p>
18'55	<p>Maria Eduarda – “Existe uma lenda que os pescadores, quando viam um peixe boi, achavam que era sereia.” Isabel – “Nos oceanos, no mar, quando ele subia para respirar ele sempre ficava próximo de algas, que é o alimento dele. Os pescadores viam aquele animal com aquelas algas na cabeça, então acabavam até fazendo essa associação com a sereia.”</p> <p>*Aparece a animação de um peixe boi entre pedras, com algas na cabeça e maquiado. *Ao fundo da imagem aparece um mar com raios de sol e nuvens. *Efeito sonoro de assovio.</p>
	<p>Narrador – “Mais peixe boi, já, já.” *Aparece a legenda <i>Continua...</i></p>
OBS	<p>* Maria Eduarda se sai bem falando e aparenta estar confortável. * A entrevista com Isabel amplia as informações do peixe boi. * Poderia haver uma contextualização e problematização sobre a extinção. * Não aparece em legenda o nome de Maria Eduarda. * As imagens e legendas contribuem para a fala.</p>
EPISÓDIO 26 – 22'25	
(Continuação) Reportagem sobre peixe boi no Instituto de Pesquisa da Amazônia em Manaus	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “De volta a Manaus com o peixe boi.”
22'40	<p>*Maria Eduarda pergunta a Isabel Isabel - “Esses animais que estão aqui são órfãos, tiveram as suas mães caçadas. E como não conseguem sobreviver sem a presença da mãe acabam se enrolado em redes de pesca, ficam muito debilitados, se aproximando das margens do rio. E quando são encontrados são trazidos para cá, pra que lá no futuro eles retornem para a natureza de onde eles nunca deveriam ter saído.”</p>
23'08	<p>*Maria Eduarda à câmera Maria Eduarda – “Então vamos ver como é que esses órfãos que foram trazidos para cá são alimentados.”</p>
23'18	<p>Isabel – “E eles ficam aqui nessa área do berçário nos dois primeiros anos de vida aonde eles vão se alimentar basicamente desse leite.” *Imagens dos peixes boi sendo amamentados no berçário</p>
23'47	Maria Eduarda – “Eu vou tentar alimentar eles.”
24'14	<p>Maria Eduarda – “Está segurando muito forte, acho que está com fome. É muito legal” Maria Eduarda – “É áspero. A pele dele é muito grossa.”</p>
24'24	<p>*Maria Eduarda pergunta a Isabel Maria Eduarda – “Isabel, quantos anos vivem esses animais?” Isabel – “Bom, eles vivem em média, 60, 65 anos.” *Aparece a imagem de uma linha do tempo com o desenho de um peixe boi pequeno da indicação de <i>0 Anos</i>, um médio na metade e um grande com desenho de barba na indicação de <i>65 Anos</i>.</p>
24'45	<p>Maria Eduarda – “Bom pessoal da TV Piá, o fim da nossa matéria é agora. Adorei estar aqui com os peixes bois.” *Vídeo em preto e branco, mostrando Maria Eduarda rindo. Maria Eduarda – “Lembrando que, prestem bem atenção, a mulher do peixe boi não é a peixe vaca</p>
OBS	<p>* Maria Eduarda parece bem desenvolta e envolvida com a matéria. * A explicação de Isabel é ampla. * Mesmo que cite poderia abordar mais o problema da extinção. * As imagens contribuem para a explicação.</p>

EPISÓDIO 27 – 00'45	
Reportagem Exposição Green Nation São Paulo	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	<p>Elisa – “Meu nome é Elisa, tenho 12 anos.” João – “E o meu nome é João e eu também tenho 12 anos.” Elisa – “A gente está aqui agora na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.” João – “Onde a gente vai aprender um pouco a como cuidar do nosso planeta. E também vai aprender o que é sustentabilidade.” *Aparece o desenho de um planeta com um coração em volta. *Aparece a legenda <i>Sustentabilidade</i>.</p>
01'20	<p>João – “Bom, a gente está aqui numa casa onde vai acontecer uma simulação de uma inundação.” Elisa – “Olha só tudo isso. É como toda a enchente já tivesse entrado na casa e destruído tudo.” João – “E essas enchentes acontecem por causa da poluição também, porque pode entupir bueiros e ruas também.”</p>

01'40	Elisa – “E se preocupem muito antes de tocar qualquer papelzinho, qualquer coisa no chão. Porque pode causar o maior estrago para a sua vida e pra vida de muitas outras pessoas. Está chovendo muito lá fora.” *Aparece a foto de uma criança apontando para a tela com a legenda <i>Se Liga</i> . João – “E como está chovendo.”
01'56	Elisa – “Toda essa chuva caindo e inundando tudo.” João – “É uma simulação, mas é o que também pode acontecer quando você joga um misero papel de bala.”
02'08	Elisa – “Agora começou a transmitir o simulador aqui, das enchentes. Vamos ver no que vai dar.” João – “Olha, aqui ele está dizendo que é muito importante prestar atenção em todos os barulhos.”
02'30	João – “A sensação é muito boa e ruim. A simulação é boa e a sensação que você sente é muito ruim.” Elisa – “Pena que é realidade.” João – “Você já imaginou isso acontecendo dentro da sua casa?” *O vídeo com João falando é parado e ampliado.
02'48	Elisa – “Agora a gente vai dar a nossa contribuição para o meio ambiente. Vamos gerar energia através dessa bicicleta toda feita de garrafa PET.” *Aparece o desenho de uma bicicleta na ponta esquerda e de um globo na direita. Entre eles há uma barra que é preenchida conforme as crianças pedalam. *Aparece sobre a barra a legende Energia.
03'07	João – “Nossa, estou cansado. Dei muita energia minha para dar energia pro planeta. Isso mostra que a gente também tem que fazer força para preservar o meio ambiente.” *Aparece o efeito sonoro de alguém com falta de ar.
03'30	*João pergunta a Elisa João – “Você sabe o que é a pegada ecológica Elisa?” Elisa – “Eu não, e você João.”
03'35	*João pergunta a uma mulher João – “Então, o que é essa pegada ecológica aqui que você faz?” Mulher – “A gente calcula do lugar que você veio e do meio de transporte que você usou, o quanto você emitiu de gás carbônico. O quanto você poluiu só para chegar aqui. Qual meio de transporte você utilizou para vir pra cá? E de que bairro?”
03'52	João – “Eu vim de Copacabana de carro.” Mulher – “Quantas pessoas tinham no carro?” João – “Duas.” Mulher – “Não sei se vai ficar bom pro teu lado não. Você emitiu 320 gramas de gás carbônico para vir até aqui o evento. *Aparece a legenda <i>320 g de CO<sub>2</sub></i> . João – “Meu Deus, isso é muito. É muito?” Mulher – “É, né. Poderia ter vindo de algum meio de transporte público, que ia economiza e gastar menos. Poderia ter vindo de trem, ônibus, que economiza mais do que vir de carro com duas pessoas só.”
04'23	Elisa – “Tem como fazer minha pegada também?” Mulher – “Como você veio para cá e meio de transporte?” Elisa – “Táxi.” Mulher – “Quantas pessoas tinham no táxi?” Elisa – “Quatro com o motorista.” João – “Ela emitiu 140 gramas de gás carbônico e eu emiti 320. Olha a diferença.” *Aparece o desenho de um táxi a esquerda, com uma foto de Elisa e a legenda 140g de CO <sub>2</sub> . *Aparece o desenho de um carro a direita, com uma foto de João e a legenda 320g de CO <sub>2</sub> .
04'46	Elisa – “Espero que tenham gostado e foi bem bacana. Não foi João?” João – “É isso aí. Eu acho que todo mundo aqui que veio aqui e saiu daqui aprendeu um pouco mais como cuidar do nosso planeta. E com certeza eu vou sair daqui muito feliz.” Elisa – “Agora resta cada um fazer sua parte para deixar o ambiente muito melhor.” *Aparece a foto de uma criança apontando para a tela com a legenda <i>Se Liga</i> .
OBS	*A crianças parecem envolvidas e conscientes do assunto. *Poderia haver maior contextualização e problematização sobre o tema. *Não apareceu nome delas em legenda. *Não é citado o nome da mulher.

EPISÓDIO 27 – 18'40	
Reportagem sobre espaço de ciência no Pier Mauá no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	*Marina (10 anos) Marina – “Eu queria falar agora de uma poluição que muita gente não percebe. Você já tentou de noite abrir a janela da sua casa, se você mora na cidade grande, e ver estrelas?” *Imagem aleatórias de luzes da cidade. Marina – “Você não vai conseguir. Isso é uma poluição chamada poluição luminosa. A poluição luminosa, ela não permite você ver as estrelas por exemplo. Afeta humano e também afeta muitos animais. Por exemplo as tartarugas. Elas quando desovam, elas tem que seguir a luz natural para ir pro mar. Se está perto de uma cidade a praia, ela vão seguir a luz de um poste. Podem morrer atropeladas, morrer desidratadas. Tem um tipo de luz que é correto e a maioria das pessoas não usam.” *Cena de documentário com a legenda Eatlitz – Lose This Child Dir.: Yuval e Merav Nathan

19'30	Mariana – “Essa daqui é a luz mais correta para você usar na cidade grande. Com o ângulo mais ou menos de 90 graus.”
19'40	*Mariana pergunta ao um homem. Mariana – “No mundo ecologicamente correto, as cidades deveriam ser menos iluminadas?” Saulo – “Menos iluminadas e mais planejadas as iluminações, porque a tendência mundial é que se criem normas pra que se melhore a iluminação das cidades.”
19'57	Saulo – “A poluição luminosa é toda a luz que se direciona pra cima. A luminária tem que ser direcionadas somente pra baixo. O que vai pra cima é só energia desperdiçada e causa uma série de impactos como a gente pode ver. Olha aqui. A gente tem um diagrama. Quanto pior o sistema de iluminação, pior a visão do céu, e pior a visão do plano a ser iluminado.” *O diagrama mostra quatro diferentes tipos de iluminação diferenciando ente Muito Ruim, Ruim, Bom e Ótimo.
20'18	Saulo – “A medida que a gente vai planejando o sistema de iluminação, melhor a visão do céu e melhor a visão da pessoa a ser iluminada. Aquela luminária como ela disse é a mais correta. Só que não adianta a gente ter uma luminária mais correta se ela está no ângulo errado. Se ela estiver num ângulo, diferente de um ângulo próximo de 90 graus, ela vai estar ruim do mesmo jeito jogando luz para cima.
20'43	*Demonstração da noção falsa de muita iluminação. Saulo – “E aqui a gente tem a falsa noção de que quanto mais luz, mais segura a gente está.” Mariana – “Como assim? Por que você não consegue ver a pessoa? Tem mais luz, se estivesse escuro você também não ia conseguir ver.” Saulo – “Se você tem muita luz, você acaba ofuscando a sua visão. Você acaba não enxergando a pessoa. Por isso que é importante você ter uma luminária planejada.”
21'02	*Mariana entrevista duas meninas Mariana – “Eu estou aqui com as minhas amigas, Flávia e Lara. E eu queria saber, vocês sentem falta de ver as estrelas?” Flávia – “Sim.” Mariana – “Porque vocês acham que não conseguem ver as estrelas?” Flávia – “Por causa de muita luz que existe na cidade, eu acho.” Mariana – “O nome dessa poluição é poluição luminosa, que é causada pela luz incorreta como vocês já podem ter percebido.”
21'24	Mariana – “Ele tem uma palavrinha aqui para a gente.” Saulo – “A poluição luminosa, para você levar ela em termos práticos, é como se você tivesse colocado uma cortina no céu. É uma cortina feita pela iluminação artificial mal planejada. Você fechou a cortina, você fechou a sua visão do céu.”
21'46	*Imagens do céu Narradora – “E se as pessoas pudessem ver as estrelas?” Narrador – “Estariam preparadas para tal deslubrimento?”
OBS	*A fala de Mariana é bastante informativa. *Ela faz perguntas pertinentes a Saulo. *Ela se sente confortável falando, e direcionada a o que falar. *Flávia e Lara parecem envergonhadas *Não aparece legenda com o nome e idade das meninas. *Não sabemos função de cargo. *A matéria fala de um problema atual e de suas consequências. *Poderia haver o uso de elementos mais didáticos, como animações, para ajudar a compreensão.

EPISÓDIO 28 – 00'45	
Reportagem sobre Oficina de Brinquedos no Galpão Jardim Botânico no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
01'05	Arthur – “Meu nome é Arthur, eu tenho 8 anos e estou numa exposição aqui no Rio de Janeiro onde qualquer coisa pode virar brinquedo.”  Arthur – “O que é isso por exemplo? Um trenzinho de sucata. A cabine do trem é feita de garrafa de xampu. E olha esse avião de papel, todo feito de sucata.” *Efeito sonoro de trem. *Vídeo em preto e branco de Arthur brincando com o avião, com desenho de nuvens no entorno. Música ao fundo. *Arthur interage com outro brinquedo. Arthur – “Que será isso? Cobra não tem perna.” *Aparece a animação de uma cobra passando pela tela.
01'25	Arthur – “Parece uma girafa. Girafa não,zebra. Também pode ser uma lacraia isso, porque é preto e branco e tem perninhas.” *Imagem de uma cabeça de girafa. Surgindo de baixo. Depois surge a imagem de uma cabeça de zebra com som de risos. *Música funk Lacraia
01'38	Arthur – “Isso que é uma cobra. Essa cobra é feita de carretéis.” *Efeito sonoro de sibilo de cobra.
01'47	Arthur – “Olha esse disco voador, do que será que ele é feito?” *Som de disco voador.
01'55	*Mostrando um brinquedo à câmera. Arthur – “O que vocês acham que é? Olha só, parece mais um carro elefante do que só um elefante.”

	*Som de elefante.
02'00	* Arthur entrevistando um homem. Arthur – “Esse aqui que está do meu lado é o criador de brinquedos.” Deneir – “Meu nome é Deneir. Sou artista plástico e arte educador. Tudo bom?”
02'15	Arthur – “Como é que você faz isso?” Deneir – “Olha, a gente vai pegando aquelas tampinhas bem boninas que tem na nossa cozinha da casa da gente. Que são super coloridas, a gente não precisa colorir. E nesse caso aqui do peão, o que eu fiz? Eu coloquei aqui um palito de madeira, quatro tampas, cinco tampinhas, seis. Tá bonito, não tá. Então a gente junta tudo juntinho a gente faz um peão bem bacana. Olha só. Ou assim também, sem corda. Você gosta de brinquedos? Vai aprender mais comigo?” *A mão de alguém arruma o jeito que Arthur segura o microfone. * Deneir demonstra o pião. *Efeito de ruído na TV para mudar a cena
02'52	Arthur – “Eu posso falar assim: agora a gente vai ver umas imagens de como fazer?”
	Narradora – “Novos brinquedos, já, já.” *Aparece a legenda <i>Continua...</i>
OBS	*Não aparece a legenda. *Arthur só mostra as coisas da exposição. *Não há nenhuma informação que seja além da demonstração. *Não há contextualização, como reciclagem... *Não há problematização, como poluição.
EPISÓDIO 28 – 07'54	
(Continuação) Reportagem sobre Oficina de Brinquedos no Galpão Jardim Botânico no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “De volta aos brinquedos reciclados no Rio.”
08'05	*Arthur (8 anos) Arthur – “Como você fez o disco voador?” *Aparece a legenda Deneir Artista plástico Deneir – “Eu vou pegar o disco voador mais de pertinho. Oh, tem tampinha aqui, bacia, uma bacia, duas bacias. Dois pratinhos de pizza, duas anteninhas de um brinquedo. E uma sucatinha aqui em baixo.”
08'26	Arthur – “E também uma lâmpada.” Deneir – “Então, juntando tudo isso fica parecendo que é um disco voador. E aquela família ali viaja aqui dentro. A família de robô, está vendo?” Arthur – “Está mais para família de ET.” *Aparece o vídeo de Ets de um filme de animação.
08'41	Deneir – “Olha, o trenzinho é o seguinte. Nós temos várias embalagens de amaciante, tampinhas super coloridas e canetinhas que eu aproveitei. Amaciante também. E aqui é pra criança montar e desmontar. Conhecer cores. Você vê a quantidade de cores, tão bonitas. E eu não preciso pintar, porque já são bonitas. Vamos botar aqui para dar uma andadinha com ele.” *Imagens do brinquedo
09'10	Deneir – “Bom, vamos mostrar aqui. Olha só que bacana isso daqui. Pra fazer o maior barulhão. Olha o barulho. É só um conduite que usa em construção e um amaciante.” Arthur – “Ei, olha só. Eu sei que quando a gente bota no canudo, faz isso com o canudo, assopra, sai direitinho.” Deneir – “É a nervura que faz o som, se não tivesse isso daqui não faria.” Arthur – “Não. No canudo faz um som direitinho.” *Vídeo com demonstração de outra pessoa do som em um canudo
09'40	Deneir – “Você pode notar uma coisa interessante. O som desse é mais grave. O desse ai é mais agudo.” *Imagem de Arthur com brinquedos
09'10 09'15	Arthur – “Agora vamos ver uma cornetinha.” Arthur – “Gostei dessa. Como é feita? Tem uma barulho meio de África.” Deneir – “Meio África? Isso aqui na verdade, ele é um assovio. Aqui tem uma bolinha de gude aqui dentro. Quer ver? Oh, bolinha de gude. Esse aqui é um cano de PVC. Esse de obra, de água. Tem uma bolinha de gude e é um apito. Viu, a bolinha desce ai dá esse som.” *Demonstram cornetas.
10'05	Deneir – “Esse jogo aqui eu fiz só com tampinhas e madeira. É uma coisa que eu costumo dizer, sabe o que é o seguinte, que aquilo que a mãe jogaria fora como lixo, que está na cozinha essas coisas, a gente transforma em brinquedos super coloridos. Não precisa pintar porque a embalagem já é bonita né?” Arthur – “Bem que eu falei do lixo tecnológico pra mim pra eu fazer um aparelho.” Deneir – “Opa, esse tecnológico ai você vai me ensinar depois. Combinado? Vamos fazer uma oficina juntos?” Arthur – “Combinado, mas depois da gravação.” Deneir – “Fechado. Vamos só jogar um pouquinho de dama.”
11'50	*Arthur à câmera Arthur – “Depois do intervalo a gente volta.”
OBS	*Arthur fala bem menos nessa parte, fica mais a fala de Deneir. *Arthur parece um pouco desanimado em alguns momentos, parece haver um pouco de dificuldade de fala entre ele e Deneir. *Mais ao final eles vão se envolvendo no assunto. *A cena da animação citada não tem indicação de nome. *Não há alguma contextualização das falas, é somente demonstração dos brinquedos. *Não há problematização sobre poluição e reciclagem
EPISÓDIO 28 – 18'50	

(Continuação) Reportagem sobre Oficina de Brinquedos no Galpão Jardim Botânico no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “De volta aos brinquedos reciclados no Rio.”
19’07	*Arthur (8 anos) Arthur – “Bom, eu diria que isso é uma bicicleta que botaram um vaso de planta furado e um guarda-chuva daqueles de caipira. Na bacia a gente pode botar coisas, igual um triciclo. Tem dois pedaços de madeira aqui em baixo, filma em baixo. Agora é difícil descer daqui.” *Efeito de ruído na tela quando diz para filmar em baixo. *Arthur deesce da bicicleta e interage com o guarda chuva. *Imagem em preto e branco de outros brinquedos em uma tela dividida em vários retângulos.
19’50	Deneir – “Arthur, sabe o que é isso daqui? Isso aqui é um zootrópio. Isso aqui foi o início do cinema. Sabia disso. O cinema hoje é moderno graças ao zootrópio. Ai eu fiz uma montagem de um monte de sucata. Você pode notar aqui por dentro que o cavalo está. Olha lá, o cavaleiro está cavalgando. É o São Jorge cavalgando pra ir ao encontro do dragão pra duelar com o dragão.”
20’30	Arthur – “Agora vamos ver algumas imagens de como fazer arte.” *Imagens
20’40	Arthur – “Faz um favor pra mim, não vai muito longe do microfone. Deneir – “Combinado, vou tentar. Você aprendeu esse brinquedo na sua escola? Arthur – “Não, só na aula de arte.”
21’04	Deneir – “Opa, bacana. Isso daqui era um exaustor, que também pode ser feito de ventilador. Olha só, ta vendo aquelas pinturas bonitas ali. Aquelas pinturas ali são feitas nessa máquina.” Arthur – “É isso que eu ia falar.” Deneir – “É isso que nós vamos fazer agora. Certo? Combinado. Então olha só, eu dei o nome desse bando de sucata aqui de maquina de fazer arte. Aqui tomo mundo é artista. Você vai ser artista agora também.” *Os dois interagem com a máquina. Deneir – “Ta ficando bacana né? Nessa maquina todo mundo faz arte. Vamos jogar um pouco de tinta para ver como vai ficar esse negócio ai.” Arthur – “Aquele artista que fazia assim com...” Deneir – “É um artista americano chamado Jackson Pollock. Que pintava jogando cores e tintas.” *Aparece o vídeo de Pollock com a legenda <i>Pollock (2000) Dir.: Ed Harris</i> *Aparece com o vídeo a foto de Pollock com a legenda Jackson Poolock.
22’04	Deneir – “Vamos lá, joga bastante. Vamos ver o que vai acontecer. Acho que vai ficar bonito no final.” Deneir – “Vamos fazer o seguinte, vamos parar um pouco a maquina e ver o que está acontecendo com a nossa máquina.” Arthur – “Isso é uma arte moderna.” Deneir – “Isso é pós moderna. Faz o seguinte, liga a maquina ai e vamos ver o que acontece com a nossa arte. Você acha que está bom? Quer botar mais tinta? Que tal?” Arthur – “Gostei.” Deneir – “Próxima exposição de arte você já pode participar, depois você assina a sua obra.” Arthur – “Olha a obra de arte que eu fiz.” Deneir – “Na máquina de fazer arte.”
23’04	Arthur – “Agora vamos ver algumas imagens de fazer arte.”
OBS	*Arthur indica em sua primeira fala onde o câmera deve olhar. *Deneir não aguarda a resposta de Arthur para as perguntas. *A fala aos 20’30 de Arthur parece ensaiada. *Deneir não dá espaço para Arthur.

EPISÓDIO 29 – 04’45	
Reportagem sobre exposição do Modigliani no Museu Belas Artes do Rio	
	Narradora – “No Rio, crianças da escola judaica Elieser Marques vão conhecer a obra de um grande artista italiano. Modigliani, um mestre da arte do retrato.”
05’02	*Daniel (10 anos) Daniel - “Nós estamos saindo agora da escola para ir no Museu de Belas Artes do centro para ver a exposição do Amadeo Modigliani.” *Imagens com trilha
05’09	Daniel – “O Modigliani foi muito caracterizado por desenhar mulheres com pescoço longo e não desenhar o olho para das um ...especial. Ele é o principal pintor judeu que existiu no mundo.” *Com a tema em wipe, aparece pinturas a direita com a legenda Amadeo Modigliani. *Tela em wipe, mostra desenhos nos quais as crianças imitam Modigliani
05’43	*Dentro do ônibus do passeio Joaquim – “Meu nome é Joaquim da Fonseca. Mentira, meu nome de batismo é Joaquim de Freitas e tenho 12 anos.” *Aparece Joaquim como desenho de roupa e militar e bigode sobre, lembrando a figura histórica.
05’53	*Julia (11 anos) Julia – “A gente está indo para a exposição do Modigliani. A gente estudou sobre ele na aula de artes.”
05’59	*Juliana (11 anos) Juliana – “Bom, eu nunca fui lá, mas eu acho que vai ser bem legal.
06’02	*Laura (11 anos) Laura – “Olha, pra criança eu acho melhor parque.”

	*Som de mola.
06'12	*Daniel pergunta a outras crianças Daniel – “O que pra você é arte?” *Daniel (11 anos) Daniel 11 – “Arte não dá pra descrever, porque é uma coisa muito legal.”
06'17	*Nicole (11 anos) Nicole - “Arte pra mim é a pintura que a pessoa faz. Expressão do seu sentimento, interesse.”
06'25	*Lucca (11 anos) Lucca – “A arte é expressar os sentimentos de uma forma que todos podem ver.” Joaquim – “Mas arte é uma coisa que você rabisca e ganha dinheiro com ela. *Som de mola.
06'40	Daniel – “Esses daqui são desenhos da infância e da juventude de Modigliani. Ele ainda estava na Itália, tinha 15 16 anos quando pintou esses desenhos que ele ainda usava lápis. São esboços pra outros desenhos e pinturas. Esse quadro também é uma figura que o Modigliani fazia muito que é das mulheres nuas.”
07'00	Daniel – “Modigliani gostava muito de retratar sua infância e seus parentes. Esse daqui é o pai.” *Tela em wipa, aparece no vídeo direito uma imagem do quadro do pai. *Tela horizontal em wipe com as crianças passeando no museu
07'15	*Nicole pergunta Nicole – “Você acha legal sair da sala de aula e vir aqui conhecer os pintores pessoalmente?” *Gabriela (10 anos) Gabriela – “Eu acho muito bom, porque além da gente ver na sala de aula a gente vê a pintura originalmente. Porque na sala de aula a gente não vê de verdade, a gente só vê e só falam pra gente como é. Mostram figuras. E aqui a gente vê tudo de verdade, em tamanho real. E a gente conhece um pouco mais da história dele. Como ele fazia.” *Vão passando imagens dos quadros
07'40	*Mariana (11 anos) Mariana – “Gostei muito de saber como ele pinta as coisas, os efeitos.”
	Narrador – “Depois do retratista, o paisagista. Aguardem.” *Aparece a legenda <i>A Arte De Um Paisagista</i>
	*O som de mola marca uma opinião diferente da ‘certa’ *Aparentemente alguém corrige Daniel aos 06'40 *A contextualização está na fala de Daniel, mas poderiam ter sido trazidos mais informações a atrativos. *Não há tanto destaque da obra, mais das falas.

EPISÓDIO 29 – 10'55	
Reportagem exposição Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
11'06	Diana – “Oi, meu nome é Diana e tenho 8 anos. Estamos aqui em Paris no Museu d’Orsay.” *Aparece uma foto emoldurada do museu, com uma bandeira da França e a legenda Museu d’Orsay Paris Diana – “A televisão é pura mágica.” *Aparece a animação de uma televisão com uma cartola e uma varia de mágica dentro as quais encostadas fazem sair um coelho. *Aparece a legenda Centro Cultural Banco do Brasil - RJ
11'09	Narradora – “E os impressionistas da França viajaram para o Brasil e levaram milhões de pessoas ao museu em São Paulo e no Rio de Janeiro.” Narrador – “No Rio de Janeiro, os impressionistas da França passaram pelo Centro Cultural Banco do Brasil numa exposição que encantou as crianças.” *Aparecem imagens de quadros impressionistas.
11'27	*Kamille (10 anos) Kamille – “Tudo começou com esse pintor Claude Monet.” *Aparece a legenda Claude Monet Diana - “Ele imprimia no quadro o que ele via, o que ele pensava e o que ele sentia.” *Mostrada pintura de Monet e aparece a <i>legenda Gare de Saint Lazare Claude Monet</i> Kamille – “Por isso que se chama impressionismo.”
11'40	* Diana pergunta Diana – “Wallas, o que você sabe mais de impressionistas?” Wallace – “Eu sei algumas coisas, mas eu sei algumas coisas porque eu vejo. Eu também sei que ele imprimiu ai nesse quadro as fumaças, as fumaças do trem.” *Animação de fumaça saindo do trem do quadro. Diana – “Isso foi um novo jeito de pintar?” * Diana se confunde na pergunta e aparece o som de alguém dizendo ‘ah?’
11'59	Wallace – “Foi um grande novo jeito. Eles estavam inventando ou outro jeito de pintar. Pinturas mais livres, mais soltas, pinceladas grossas. Eles estavam experimentando.” Kamille – “Qual a diferença entre Monet e Manet?” *Aparece um desenho do pinto a esquerda com a legenda <i>Monet</i> e de outro pinto a direita com <i>Manet</i> Wallace – “Isso é muito bom saber, as pessoas confundem. Aqui é o Monet, lá na frente nos vamos conhecer o Manet.”
12'27	* Diana pergunta a Kamille Diana – “Qual o quadro você acha mais bonito? Manet ou Monet?” Kamille – “Os dois, porque os dois são arte.” *Imagem do quadro com a legenda <i>O Pifano 1866 Edouard Manet</i>

12'36	<p>*Meninas perguntam Kamille – “Qual a importância desse quadro pra arte?” Wallace – “Esse quadro é importante porque ele está experimentando outros personagens pra pintar. Antigamente, antes desses quadros, se pintavam temas religiosos, reis, rainhas, gente importante. Agora não, olha só. Pintou uma pessoa comum. O tocador de pífaro, um menino do exército que toca na banda.” *Aparece na parte inferior quadros religiosos, de reis, rainhas e pessoas importantes.</p>
	<p>Narradora – “É a exposição continua. Aguardem.” *Aparece a legenda <i>Já Já... e Renoir+Gauguin</i></p>
OBS	<p>*No início aparece Diana dando o microfone a outro menina ao qual não aparece a fala. *Não me parece que as meninas tem autonomia com as perguntas. *Wallace parece bem acessível com a informação e parece atrás as próprias meninas. *Poderias haver maior contextualização, explicando a razão dos artistas estarem no país.</p>

EPISÓDIO 29 – 15'40	
(Continuação) Reportagem exposição Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “De volta a exposição dos impressionistas no Rio.”
	<p>*Kamille (10 anos) Kamille – “Nos estamos de volta no impressionismo.” *Diana (8 anos) Diana – “O pintor de agora é o Renoir. Esse retrato aqui por exemplo é de um menino. Ele adorava pintar crianças. Olha essa duas meninas no quadro tocando piano. Fiquei impressionada como ele consegue desenhar as mãos. Eu adoraria ter esse quadro no meu quarto. Mas deve valer uma fortuna” *Aparece a legenda Pierre Auguste Renoir *Aparece só o retrato e junto a legenda <i>Retrato de Fernand Halphen, 1880 Pierre – Auguste Renoir</i> *Ao quadro das meninas aparece a legenda <i>Moças ao Piano, 1892 Pierre – Auguste Renoir</i> *Aparece o desenho de um quarto com o quadro na parede e uma foto do rosto de Diana olhando para ele. *Aparece em frente ao vídeo um grande cifão de dinheiro com a animação de notas caindo. *Junto o som de caixa registradora.</p>
	<p>Narrador – “Monet e Manet chegaram a ser amigos.” Narradora – “É a arte deles até era um pouco parecida. Que confusão”</p>
16'25	<p>Diana – “Agora nó vamos falar de Gauguin.” *Aparece a legenda Paul Gauguin</p>
16'29	<p>Diana – “Esse quadro pra mim ele é muito colorido, muito bonito. E parece que são duas trabalhadoras fofocando.” *Aparece o retrato com a legenda <i>Camponesas Bretãs, 1894 Paul Gauguin</i> *A meninas repetem a cena do quadro.</p>
16'40	<p>Kamille – “Essa pintura se chama camponesa de Brestas . Bretãs. O que é Bretã.” *Som de alguém falando ‘há?’ para a pronuncia errada Diana – “Não sei.”</p>
16'54	<p>*Perguntal a Wallace Wallace – “Essas bretãs que vocês falaram é a Bretanha. Um lugar da França onde o Gauguin foi para descobrir novas paisagens e conhecer esse lugar.” *Aparece uma mapa da França com a legenda França sobre a bandeira balançando do país e apontando com uma seta para o mapa. *No mapa é indicado a região com a legenda Bretanha e uma seta.</p>
17'04	<p>Diana – “Agora vamos conhecer o Van Gogh.” Kamille – “Se reparar bem só há uma mulher que está olhando pra frente com os olhos abertos.” *Aparece sobre a fala um quadro com a legenda <i>O Salão de Dança em Arles, 1888 Vicent Van Gogh</i></p>
17'11	<p>*A imagem da mulher é destacada e ampliada, tendo por animação os olhos piscados. Diana – “Van Gogh trouxe o amarelo. Trouxe a luz.” *Animação de uma balde com tinta amarela que ‘joga’ tinta na tela e no lugar aparece também uma lâmpada que brilha.</p>
17'17	<p>Diana – “Parece um bando de gente olhando e dançando.” *Diana dança e toca uma musica ao fundo.</p>
17'24	<p>*Kamille pergunta a Wallace Kamille – “Que lugar era esse?” Wallace – “Diana acertou, era um salão de dança.” Kamille – “Porque ela está olhando pra frente?” Wallace – “Não sei.” *Som de risadas.</p>
	<p>Narradora – “Continua.” *Aparece a legenda Já, já.</p>
OBS	<p>*A informação parece repassada por alguém. *A meninas parecem mais confortáveis e envolvidas. *Ótimo a abordagem sobre os quadros e a informação de nome e ano. *A Wallace acrescenta as informações. *Não é informado o nome de Wallace por legenda.</p>



EPISÓDIO 29 – 17'37	
Reportagem sobre o artista Bel Borba em Salvador na Bahia	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narradora – “Encontramos na cidade do senhor do Bonfim um artista plástico que faz a sua arte nas ruas. Ele se chama Bel Borba e é amado pelas crianças.” *Aparece uma obra do artista com a legenda Obras de Bel Borba Salvador-BA
18'00	*Pedro (11 anos) Pedro - “Está aqui do meu lado um dos maiores artistas da Bahia inteira, Bel Borba. E ai Bel? O que te inspirou a fazer essas obras que o senhor faz hoje?” Bel – “É a minha própria cidade. As coisas que acontece no dia a dia numa cidade grande como Salvador. Se você está antenado, se você está ligado nas coisas do nosso tempo, do nosso mundo, da nossa cultura, você está sempre afiado. Sempre cheio de inspiração.” *Imagens de documentário emoldurado por uma TV e com a legenda Documentário: Bel Borba Aqui Dir.: André Constantini e Burt Sun
18'23	Pedro – “O senhor gosta muito de fazer arte na rua?” Bel – “É, é verdade. Isso acabou virando uma das minhas principais características. Hoje em dia as pessoas passam mais tempo fora de casa do que dentro de casa, né? E as vezes as pessoas se esquecem de olhar ao redor, olhas pra cima e estão preocupadas com horário. Tem que capturar a atenção dessas pessoas no seu momento de deslocamento, distração. E pego ele e levo ela para outra dimensão no meu trabalho.” *Imagens do trabalho de Bel, docuemntário.
18'47	Pedro – “Você brinca muito ou conversa muito com os amigos no trabalho?” Bel – “Pra mim criar é uma coisa muito divertida. Brincar, se divertir, estimular a nossa fantasia, o nosso imaginário. Fiz alguns carrinhos, fiz alguns bichinhos. É engraçado você estar fazendo uma coisa divertida, simples, lúdica. Com aquele material que material que é típico de acidente, de demolição, de explosões, de guerras e acreditar na sensação de que estava revertendo a coisa.” *Fotografia dos carrinhos.
19'14	*Mais imagens do documentário. Pedro – “Então o senhor fez muitas obras em ruas.” Bel – “Acabei ganhando esse rótulo de artista que espalhou as coisas pela cidade. As ruas, as paredes eram a minha principal oportunidade que a minha obra fosse vista.” *Imagens do documentário Pedro – “Obrigado Bel.” Bel – “Foi um prazer.”
OBS	*Entrevista breve complementada pelas imagens do vídeo. *Poderia haver perguntas mais amplas sobre o trabalho dele ao invés de só enfatizar a arte na rua.

EPISÓDIO 29 – 19'34	
(Continuação) Reportagem exposição Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Narrador – “De volta a exposição dos impressionistas no Rio.”
19'40	Diana – “Agora nós vamos conhecer o Cézanne. O nome desse quadro é natureza morta.” *Aparece a legenda Paul Cézanne
19'48	*Diana pergunta Diana – “Poque você acha que o nome dessa pintura muito bonita se chama natureza morta?” *Diana (8 anos) Wallace – “Olha, esse nome quadro vem da ideia de que você monta essa cena. Você pega elementos que você tem em casa que pode ser da natureza, monta uma cena como a gente está vendo no quadro do Cézanne e reproduz. Pinta, copia. *Aparece o quadro com a legenda <i>Natureza Morta, 1877 Paul Cézanne</i> *Aparece na legenda Wallace
20'13	Kamille – “Que é isso?” Diana – “Isso daí pra mim é um bosque em cima de uma montanha de pedras. Esse é o outro quadro do Cézanne. O nome do quadro é...” *Aparece o quadro com a legenda Paul Cezanne, 1904 *A meninas vão lendo devagar, uma a uma, e palavra por palavra o nome do quadro em quanto se scuta o efeito sonoro de ronco e legendas com o nome se completando vão aparecendo. O nome é Rochedo Perto das Grutas Acima de Château Kamille – “Château é chêteaou. Isso é frances.” *Som de palmas e comemoração. *Kamilla (10 anos)
20'46	*Kamille pergunta a Wallace Kamille – “Wallace, o que é isso?” Wallace – “Olha, o nome desse quadro é As Bailarinas Subindo Uma Escada. É do Edgar Degas, um artista muito importante e muito famoso também.” *Aparece o quadro com a legenda As Bailarinas Subindo Uma Escada, 1886/1890 Edgar Degas *Aparece sobre o quadro a animação de bailarinas subindo.
20'55	Diana – “Parece que ela caiu no buraco e está tentando se levantar.” *Aparece a imagem da bailarina do quadro passando pela tela e caindo para baixo da tela onde só aparece seu busto pedindo ajuda. *Wallace ri. Wallace – “Mas você descobri uma coisa. O Edgar Degas, ele queria imprimir o movimento das pessoas.” Diana – “O que tem mais do Edgar Degas?”

21'20	Wallace – “Nós temos um lugar muito legal que é baseado nessa pintura, lá no segundo andar. A gente pode lá ver. Vamos?” Kamille – “Pra conhecer esse lugar eu vou chamar mais um amigo, Reinaldo.” *Reinaldo (11 anos/ negro) Reinaldo – “Vamos embora gente.”
	Narradora – “Continua.” Narrador – “Daqui a pouco.” *Aparece a legenda <i>Já Já Tem Mais</i>
OBS	*As meninas parecem um pouco cansadas. *As perguntas parecem repassadas. *Wallace se abaixa para falar com a meninas. *A fala dele é bastante acessível.

EPISÓDIO 30 – 10'25	
Reportagem sobre escritora infantil em São Paulo	
TEMPO:	DESCRIÇÃO:
	Vitória – “Olá pessoal. Meu nome é Vitória e hoje eu estou aqui em São Paulo na casa de uma das maiores escritoras infanto juvenil brasileira. Tatiana Belink.”
(OFF)	Vitória – “Tatiana Belink é uma das maiores escritoras infanto juvenil do Brasil. Ela já escreveu mais de 270 livros. Hoje, aos 93 anos ela continua trabalhando e está cheia de ideias e projetos. E tem uma memória incrível.”
10'50 10'55	*Vitória entrevista Tatiana Vitória – “E escrever histórias, a senhora escreve desde pequena? Você gostava de escrever?” Tatiana – “Aprendi a ler com 4 anos, com 5 estava escrevendo. Em russo e alemão. Comecei a escrever né, em espelho, de trás para adiante. Como eu ouvia. Mas meu pai que era muito sábio, não disse se vire e se torça não. Ele disse: ‘experimente a outra, vocês tem duas’.”
11'16 (OFF)	Vitória – “Tatiana nasceu na Rússia e veio para o Brasil ainda quando era criança. Ela começou escrevendo cartas para parentes e amigos que ficaram na Europa. Depois começou a traduzir livro para língua portuguesa. Só ai que criou coragem e começou a escrever os seus próprios livros. Entre eles estão os ‘Dez Sacizinhos’. Vale a pena ler. *Animação de Tatiana criança com um livro com o nome Rússia bem grande ao fundo com céu azul. *Passarinhos voando levam até o nome Brasil bem grande sobre um solo da bandeira nacional. Nesse lugar aparece a animação de Tatiana criança. *Aparece duas fotos antigas de Tatiana emoldurada e tendo ao fundo um vídeo. *4 fotos atuais de Tatiana sobre o vídeo e ‘prendidas’ por grampos.
11'37	Vitória – “Você lembra qual foi o primeiro livro que você escreveu?” Tatiana – “Foi muito depois, porque eu escrevi muita carta, muita crônica, escrevi muito poeminha. Livro, eu nem tinha tempo de pensar em livro. E quem dizia que uma coisa nenhuma como eu ia escrever livros?! Nem me passou pela cabeça. Porém, como me pediram traduções, isso eu fiz desde o começo.”
12'05 (OFF)	Vitória – “Um dos grandes heróis de Tatiana foi Monteiro Lobato que escreveu o Sítio do Pica Pau Amarelo. Ela pode conhecer pessoalmente esse grande escritor brasileiro.” *Aparece um desenho de Monteiro Lobato *Aparece trecho na animação do Sítio.
12'12  12'59	Vitória – “Como que é escrever para crianças e qual a diferença que é escrever pra criança e pra adulto?” Tatiana – “Eu nunca escrevi para adulto. Eu sempre escrevi para um público que incluía qualquer idade. Escrevia do jeito que eu falo, como eu falaria com eles. Não tinha ideia de escrever para adulto, escrever para criança. Aconteceu que caiu no gosto das crianças. E no fundo, no fim do fundo, todos nós somos crianças. Se eu te contar uma boa história de criança você vai gostar também. E uma boa história é boa pra qualquer idade. Você imagina quanta coisa eu ainda não escrevi ou gostaria de escrever?! Toda hora acontece alguma coisa que vale a pena fazer um versinho, ou fazer uma crônica, ou fazer um limerique.” Vitória – “O que a senhora acha que forma a fantasia, a imaginação das crianças? E por que tem alguns personagens como por exemplo fada, bruxas, dragões, seres que fala, que chama tanta atenção?” *Aparece a imagem sobre a tela da fada Sininho, da bruxa do Chaves e do dragão do Shrek. Tatiana – “Eu, quando era pequena, eu queria ser bruxa. Por que você pensa que eu tenho tantas bruxas ai? Minha mãe as vezes ficava brava. Mas quando ela achava ruim alguma coisa de mim ela dizia: ‘Você é uma bruxa, você é uma cobra’. Eu disse: ‘Cobra eu não sei, mas bruxa, se você acha que eu sou bruxa, eu vou querer ser bruxa. Ai o meu pai disse, ‘mas por quê bruxa? Por que não fada?’. Eu disse: ‘Porque fada é chata, fada é boazinha o tempo todo. Eu não quero ser boazinha o tempo todo. Eu quero ser ruizinha de vez em quando. E bruxa pode ser bonita, pode ser feia, pode ser muito ruim e pode não ser também se quiser.’” *Imagens de bonecas de bruxas na casa da escritora com a animação de um morcego, seguido pelo desenho de um castelo assombrado. *Aparece um desenho de chapéu de bruxa sobre a cabeça de Tatiana e o desenho de uma cobra assustada do lado direito. *Aparece o desenho de uma bruxa feia voando numa vassoura a esquerda e uma bonita voando a direita. Entre as vassouras surge um raio. *Aparece o desenho da bruxa da Branca de Neve com a maçã à direita e se escuta o som de risada de bruxa.
13'53	Vitória – “O que a senhora acha que é ser criança?” Tatiana – “Melhor coisa do mundo, eu sou criança até hoje. Espero ser até me mudar dessa pra melhor. Porque melhor do que ser criança não existe.” *Aparece uma foto de Tatiana criança com a legenda Tatiana Belinky aos 4 anos
14'06	Vitória – “E a senhora acha que os livros são importantes nesse ser criança?” Tatiana – “Eu nunca vivi sem livro. Livro faz parte do ar que eu respiro.”

(OFF) 14'36	<p>Vitória – “Depois de muita conversa a Tatiana me mostrou sua linda biblioteca.”</p> <p>*Aparece Vitória lendo um texto enquanto em um pergaminho em meia tela vão aparecendo o texto lido.</p> <p>Vitória – “A gente passou uma tarde muito legal. Ela me mostrou fotos e lembrou de momentos bonitos da vida e do trabalho dela. Eu me diverti muito. Espero que vocês também. Tchau TV Piá.</p> <p>*Tatiana, com um desenho de chapéu de bruxa dá tchau para câmera. Efeito de brilho em volta da mão dela da a intenção de mágica junto com o som de sininhos.</p>
OBS	<p>*A fala de Tatiana é acompanhada de legenda.</p> <p>*A perguntas de Vitória são muito boas.</p> <p>*Os offs da matéria é realizado por ela, como fazem os jornalistas.</p> <p>*Sua fala é bastante informativa.</p> <p>*A matéria trás elementos divertidos como animações.</p>